



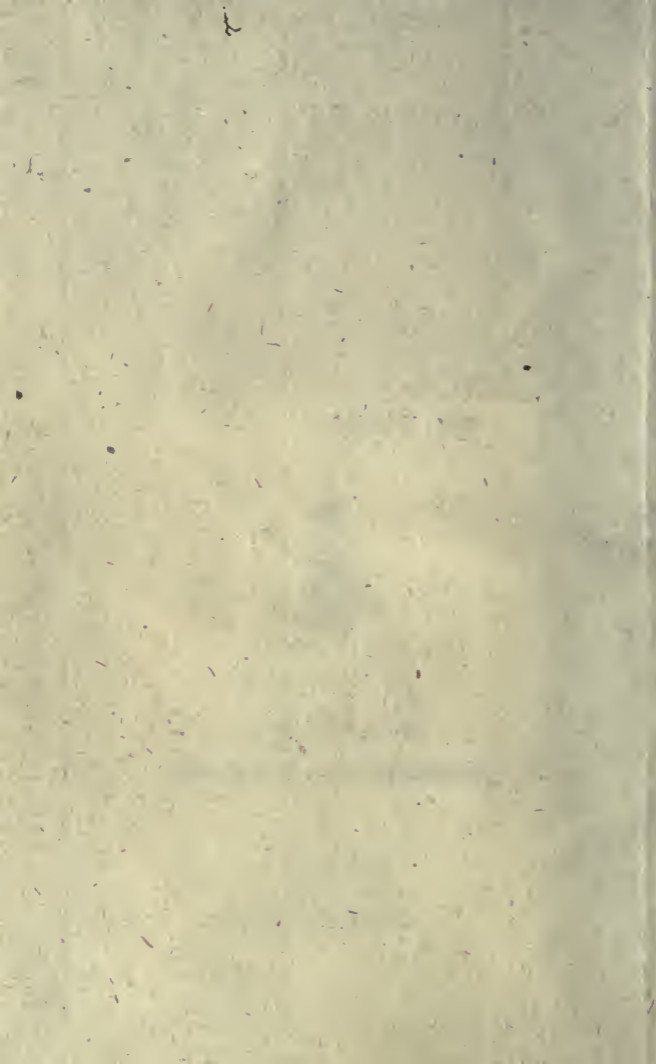
Will
206/2
206/2
RB197.189



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton





EUROPA ROUBADA, GRITOS DE SEU POVO.

P O E M A

DIVIDIDO EM SEIS PARTES:

- I.^a Alexandre na França,
- II.^a Lagrimas de Napoleão,
- III.^a Lagrimas de Maria Luíza d' Austria;
- IV.^a Napoleão em Portugal; *hoc est*, a guerra do velhaco,
- V.^a Napoleão em delirios; *hoc est*, a casa dos Orates,
- VI.^a Derrota final de Napoleão em *jocosério*,

Que aos Portuguezes expõe em Oitavas.

JOSÉ MANOEL CHAVES

*Natural de Valdetelhas, Comarca de Moncorvo;
e Medico do Partido da Villa de Grandola,
Comarca de Setubal.*

L I S B O A :

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1817.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se em Lisboa na Loja da Real Impressão, na Arcada; na de João Henriques, na Rua Augusta, N.º 1; no Porto na da Viuva de Alvares Ribeiro, junto aos Loios; em Coimbra, na de Aillaud; em Fâro, Chaves, e Elvas, onde competir; em Evora, na do Livreiro de Alconchel; no Rio de Janeiro, na de Manoel Mendes do Rosario; em Londres, e em Madrid onde competir.

EUROPA ROUBADA.
ARTOS DE SEU BOVO.
P O E M A

Protesto, que todas as expressões,
que lanço neste Poema, denotando Fábula
Poeticas, são somente para abrihantar
sua energia: tudo sujeito as Doutrinas
da Santa Igreja de JESUS CHRISTO
Nosso Salvador como verdade que he
a Romana.

O PORTUGUEZES!

Dulce, et decorum est pro Patria mori.

Horac.

Cantabo nobile bellum.

Horac.

1817.

IN ACROSTICHIS:

LUSITANORUM INVICTÆ FIDELITATI

DICIT AUCTOR.

Lucifer ex Orco in Nòs dirus pullulat exul
C... Undique Jehova Potens nòs fovet ultro Litu.
Ssuscitat Europa incenditque, heu! Fulminis iras
I... Immensi validi: Lysia, cerne Tibi
TTempestas ventis mota atra pericula sumit.
V... Apolion dentes fulmina dantur atra.
NNotus in Europa fremit hic dirus *Leviáthan*.
I... Impulit in Reges; omnia fundit humi.
VAh Lusi! heu nil Nobis sunt nisi crimina nostra,
F... Funditus indurant Cor unà quale *Sièf*
IIndurat visum: heu dantur signa horrida belli,
D... Desuper heu punit Dextra! Videte David.
EEx venia Alti Jehovæ stat nos bella fugare;
L... Lusi ó flete (nunc: esto favore Michael
IJustitiam cum *pénitet* istam placat Olympi
S... Submissus animus; dum petit ante pedes.
EErgo convenit attritos peccata fugere;
T... Tot namque horrida apud *Jehova* nefaria sunt.
IIncidat Apolion nunc stagna Superba Cocyti
N... Ninive nos docet hic Astra subire *Chanaan*.
VVobis Regni Ultores (tali animata tumultu
I... Ista juvenus) Sit gloria dulce mori.
CCorde ut Lysia gratos versus Cálliope fac;
T... Tales, quot merito sunt, bene gustu habeat.
VAccipite ex me nunc, hoc peto, quale Poema.

L
U
S
I
T
A
N
I
A
F
I
D
E
L
I
S
E
T
I
N
V
I
C
T
A.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR D. NUNO CAETANO ALVES PEREIRA DE MELLO, DUQUE DE CADAVAL, MARQUEZ DE FERREIRA, CONDE DE TENTUGAL, etc., etc., etc.

ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR

O Poema = Europa Roubada, Gritos do seu Povo = he effeito da minha volatil coragem, animada do zelo, e fiel vassallagem, que professo á magnanima, e muito candida Pessoa do Senhor D. João VI., hoje Rei de Portugal, Pai da Patria, Protector dos seus Povos, e amparo d'alguns meus Filhos. Esta obra, supposto mostra humá sátyrá ao tyranno Napoleão, que nos quèria devorar, e usurpar os Direitos da Corôa Portugueza, penso ser digna de imprimir-se para assim ficar nos Fastos Portuguezes mais adoçada a memoria de tão atroz accção, que contra Portugal commetteo aquelle imaginario Dèspota da Europa: penso que não ha exemplo nas historias de Monarcas honrados da Grécia, Roma, Troya, Carthago, America, e Mauritania, que houvessem rompimentos de guerra a furtar hum Reino, promettendo-lhe préviamente protecção sem ser pedida; e depois

TO-LENTINHO E BALEARENSES DE
MOR L. NUNO CANTAL DE ALBUQUERQUE
DE ALBUQUERQUE, DOUTOR EM LEY,
MAGISTRO DE FREIXEIRA, CONDE DE
LANTERNA, etc., etc., etc.

ILUMINAÇÃO E EXERCÍCIO

entrando em paz, levantar as armas para
possuillo como proprio; e obrigar huma De-
putação dos Grandes a ir supplicar a posse
deste furto. Isto porém praticou contra Nós
o traidor Napoleão, a fim de conduzir ás
masmorras de França ao nosso amado Prin-
cipe Regente e Senhor, e levar agrilhoado
ao seu Povo ás charnécas de França, qual
Nabuchodonosor ao Povo de DEOS á gran-
de Babilónia. Ou Exercitos entrão no alheio
dominio, sendo previamente desafiados; ou
estalla o rompimento de Marte depois de
preliminares, e anteloquios: esta he a justa
vereda das guerras: e assim o praticarão os
nossos Portuguezes na Conquista das duas
Indias, e d' Africa para attrahir aquelles
Povos á Santa Fé de JESUS CHRISTO:
mas Napoleão quiz furtar Portugal, e re-
duzir a Religião de CHRISTO á malvada
Seita do materialismo filosofico animal;
fazendo-se Mórdomo por devoção sem ser

chamado. Se Napoleão, estando ainda com
seus Exercitos dentro das muralhas de
França, de lá declarasse guerra a Por-
tugal, não produziria eu tão satyrica lin-
guagem contra o devastador; porque me
não pertencia ajuizar da causa do rompi-
mento militar; mas entrarem amigavel-
mente seus Exercitos, e declarar-se então
o Senhor, o Astaroth, o Baalim de Portu-
gal, foi a maior velbacada que podia pro-
duzir hum Jacobino Imperador. O Ceo sus-
pendeo o golpe sobre a vida de Sua Mage-
stade, bem como fez com a espada d' Abra-
hã sobre Isaac: o Senhor Príncipe sujeitou-
se ao sacrificio: o Ceo o defendeo, o mar o
abrigou, e abrigará, e nelle conservará pa-
ra futuros seculos a realizada memoria das
Celestiaes Quinas de Castro Verde nos Cam-
pos d'Ourique. A Casa Real de Bragança
não ha de agora acabar: callem-se os falsos
Profetas, e embusteiros dos presentes, e

passados tempos com suas tróvas; que já
as mesmas eras os desmentem. Dignando-
se Vossa Excellencia acceitar esta minha
Oblata, o Ceo abençoará a Posteridade da
sua Excellentissima Casa de Cadaval, cu-
jas excellencias e grandezas genealogicas
precisão d'outro Apollo melhor que eu, pa-
ra ferir as cordas da Cithara, e cantar as
sempre fidelissimas Familias á Corôa Por-
tugueza, os Alves, os Pereiras, os Mel-
los, etc., etc.

Tem a gloria de ser protegido por V. Exc.^a

O Médico José Manoel Chaves.

EUROPA ROUBADA,
GRITOS DO SEU POVO.

PRIMEIRA PARTE.

Alexandre na França.

Cecidit Superbum Ilium, ruit alto a Culmine Troja.
Virgil.

I.

Quando na doce Paz dormia a Europa
Nos braços lá de Juno recostada,
Quando dormir se vio de Marte a Tropa,
E *Thetis* no seu côlo reclinada,
D' Inferno então hum Monstro se lhe entopa,
E em balanços a quér deixar prostrada:
Desta história direi alguns pedaços;
Minha *Camena* vai riscar seus traços.

2.

O lamentavel caso horroroso
 D' outro innocente Abel, tão justo Rei,
 Hum Luiz XVI. d' Astrea sposo,
 Primeiro, mais que tudo, eu contarei:
 Jacobinos, hum Povo insidioso
 Na Praça de París pizou a Lei,
 Matárão justo o Rei, e sua mulher
 Para a Seita seguir de Lucifer.

3.

Era este Rei Luiz a DEOS temente,
 A' Igreja de CHRISTO mui fiel;
 Mas como os Jacobinos são dementes,
 De sua Seita querem o aranze!
 República elles querem permanente
 Pra dos vicios gozar livre o tropel,
 Por Consúl elegêrão hum Dragão,
 Que o inferno chamou Napoleão.

4.

Por astucias o povo elle enganou;
 Pouco logo Imperador o acclamárão,
 Nisto Julio César elle imitou:
 Acclamação com vivas lhe incensárão.
 Hum Código de Leis novas formou,
 Os que as não acceptárão, se escapárão:
 Até o Papa lá foi innocente,
 Pois ignorava a trama do insolente.

5.

Solemnisar lá foi tal cerimonia,
 Diadema vai pôr-lhe na cabeça,
 Santamente elle ungiu testa demónia,
 Não há pois quem lo avise; nem conheça;
 Quantos demonios stão nesta Colónia,
 Qué mystica trapaça a ennobreça:
 Ah! Vigario de CHRISTO respeitando
 Ante o Altar hum demonio execrando

6.

Se vós, ó Grande DEOS, lá no Cenáculo:
 Aos pés d'hum demonio ajoelhas-te,
 Conhecendo que vinhas a ser obstáculo
 A' vossa Igreja tal, ecco desfarças-te;
 Que muito he que o Papa n'hum spectaculo,
 C' hum demonio tal elle s'enganasse:
 De Pedro a Mitara hum resta ornou,
 Por vós a toalha a outro pés limpon;

7.

Geme a França então mais as conyulsões;
 Pertende desthronar todos os Reis,
 Que nossa Europa tem, justos Varões,
 A todos arma guerra contra as Leis,
 P'ra delles ser senhor com seus volções,
 Mais pomposo que o Turco com seus Bels:
 Cada seu Generál he hum volcão,
 Huma ave de rapina, hum Falcão.

8.

Abre-me, ó Musa, as tuas claras fontes
 D' Alto Parnaso a Apólo dedicado:
 Lá do grande Cithéro, e outros montes,
 Seja-me por Cabalina o Estro dado,
 Para cantar d' Europa hum Faetonte,
 Do segundo Alexandre o braço armado,
 Que na Russia governa Poderoso;
 E nas guerras muito he victorioso.

9.

Tu me deixa, alta Musa, relatar
 Deste Heróe as empresas belicosas,
 Deixa que em triste métro eu vá cantar
 Suas grandes façanhas generosas;
 Que d' hum tyranno o laço desatar,
 Fez com obras e juizo vantajosas;
 Pois a grilhões a Europa tinha preza,
 Com que toda pasmou a Natureza.

10.

Napoleão, que foi razo Soldado,
 E que em Córsega o inferno vomitou,
 Seja ou não, gafanhoto já notado
 No Texto que lá CHRISTO nos dictou;
 Depois que a Imperador foi sublimado
 Da louca França, e lá s' enthronizou,
 D' ouro Auroras na purpura recebe,
 E o governo do Reino em si percebe.

II.

O Negro Plutão lá lhe foi dizendo,
 Com os outros mais Negros do profundo:
 Vai a França depressa, que irás vendo,
 Que Imperador te faz hum tolo mundo:
 Que assim foi de Jehova eu bem entendo,
 Permittir este rasgo ao immundo,
 Para punir d' Europa altos peccados;
 Pois inda nada tinham de purgados.

12.

Sóbe ao Throno este Grande cruel Néro,
 Que París quiz a Roma comparar,
 Sendo-lhe de França hum tyranno féro,
 E toda Europa quiz só governar;
 Pondo Reis, tirando outros, e o Clero
 Abater pois lá quiz do seu andar:
 Até o Papa então, e a Curia Santa
 De repente com armas os espanta.

13.

Bem pudéras tu, ó Sol, lá nessa altura
 Teus luminosos rayos esconder,
 P'ra que Roma não visse tal bravura,
 E não houvesse o Papa de se offender:
 Bem pudéras tu, Lua, a formosura
 Eclipsar quando em Globo vais crescer;
 P'ra que Europa não visse o iracundo,
 Que pretende atterrar d' Europa o mundo.

14.

Mas altos orbés gritão retumbando
 Lá dos Ceos contra taes nossos peccados,
 P'ra que se vinguem sim como, e quando
 O Jhova quer que sejam castigados;
 Ao Ceo era bem que levantando
 Nossos rogos, nos fossem perdoados:
 Mas fulminou com irada aspereza
 De seu semblante raios de fereza.

15.

Jaz a soberba Europa mui vencida
 Por trovão de Decretos que a rendera;
 Huns Reis captivos, outros em fugida,
 Os póvos com terror mui se abatêrão:
 Aceza a guerra a guerra já nascida,
 Huns contra outros mui fortes combatêrão;
 Como soar costuma o mar batendo,
 Quando nas rôchas duras vai rompendo.

16.

Levanta a voz o cruel Napoleão
 N' alta Paris em écos acclamado,
 Como Imperador Magno Trampoleão,
 De coração cruel a furia alçado;
 Como grande Libreo lhe lança mão;
 Sêde tem de tragar sangue animado:
 Qual ferido touro vai spumando,
 Vai nos ares em berros atroando.

17.

Mostra-se-nos ardente Mongibello
 Com fumos de Marte em negra boca ;
 Foi pois para á rica Europa hum martello ,
 A America tambem lá lhe fez côca ;
 De Germania entrou no seu Castello
 D' Austria , que já por fraca stava-lhe ôca ;
 Pois fracos , inermes , e não duros ,
 De Vienna assaltou então os muros .

18.

E como já na França não havia
 Juizo bom , ou Moral que se seguisse ,
 De República só a tyrannia ,
 E dos *Jacobos* Seita que surgisse ,
 Era o Iman do monstro que fez guia :
 A' Jacobina guerra (então se disse)
 P'ra a LUIZ XVI. matar se atica ;
 Na Guilhotina o matão sem justiça .

19.

Deste Abel o cru sangue ao Geo gritou ,
 Toda a França até hoje he castigada ,
 Pois era Luiz hum Rei que não manchou
 De sua testa a Corôa abençoada ;
 Mas se em República o governo andou ,
 Os diabos andarão d' alvorada :
 Robespierre , e mais outros Capatazes
 Por toda a França forão Satanazes .

20.

Tambem romper tentou os altos mares,
 Que tem lá por visinha a Grã-Bretanha,
 Ir a Londres folgar os frios ares,
 Que só Julio César teve em façanha;
 Mas lá Neptuno, e Thetis de seus lares
 Lhe respondem só: que esta tamanha
 Ousadia a elle era bem negada
 Por Jehova nesta Ilha respeitada.

21.

Entre tanto o segundo Nero abrange
 Nos enganos vis a JOÃO Regente,
 Que do Ceo altas quinas com alfange
 Defende em *Castro* contra a Moura gente:
 Para lhe dar milhões bravo o constrange,
 Senão tropas lhe põem na Lusa frente;
 E nisto lhe latio, qual perro, hum brado,
 Trocando por milhões tal éco irado.

22.

Mas vil, astuto, falso, trampolcador,
 Jacobinos soldados lhe mandou,
 Com que encheo Portugal d' alto pavor:
 Triste Lysia o Ceo te desandou!
 Junó velhaco foi teu Governador,
 O cruel Ney quem mais te esfarrapou;
 Pois que o pai nos fugio amedrentado,
 O laço conhecendo vil armado,

23.

Depois disto a Castella enganada
Seus Monarcas sahir vio para França:
Triste scena nos Evos celebrada,
Em que tão triste historia pena alcança!
Os Pynéos chorarão na chegada;
Pois de voltar perdêrão a esperança:
Então os Reis soltarão triste alento,
Incitados da dôr de seu tormento.

24.

Seis annos geme a Hespanha á francezia,
Villas, Madrid, e mais outras Cidades,
Tudo pois 'steve em guerra noite e dia,
Consummido com taes atrocidades;
Horrores que não pôde a fantazia
Pintar como em si forão verdades;
Pois seria em razão discurso leve
Querer cifrar o mar em concha breve.

25.

Hollanda, mais Suecia, e Dinamarca,
Flandres, Italia, Napoles brilhante,
Fostes vós deste Nero a dura parça,
Dominando-vos força d' arrogante;
Prussia que elle queria por Comarca
Della zombou tão vil, todo farfante:
Por muito mais que eu diga nesta história,
Ella excede os alcances da memoria.

26.

Tudo pizou, queimou, tal gafanhoto,
 Que nos fez cá surgir o vil Plutão;
 As ciladas que armou o tal garoto,
 Nome infame lhe dérão de Brutão:
 Ufano pertendeo Sábio Piloto
 Pintar-lhe de Neptuno grão tufão,
 Mas não, nem poderá; porque Inglez bravo
 Lhe não deixa no mar furtar *ochavo*:

27.

Que digo! O' Musa, a muito me remonto
 Aos pórticos dos Reis me conduzindo,
 Prende-me; senão subo lá a ponto
 Que de Icaro seus vôos vá fugindo:
 Lastimas pois d' Europa pôr em contos,
 O que toda mui triste stá sentindo,
 He alçar Napoleão bravo tyranno
 Que da Europa se quiz ter por Soberano.

28.

Mas pára, sustem, diques de Castália,
 Que eu me callo; mas só te contarei
 Da Russia o caso triste; represália
 Que o louco lá lhe fez, eu só direi,
 Deste delyrio encanto de Thessalia,
 Maior erro que deo, te eu vêr farei;
 Pois este furor deo-lhe bem nas ventas,
 Por erros que foi dar ás Russias lentas,

29.

Elle se quiz pagar d'altas despezas,
 Que na guerra d'Europa havido tinha;
 E tirar lá da Russia outras riquezas
 Era o meio que a elle mais convinha;
 Alívio, soberbão vai com bravezas,
 Com mais quinhentos mil que nella alinha;
 Queima-lhe a Capital, foga-lhe tudo
 E de vencedor fica fofa e mudo.

30.

No Boreas pois errou, gelado pólo,
 Onde os carros do Sol pouco apparecem;
 Foi tolo em Sagittario tomar côlo,
 Quando estas alvas neves arrefecem;
 Só hum doido se atreve obsrar Eólo,
 Com que de Marte os fortes estremecem:
 Os Scythas, e Russos lhe virão dente,
 E foge, qual sendeiro, de repente.

31.

Volta a turba medrosa em spalháfato,
 Fazendo nella hum tal strabuxamento,
 Que outros quinhentos mil Russos pelo mato
 Lhe fizerão fugir seu Regimento;
 Chega o doido á Prussia em desbarato;
 Desune-se-lhe o Prusso, toma tento;
 Pois não lhe convem mais servir o vil,
 E mette seus forões lá no covil.

32.

Austria se desunio, teve juizo,
 Pelo que já tinha experimentado;
 Em ter logo cuidou mais fino siso,
 Fixamente abraçou os Alliados;
 Aos póvos do Rheno foi preciso
 O Jugo saccudir escravizado:
 Toca a fogo, vá fóra o Trampolineão,
 Vamos a derrubar tal Napoleão.

33.

Retumba, soa, faz hum grande estrondo
 Nas planicies de Hespanha tal chegada;
 Lysia, que tinha á França raiva a bondo,
 Azedada em soffrer tal velhacada,
 Unida á Angla gente as armas pondo
 Com a Spanha aos Pyrinéos vão de picada:
 Duros bronzes, que fógos exhalavão,
 E por vingar-se ás armas se chamavão.

34.

Deo-lhe o Ceo hum Wellington mui prudente,
 Hum valente Bresford mui guerreiro:
 Escálão Pyrinéa Serra refulgente
 Co' as neves que derrete o anno inteiro;
 Sem temor vão ávante, e de repente
 Unem-se todos n'hum por derradeiro;
 O Francez já não quer ser seu escravo,
 Pois que tal Napoleão lhe fez agravo.

35.

Entra em França o mais bello Regimento,
 Com que o Marcio terror forte se pinta;
 Alexandre tem póvos em contento,
 Qual o da Macedonia se requinta;
 Outro Imperador bravo, e façandento,
 Outro melhor não screve negra tinta:
 E p'ra que Nome seu mais se exalte,
 Da Fama o Templo toma por esmake.

36.

Quando o Sol no *Carneiro* se montava
 No trinta e hum de quatorze com oitocentos,
 Vio París que alto Ceo lhe levantava
 Huma scavidão, tal tomrou alentos;
 Juízo reparou que sobejava,
 E estimou os Ligados Regimentos:
 Vê-se por toda a gente, e em toda a parte,
 Socegar de repente o féro Marte.

37.

Lá em Fonte-Nebló stava o Briareu
 Já com menos cem braços estendidos;
 Amarella côr, triste camafeu,
 Sendo-lhe do Senado Avisos lidos,
 Chorou, maldito Judás, não Thaddeu;
 Ney lhe conta os Alliados recebidos:
 E para baixeza mais, e afronta sua,
 Foi-lhe dizendo Ney = Poem-te na rua =

38.

Poucos tambores, mais clarins sonóros,
 Tantos écos de Marte dando ao vento,
 Formarão em Paris, festins canóros,
 Que subirão lá p'ra o ceeste assento:
 Morra o tyranno; abráo-se os meteoros
 Da Etherea morada, e firmamento;
 Chovão raios, coriscos, saraivada,
 Morra *Buziros* nesta vez stimada.

39.

Em Paris entra a turba de Reis jaes,
 C' o brioso Alexandre acompanhada;
 Vem da Suecia o Lustre, que os Annaes
 Outro tal não encontrão na estrada,
 Que a fortuna despacha para os mais;
 Pois sendo Francez trocou a espada:
 Vê tu, Musa, em Paris Heróe brioso,
 Chama-se Bernardóte primoroso.

40.

Luiz desoito foi logo acclamado;
 Pois por antiga herança a razão tinha
 P'ra a Corôa restaurar, e foi chamado
 Porque bem na verdade lhe convinha:
 Manda-se o cruel Nero envergonhado
 Onde lá o coma a tynha, e mais morrinha;
 E onde as tristes historias do futuro
 Chamem seu coração pedernal duro.

41.

Oh Musa, quanto eu já me vou cançando !
 Desordens mais contar ainda me atrevo :
 Tem pois paciência, eu só te irei narrando,
 O caso tão funesto : contar devo =
 Que tinha em Paris de Régio Mando
 De pólvora taes minas em segredo =
 Mas alto Jehova quiz que o Commissario
 Fogo lhe não soltasse incendiario.

42.

Quanto a mim só a morte compensava
 Tão vil, e tão funesto atroz delicto ;
 Huma morte manhosa eu bem lhe dava.
 Com segredo o veneno d' Aconito ;
 E depois tudo em dúvida ficava,
 Desfarce, e mais desfarce era bonito :
 Por menos se queimou Sardanapalo,
 Por menos as Leis matão hum vassallo.

43.

Tem paciência, ó Musa, inda te eu conto
 De sua mulher tal Germana Augusta ;
 Esta infeliz Princeza veio a ponto
 De soffrer do Senado razão justa :
 Para ser separada deste tonto,
 Mór Duqueza ficar pouco lhe custa
 No mundo do Destino são Altares ;
 Na historia outros vem mais exemplares.

.44.

Ah formosa Princeza, Ara formosa
 Com trinta mil quilates brilhadores!
 E's engraçada sim; mas desditosa:
 Que invéja tu causaste ás mesmas flores!
 Desculpa tinhas pois, e muito airosa,
 P'ra livre ficar de taes horrores,
 E do hymenêo rejeitar o estado,
 Por não casar c' hum homem endiabrado.

.45.

Alto Sol, lá de teu subido rumo,
 Montado no Carneiro que avistaste
 Antartico, e Callisto em Throno summo,
 C' os pés n'hum e outro, o mundo allumiaste,
 Formando em noite e dia igual-prumo,
 E França nesse mez livre aclaraste;
 Vem abaixo abraçar este homem féro,
 Antes que a si se mate, como Néro.

.46.

Vai-te embora, Musa, mais não digo,
 Remonta-te no alto do Parnazo,
 Nenhuma cousa mais quero contigo:
 Muito te tenho posto em campo raso:
 Consola-me tu só com teu abrigo;
 Porque do mundo eu já não faço caso:
 O mundo he hum carro em quatro rodas,
 Sempre huma vai direita, as outras tortas.

*Natus es à Scopulis nutritus Lacte ferino;
Et dicam Scilices pectus habere tuum.*

Ovid. met.

SEGUNDA PARTE.

*Lagrimas de Napoleão na sua queda do
Throno de França em 1814.*

*Quis talia fando . . .
... Temperet a Lacrymis!*

Virgil.

I.

Roucos soluços triste vou cantar,
Afflicções, e gemidos eu lamento,
Vozes fracas me fazem supplantar
Em submisso clamor o mesmo alento:
Calem-se Musas altas em tratar
Tão tristes estas scenas que eu presento;
Pois que meu tosco plectro humilde e rudo
Em as descrever bem excede a tudo.

... e a ...
... e a ...

Vem comigo ao bósque triste Albano,
Nós ao Templo iremos da Memoria
Para vêr se nos circulos d'algum anno
Caso tão triste achamos na história;
Se das columnas d'Hercules ufano
P'ra Norte ou Sul algum teve a gloria
De cantado ter já n'outra idade
Igual caso á mortal posteridade.

... de ...
3.

Napoleão, qual Briareu, muito gigante,
Que queria cá na terra ser segundo
De França Imperador, alto tonante
Com cem braços abarca a todo o mundo;
Fundamento do Ceo altisonante,
Parece-lhe ser DEOS tremebundo;
Toma d'Austria em mulher huma Princeza
Que lhe invejou por bella a natureza!

4.

Este outro Pompêo lá foi nas batalhas;
Mas outro Julio César, o venceo,
O da Russia Alexandre, que em migalhas,
Seu exercito forte bem stêdeo;
E por fim, como em roda de navalhas,
Toda a França por armas se rendeo:
Escalando montes á França vindo
Napoleonico Throno destruindo.

5.

Napoléão, qual de Roma o Tarquinio, sup
 Deposto do reinado por soberbo,
 Quiz em toda a Europa ter dominio,
 Pois era outro tal por ser acerbo,
 Como em Roma o Caligula ferino,
 Calcando nossa Europa por protervo:
 Mas achando na França sentimento
 Máquinas não devia dar ao vento.

6.

A roda d' Ixion se foi movendo,
 Manobrada por tropas Russianas;
 Forão todos alfim muito bem vendo
 França batida ser por mãos Soberanas:
 Qual Troja agonizada e morrecendo,
 Vio-se França, Cidades, e Choupanas
 Atacada por vários instrumentos,
 Bagagens, munições, e ajuntamentos.

7.

Outro Julio César d' alto Norte,
 Alexandre da Russia nomeado,
 Com poder veio pois altivo e forte,
 Que a este, qual Pompêo, deixou prostrado,
 E para dôr que atroz alma lhe cortei,
 Contra elle lavrou a seu Senado
 Aqui tal Napoléão se viu afflido,
 Seus Generaes com susto lhe não gritav obnalls

8.

Vê que estão em Paris, e nos seus muros
 Os tremendos Cosacos mui guerreiros,
 Militares Nações, e são tão duros
 Que imitão a Vulcano, e seus ferreiros:
 Fogo vem fulminando pois, futuros
 Contingentes fataes, e derradeiros;
 Verás tu Napoleão seres tirado
 Do Throno por haveres mal reinado.

9.

Considera tu agora, Illustre Albano,
 Como Napoleão triste ficaria,
 Vêndo que hostile Estandarte a vento ufano
 Nos muros de Paris alto subia:
 Viva Luiz que he nosso Soberano,
 Vivão Bourbões lá gente alto dizia,
 Os castellos, torres, e altos montes
 Agradecidos estão dobrando as frentes.

10.

Dirigindo-se as tropas militantes
 Dos Reinos d'alto Norte em chusma grossa,
 Entra Alexandre forte, e arrogante,
 Como Phaetonte Sol sobre a carroça,
 Com hostís arvoradas triunfante,
 Ficando a populaça bem gostosa;
 E p'ra que na entrada gloria faça,
 Vallando vai em gyro a grande praça.

II.

O triste Napoleão isto sentindo,
 E mais lá dentro d'alma tal desgraça,
 Poz-se a chorar; e Ney o foi ouvindo;
 Quiz ainda elle usar d'alguma traça,
 Mas Ney lhe diz, que só fugindo,
 Ou abdicando seu governo em massa;
 Que nas tuas em ordem perfilada
 Debaixo de Pendões ha gente armada.

22.

Frio suor na testa o accommette,
 Os olhos se lhe fechão magoados;
 E vendo então Ney que elle stremece,
 Em convulsões o pensa suffocado;
 Médico quer se chame mas empece,
 Que a morte se lhe dê n'algum bocado:
 Tristes effeitos são da humana sorte,
 Que Eclipses tem vida até á morte!

23.

A si torna este spirito militante,
 C' o conselho de Ney; e logo screve
 Que larga o Reino sim, mas quer amante
 Que nelle seu filhinho bem se empregue;
 Pois que desta prenda amor constante
 A todo o seu cuidado está entregue:
 Mas todos esta falla alto impugnarão,
 E só a Luiz dezoito acclamarão.

14.

Lindo gentil menino em tenra idade,
 De Cesareos Reis Augusta Rama;
 Em trombetas soar, só a verdade
 Quanto és e serás publica a fama:
 Cousas cá deste mundo em realidade
 DEOS as conhece só, só DEOS as chama;
 A historia que lamento, a dôr que eu canto
 He a harmonia que eu a ti levanto.

15.

Aqui tens, ó Albano, a triste historia,
 Que deste tal guerreiro Europa atrôa;
 Este que lá no Templo da Memoria
 Fica, com que seu nome ao Olympo vôa:
 Este duro penhasco tem por gloria,
 Querer trepar aos myros de Lisboa,
 Estampando nos campos diamantinos
 De Marte os Pyrinéos, Alpes, e Hermineos.

16.

De várias pois batalhas muito grandes
 Nos bairros cá d'Europa eu bem pudéra
 Contar-te: Na Hollanda, e mais na Flandres,
 Prussia, Spanha, Allemanha, s' eu quizéra
 Compara-lo aos Gregos Alexandres;
 Para vêres quem foi, e quanto era;
 Mas devo por laconica pintura
 Debuxar-te em breve esta figura.

17c

Tendo Luiz dezoito já a Cidade,
 Tudo stando em socego em Paris,
 Manda-se a Napoleão lá por bondade,
 Que lhe faz por bondade o Rei Luiz,
 De ir para Elba passar sua idade,
 Em socego de Marte, e seus fuzis:
 Em lucto se trocou a rubra Aurora,
 Despenhou-se Phaetonte, e poz-se fora.

18c

Mas o raro primor da Natureza;
 Linda Princeza tal Mania Luiza,
 Concordou-se em ficar Archi-Duqueza,
 Longe de Napoleão, assim precisa
 Sentenciada ser esta belleza,
 Este murcho junquillo de Narcisa:
 Oh Ceo! Quando lá teu furor fulminas,
 Na maior pompa fazes as ruinas.

19c

Se em ti, alta Princeza, a minha dôr
 Pudesse eu Napoleão a ti passar,
 Verias tristes ais d'interno amor,
 Que as tuas penas pudessem abrandar,
 Mas só plantas doces do teu candor,
 Ou só as Aves musicas do ar:
 Geme pois em deserto solitaria,
 Em vida ganha a morte tributaria.

20.

De teus annos não convêm ao florido
 Buscar para teu abrigo altas Cidades;
 Da Thebaida hum deserto he o devido,
 Onde chores verdôr da mocidade;
 Ahi tu beijarás filho Cupido,
 Onde só veja o Ceo tua beldade;
 Onde te não fação a guerra dura
 Em raios contra tua formosura.

21.

Lá no gelado Norte, ou Setentrião,
 Onde as ursas ambas stão pregadas,
 Onde Eólo venteja furacão,
 E onde o frio tem agúas vidradas;
 Ou lá na ardente Libia, ou no Japão,
 Onde lagrimas vértas mal fadadas,
 Onde a sorte te seja homecida,
 Que te acabe de consummir a vida.

22.

Ah! Lá dirás em teus tristes suspiros;
 Ah! Fica-te Germania, fica-te Europa,
 A Deos Vienna d'Austria, e teus retiros,
 Alta Paris, e mais luzida tropa;
 Eu já mais não verei fazer teus gyros,
 Nem por cortejo salvas ter em troça;
 Assim pois meu fado, meu destino
 Por sorte me mandou Jove Divino.

23.

Napoleão, ah! Fui falto de razão;
 Valoroso guerreiro e arrogante,
 Se com a França eu só pôr meu braço
 Contento bem ficasse, e mui constante,
 Gozaria do povo a estimação;
 O que faz a hum Rei ser bem amante;
 Mas eu tentei só pôr-me em parallélo,
 Ser de Julio César hum modello.

24.

Enganei-me na minha pertençaõ
 Querendo ter n' Europa altos domínios;
 Era muito ambiciosa esta tenção,
 Por isso eu tantos causei assassiniõs;
 Como se reger fosse Convenção,
 Entre medrosos Reis, e nada finos:
 Sei que exercitos seus perdeo Pharaõ,
 Pois lhos afogou DEOS de Sabaõth.

25.

Em penas viverei; oh desgraçado!
 Nas penas morrerei sempre afflicto;
 Hum povo, que he Francez, me ha acclamado;
 Onde está aqui pois o meu delicto?
 Querer que Europa lhe fosse hum aggregado,
 Fineza lhe fazia; tenho dito:
 Agonisada Troja steu rendida,
 Hum suspiro fatal me tira a vida.

26.

Em diluvios d'agua destillando
 Por fôgos de meu peito tanta pena,
 Os olhos sinto eu incendiando
 Minhas faces com rão mortal gangrena;
 Agua, e fogo se vão sós embrulhando;
 Da natureza horror faz esta scena,
 Meus olhos infernaes co' a vista mátao,
 Forjando horrivel fogo que desatão.

27.

Mal sim eu governei; e fui trapóla;
 Os Reis eu enganei sempre mentindo;
 Cahirão elles sim na corrióla,
 Mas no Throno me forão applaudindo;
 Meus filhos Jacobinos de gram bóla
 Fysicos, me forão mui bem servindo;
 Cavallos me trouxerão de Plutão
 Co' as chaves da França em minha mão.

28.

Logo, que culpas tenho praticado,
 Para o Throno Francez ter eu perdido;
 De Jehova o Poder já me foi dado;
 Mentir, tentar, fazer alto ruido,
 Já isto he mui velho no meu Estado;
 Não se queixem de mim por fementido:
 A culpa he dos Francezes; eu só choro
 Ser fraco no officio, em que labôro.

29

Ouvi a Napoleão, que sim dizia,
 A' sua alta Princeza em despedida:
 Oh! Não te apartes, não, prenda Maria,
 Doce consolação da minha vida;
 Chorarei, se me deixas, noite e dia,
 Não me deixes não, não prenda querida;
 Não te vás, não te apartes destes laços,
 Oh suave delicia, de meus braços.

30

Nesta pois, ó prizão tão amorosa!
 Perpétuo tu terás teu cariveiro;
 Não queira o Ceo que em pena rigorosa
 Me veja d' outros braços prisioneiro;
 Comtigo vivendo eu, prenda mimosa,
 Não me darão o golpe derradeiro;
 Pois que sendo de Luiz vassallo manso
 Delle spero ter vida n' hum descanso.

31

Mas se Luiz me manda degradado,
 Para Elba tão junto á Patria minha,
 Onde por tigre viva envergonha lo,
 Antes do Norte vá eu á ursinha;
 Onde com frios morra entegelado,
 Ou para á Torrida facha sobre a linha;
 P'ra lagrimas soltar mui descontente,
 E louvar meu Rei, Luiz mui clemente.

32.

Recommendar-te devo o tenro filho,
 Delicias deste amor, d' alma pedaço,
 Emblema da belleza, hum junquillo,
 Bem o abrigarás em teu regaço;
 Abraços lhe darás como a pupillo,
 Apertando-o com hum, e outro braço:
 Olha, prenda gentil, ao que te implôro
 Por este mar de meus olhos, porque choro.

33.

Fazendo contramina á Natureza,
 Em lagrimas meu peito desabáfo;
 Vou formando holocaustos á tristeza,
 Senão arrebentar, na ancia abáfo;
 Lindo filhinho, retrato de belleza,
 Eu te beijo por fim, e eu te abraço:
 Deste meu coração tenro pimpolho,
 Ai! Menino, menina de meu olho!

34.

Ai meu filho! Ah minha chara prenda!
 Que sorte te vai pôr em desamparo?
 Se tua belleza não soffreo emenda
 Pois és de tua Mãi rascunho claro,
 Porque não move o fado huma contenda
 Com Jupiter lá no Olympo aváro?
 Ah! Pois serias tu afortunado,
 E sempre em altos Thronos exaltado.

35.

Assim como engeitado ficarás
Que p'ra á roda da fortuna vai exposto,
E assim teu Real Ser acabarás
Em soldado; só meu primeiro *Posto*:
Oh dôr, oh sorte, quando deixarás
De em penas me trocar hum alto gosto!
Assim vai intrincado labyrintho
Desta sorte mundana, o que eu bem sinto.

36.

Mas não chores, não, Princeza, agora
Em ausentar-me sem partir contigo,
Pois a vida formas tu de quem te adóra;
Eu te levo n' alma a viver comigo;
Se me ausento de França, muito embora,
Dentro cá de meu peito tens abrigo:
As almas se trocãrem soffre amor,
Pois elle isto concede a meu favor.

37.

Mudem-se os ventos, mudem-se os mares,
Sejão tambem as plantas transplantadas;
Mudem-se Templos, mudem-se os Altares,
Sejão as duras penhas sim mudadas;
Tambem se mudem Astros lá nos ares,
Tudo tenha mudanças desmarcadas;
Mas eu não mudarei minha firmeza
D' amar-te, pois me obriga a Natureza.

38.

Elle todo nas lagrimas banhado,
 Suspiros exhalando d' alma afflicta,
 Em preamar de suspiros suffocado
 Matar-se com veneno elle medita:
 A rouca voz se prende por magoada
 Dentro d' alma fallar sô sollicita;
 Como pois Jove assim o quer e manda
 D' Europa finde já tão vil demanda.

39.

E se por minha triste desventura
 Mais não tiver de povos governança,
 Jove, oh! queira que lá n' hum'a abertura
 Do Caucaso eu passar vá vida mansa!
 Nella feliz terei hum'a clausura,
 Nella melhor terei outra alliança;
 Contarei eu ás féras, e ás Cerastes,
 Que d' Astrea a balança me entortastes.

40.

Onde o mocho lá dentro em verso triste
 Nas nocturnas sombras stá scondido;
 Onde denso arvoredado grande existe,
 Onde o grosso ribeiro faz zunido;
 Triste eu starei n' hum manto de lemiste
 Involto, aos Deoses alçando estampido;
 A Jupiter direi, mãos levantando,
 Com vozes de suspiros lá clamando.

41.

Oh grutas, onde tubas retumbais,
 Duros penhascos, sólidos rochedos,
 Ouvi de meu peito os ternos ais,
 Que endurecer farão vossos penedós;
 Meus suspiros ouvi, e mágoas taes;
 Pois meu Throno perdi; mundano enredo!
 Quanto mais alto vôa a gram ventura,
 Oh quanto ella tem menos de segura!

42.

Astros, que bem gyrais no Firmamento,
 Até quando a meu rogo endurecidos?
 Mágoa, pena, dôr, e sentimento,
 Vos penetrem com ais tão repetidos,
 P'ra que junta esta dôr ao tormento,
 Incline para mim vossos sentidos:
 Oh se o gallo governo em mim brilhára!
 Oh que então outro gallo me cantára!

43.

Mandai-me para o Norte desterrado,
 Onde os Scythas com frio bátem dente;
 Ou vá lá para os Pólos congelados
 Onde Neptuno aterra o seu tridente;
 Ou me derreta eu em fogo abrazado,
 Entre o *Cancro*, e mais *Cabra* zona ardente,
 P'ra se acabarem lá meus tristes dias,
 Partirem-se-me as entranhas em fatias.

.44.

A *Venus* juro, Princesa, que hei-de amar-te,
 Na parte mais occulta, e mais intensa,
 No clarão da Luz, no campo Marte,
 Nas sombras d'alta noite em recompensa
 De teu amor, que em mim tem grande parte,
 Inda que não goze eu tua presença:
 Por ti chamarei pois continuamente
 Sem te poder mais vêr; oh dôr vehemente!

.45.

.45.

TERCEIRA PARTE.

*Lágrimas da Ex-Imperatriz Maria Luiza
de Austria.*

*Flebo, loquar lacrymis; lacrymæ sine voce loquuntur:
Queque loquar, gemitus non nisi voce laquar.
Heu dolor! Eventum quis talem crederet unquam!
Nunc jaceo spoliata viro, viduata trophæis.*

W Marmora frangit amor; dolor undique marmorâ frangit;
V... Austria Te genuit, mæsta puella Sacra.
R Reginæ Imperium es fato pulcherrima nacta;
I... Intimat in Sceptrum fervida Gallia Te.
V Ast vulnus in Te tanta retrograda pompa!
L... Lugubris in Mundo Scena parata datur.
U Ultrix Dei Manus ex alto descendit Olympo
I... In Nós: Non mirum est, ut tua Sceptrâ premât.
N Zonam talem cingehs sic punita mahebis;
V... At ferienti nunc oscula grata dabis.
D Deus dat Imperium sic Regibus, Regibus aufert;
V... Auxilium spondet, crimina punit enim.
U Undique tantus amor Regi; ast atra fulmina belli
S... Sacra agitata Manu pessima tela vibrant.
I Tu aspice, quod redeunt Nobis Saturnia Regna;
R... Restat enim verum nunc meminisse Tui.
I Inspice quod Napoleon altera fixa Neronis imago est:
V... Altera Octavia (1) Tu proh dolor! Esset potes.

(1) Octavia foi mulher de Nero, filha do Imperador Claudio; e a matou Nero.

I.

T Riste história, vai cantar minha Camena
 Com louca Lyra trágicos successos,
 Grande alma suffocada em tanta pena
 Serve d' objecto a métricos clamores:
 Ai! Triste hum mocho, e rouca avena
 Só melhores serão tristes Actores:
 Mas subirei Parnaso altisonante,
 Infeliz pintarei a triste, e amante.

2.

Ah! Quem me déra a Cithara Mantuana,
 (Que he a do triste Ovidio desterrado)
 No Euxino pois viveo n' huma choupana
 Para ser meu modelo apropriado;
 Porque então huma sorte tão tyranna,
 Que a Europa tanto tem escandalizado,
 Com mais fino pincel eu exporia,
 Os trágicos successos de Maria.

Assim mesmo porém contarei triste
 Tragedia tão fatal em triste métro;
 A penna juntarei, que me assiste,
 Aquelle de Maria rombo plectro;
 Mas ah! Que a Natureza me resiste:
 Se a queda eu mal screver do alto Sceptro;
 Outro melhor vera que as cordas fira,
 Que melhor apáre a penna, affine a Lyra.

4.

Do Ceo baixou a Vienna huma Estrella,
 Por mandado do DEOS Omnipotente;
 Em flor se converteo; e só com vèlla
 O Império ficou muito contente;
 Flora veio como Deosa recebella,
 Cá flor de mais; lá menos strella ardente,
 Nunca o Sol luzio tanto em seus candores,
 Como brilharão então os resplendores.

5.

Maria, qual he rosa purpurada,
 Delicias da manhã, rubor d' Aurora,
 Que as cortinas bem abre á madrugada,
 Enteadada do Sol, mimo de Flora,
 De Césares Augustos derivada,
 A quem formosa Venus mesmo adora:
 De graças semblante he, em que se alcança
 De rosas maré, de jasmims bonança.

6.

Napoleão he chamado nos Francezes
 Joven Imperador muito esperto;
 Prisoneiro lhe foi por muitas vezes
 De seus taes lindos olhos por affecto;
 Tão fortes d' amor forão seus arnezes,
 N'hum peito que de fogo he Epitecto!
 Em Vienna com ella se casou,
 E por ella a Josefina outra deixou.

7.

Ah! Quanto póde, e vale a formosura!
 Quanto a humana condição arrasta!
 Foi para Napoleão esta ventura
 Para ser lá na França alto *Dynasta*,
 Gozando desta assim gentil candura,
 Qual d'ouro a maçã d'huma mão casta:
 DEOS porém lá do Ceo tudo permite;
 A innocente Europa ao Throno o admite.

8.

Sahe de Vienna squadrão muito luzido,
 A bella Imperatriz acompanhando;
 O paço alvoroçado, e involvido,
 P'ra a Régia Flora ir caminhando;
 Diversos apparatus tinha havido
 Nas ruas, e janellas bem brilhando:
 Ah! Que incendios d'ouro então ardêrão,
 E de matizes raios florecêrão!

9.

Magnífica pompa arcos levantou
 Nas praças de Vienna, e seus Terreiros:
 A tropa em altas salvas lhe cantou
 Os Hymnos de Vulcano, e seus ferreiros,
 Subtil pincel retratos lhe pintou,
 Poetas lhe entoárão seus outeiros:
 Assim para á Capital parte Franceza,
 Este gentil modelo da belleza.

.10.

N' alta París se estava já sperando
 Com brilhante festim, bella Luiza;
 Pois stava o povo então pronosticando
 Haver paz com seu pai, que fosse Liza,
 Que termo puzesse á guerra em seu mando,
 Pois a todos a paz era precisa:
 Trocando a fero Marte alta trombeta
 Por amores da linda *Giovaneta*.

.11.

Entra na gram París, Princeza bella,
 Ao som de clarins, e alegria,
 Cada qual bom Francez lá da janella,
 Flores com Flora alegre repartia;
 Napoleão electrizado olha para ella,
 Com airoso prazer que ao Ceo subia:
 Diz-lhe então, = Vinde bem, minha Princeza,
 Minha mão eu vos dou em gosto accesa =.

.12.

Vai ao Paço; entra as salas magestosas,
 Onde as tapecerias lisongeiras
 De télas mui douradas, mui vistosas,
 Fingião em côres fábulas guerreiras:
 As Senhoras Francezas mui gostosas,
 Fidalguia, e os mais por mil maneiras,
 Expressavão do peito as alegrias,
 Vêndo tantas no Paço bizarras.

13.

Passava-se hum e outro dia em festejos,
 Co' a Princeza o Rei bêm se divertia,
 A Côrte lhe faz luzidos correjos,
 Toda a pompa brilhante e bizarria;
 Como tal Rei imitta o Caranguejo,
 No peito lhe fumegava a bateria:
 Pois que elle nasceo mais para ter guerra
 De Marte, que Venus se amor encerra.

14.

Intenta partir á Russia, e conquistar
 Desde o Alto Norte, dá ao Termódonte,
 Onde Amazonas taes, forão atirar
 Aládas fréchas do caucaso Monte;
 Quinhentos mil Francezes p'ra atirar,
 Léva comsigo o doido em rija fronte:
 Temendo-lhe Maria vir a morte,
 Em lagrimas lhe clama desta sorte.

15.

Em tormentos de dôr, em mar de pena
 Naufraga minha face desmaiada;
 Napoleão para mim linda assuçena,
 A' guerra não vás, não, imaginada;
 Logra comigo a vida mui amena,
 Deixa-te de ir morrer em emboscada:
 Pois perdendo tu a vida, eu morrerei,
 E nunca a ti, meu bem, já mais verei.

16.

Renda-te este que tal desato pranto,
 Se te não vence o fogo que suspiro,
 Cobre-me de melancolia o manto,
 Fere-me a saudade em teu retiro;
 Renda-te, oh! a memoria de que tanto
 Expões a vida ás balas d'hum só tiro:
 Ou de lá fugirão, não sem vergonha,
 Deixando ao Russo tal cara risonha.

17.

Não teimes, não vás fazer a guerra
 Em Regiões tão frias ao Russiano,
 Vais expôr ás scrabosas Serras,
 Onde o Boreas assopra soberano;
 Lá mesmo tu verás immensas terras,
 Com gente bravia fazer damno:
 Lembra-te o Rei, *Jugurta* na maroma,
 Que Maria trouxe prezo para Roma.

18.

Lembre-te dos Monarcas a carranca,
 De toda a vasta Europa aguilhoada,
 Nenhum te mostra só amizade franca,
 Todos te temem pois com face irada:
 E se picaç no Russo, a tropa manca
 Fugindo te virá enxovalhaca:
 Segue de Ptolomeu sim o modelo,
 Que soldado, passou a Rei tão bello.

19.

E se por ostentares de guerreiro
 Ufano te levanta o alto fado,
 E não temes ao Russo são dureiro,
 Ostenta com amar-me neste Estado,
 Em que a sorte me poz por derradeiro,
 Vindo á França viver por teu agrado:
 Oh! Não me sejas tão duro, e ingrato,
 Que me deixes chorando em desbarato.

20.

Ouvindo Napoleão com agonia
 O que a sua Maria lhe pintava;
 Muito irado lhe diz em ousadia,
 Que socegar o Russo não deixava:
A nada disto o bruto se movia, (Camões.)
 Despede-se de Maria que adorava,
 Despedio-se, dizendo-lhe a Príncipeza,
 O quanto lhe influi a Natureza.

21.

Se pois á guerra vais; se tu me deixas,
 Eu n'outra guerra mór só ficarei,
 Darei ao alto Ceo as minhas queixas,
 Aos Astros contra ti eu clamarei;
 Estes que aljofres chorão, estas madeixas,
 Lá ao Throno de Jove eu alçarei:
 Bem como de Carthago fez a Dido,
 Quando ao ingrato Enéas vio fugido.

22.

Ah! Que tão dura sorte te prepara
 O fado, que lá n'alta urna gyra;
 Deixas-me viuva em vida amara,
 Para ires morrer á Russia dira;
 Por Marte bem devias Venus chara
 Trocar ao alto som da doce Lyra:
 Se te vais, então leva-me contigo,
 Minhas lagrimas serão no teu abrigo.

23.

Talvez que a fina trombeta Russiãna
 Altos écos nos ares assoprando,
 Grite por compaixão desta Germana,
 E que os clarins de Marte retumbando
 Pareção a Alexandre voz humana,
 Que piedade movão por seu mando:
 Nelle pois achareis todo o asylo,
 Pois que de bom Monarca este he o estilo.

24.

E se em algum, da guerra desbarate,
 Em perigo estivermos em campo aberto,
 Expoem-me tu primeiro n'hum rebaté,
 Onde fiques de minha morte certo,
 Porque de nossas vidas o empáte,
 Desempáte esta minha n'hum desérto;
 Fixa á primeira bala me exporás,
 E tu fica-te mais cá para trás.

25.

Comtigo pois me leva agasalhada,
 Por sertões, e desertos nunca vistos,
 De sorte que lá chegue reforçada,
 Onde a Russia alto vê o seu Callisto;
 Onde a rija trincheira stá cravada,
 Polotões de Vulcano tem registro;
 Pra que inda mais eu padeça a pena
 A que teu duro peito me condemna.

26.

Em terra alheia guerra vais induzir,
 Deixando quem te adora em guerra viva;
 Deixas-me tu, ingrato consummir
 Minha alma para ti tão sensitiva:
 Oh! Sconde a spada; não lá vai luzira
 Na Hircanea Região tão desabrida,
 Onde te possão vêr homens, e féras,
 Os tigres, os leões, e mais panthéras.

27.

Porém, se logo á guerra vais partindo,
 Para della alcançar palma frondosa,
 Rogo-te que leves alegre, e rindo,
 A mim pequena carga, e amorosa,
 Se hum morrer de bala, outro irá bramindo,
 Pena do que matou morte horrorosa:
 Nisto Priamo, e Tísbe imitaremos,
 Com que sempre ao mundo nos lembremos.

28.

Vós, serras, penhascos, amenos valles,
 Altos mares, ondas furiosas,
 Astros d'Olympo, e campos cereaes,
 Plantas, arbustos, arvores frondosas,
 Vinde ser testemunhas de meus males,
 De minhas queixas justas rigorosas,
 Para affastar da guerra hum louco intento
 Em que pôe tão errado pensamento.

29.

Porém Napoleão nega-se a tudo,
 Com tal viseira baixa ensanguentada,
 O semblante se faz mui carrancudo,
 A vista n'huns fogachos abrazada;
 E quando quer fallar he tartamudo:
 Flora se fica em lagrimas banhada;
 Queixas taes desatando desta sorte,
 Que poderião dar ás pedras morte.

30.

Sacro Dedo, que lá do Firmamento
 De mundos os milhões fazeis gyrar,
 Tende vós dôr de meu cruel tormento,
 Por piedade gram vinde tirar
 Para menos soffrer meu fraco alento;
 Por morte poderei pena aliviar:
 Tocai lá d'alta sala diamantina
 Com a morte a Príncipeza peregrina.

31.

Se por formosa amor me cativou,
 Se Venus me obrigou ao duro Marte;
 Que d'amor o grilhão me fascinou,
 Desgraçada donzella por tal Arte;
 Que crime commettido me privou
 Não gostar hymenêo em qualquer parte:
 Não sabía era crime a formosura
 Para cruel me olhar a desventura.

32.

Se fiz de meus cabellos fino laço,
 Se meus olhos tiverão simpathia;
 Côte meus cabellos hum atroz aço,
 Meus olhos mais não veják luz do dia;
 Se me servem faces d'embaraço,
 Escureça-as mortal melancolia:
 Tristes faces de carmim posto em louro,
 Lá no louro hum raio tambem faz stouro.

33.

Na Região onde sôa o vago vento
 Faíscas bem se fórjão, e se accendem;
 Lá reside o Vulcano corpulento,
 Seus Cyclopes fogos os raios stendem;
 Hum raio vá acabar o meu tormento,
 Co' o risco venha donde as nuvens pendem;
 Ou degolada eu morra, qual Bolena,
 Ou como foi em Troia a Poleiena.

34.

Venha dos orbes raio que me mate,
Para vir acabar pena tão dura,
De Ganimedes a Aguia me arrebate,
Lá no Sol eu vá ter a sepultura;
Ou eu me matarei por desempate,
Tão afflicta por minha desventura:
Já que outras o fizerão desta casta,
Safo, Lucrecia, Phedra, e Jocasta.

35.

Assim triste fallou Alta Princeza,
A Napoleão, qual Pharaó mais duro,
Nem era facil á sua fereza
Suster-se, por ter medo do futuro;
Por tanto accelerou a grande empreza,
Conselho desprezou tanto maduro;
Tudo entre ambos ficou n'uma chorada,
Tudo entre ambos ficou em hum nada.

36.

Maria, Vestal filha de Saturno,
No Templo Virginal de *Vesta* ramo,
Acceso o lampeão tendo diurno,
Por isso stimável, qual Juno em Samo,
Seguindo das Heroínas o seu turno,
Rende-se a Napoleão como a seu amo:
Por Enéas mais não fez Tiria Dido,
Nem a mesma alta Venus por Cupido.

37.

Cinco, ou seis annos vierão de vagar,
 Com leves azas na veloz idade
 Corre o tempo, o prazer veio a acabar,
 A França leva á Russia a crueldade;
 Lá lhe vai a Allemanha acompanhar,
 Mas tudo logo foge em brevidade:
 D'alto cahe Napoleão pouco astuto,
 Caranguejo em andar c' o Mameluco.

38.

Com que diversas côres pinta o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora:
Mal com bem, bem com mal, he temperado.
 Na roda da Fortuna a bella Flora,
 Ora assima, ora abaixo, busca stado,
 Mas nella veio achar huma má hora:
 Exhalava em seu peito a ardente frágua
 De lagrimas diluvios, dôr, e mágoa.

Bocage.

39.

Por faces de carmim Maria chora
 Pérolas d' aljofar mui sentida,
 Ostentando-nos qual rubor d' Aurora,
 Lagrimas de sangue amortecida;
 Pois de repente vê ficar de fóra
 Lá do Throno Francez quem lhe dá vida:
 Trocando-se na roda o movimento
 Dos fracos eixos deste Firmamento.

40.

Altos Ceos! Quem he lá que vos governa,
 E quem de vossos Astros tem a rédea?
 Quem guia a Luz Celeste da Lanterna,
 Que no terraqueo Globo dá Phebea?
 P'ra sentir afflicção tanto interna,
 Quem se determinou lá em Astrea?
 Creio que he hum só DEOS Omnipotente,
 Que governa do Magno Mundo a gente.

41.

Ah! infeliz Princeza! Mesma viste
 Lá em París teu fado desgraçado,
 Roucos tambores tu afflicta ouviste,
 Que atroavão seus sons no ar rasgado,
 Publicando fatal scena tão triste,
 Que o Jupiter Sagrado ha mandado:
 Nem te agora valeo Napoleão,
 Nem o seu *Mameluco* (1) canzarrão.

42.

Mameluco d' Egypto grão cigano,
 D' encantos Professor, terror do fado;
 Nigromantico na Arte do Tyranno,
 Qual Mago d' huma Circe endiabrado;
 Este que o Sol eclipsa, e o dia utano;
 E máres enfurece em seu mandado;
 Que socegar faz, voltar os ventos,
 Não te vale então tristes movimentos?

(1) Mameluco he hum Mulato que trouxe do Egypto por feiticeiro.

43.

Não, porque prohibido já lhe estava
 Pelo Senhor, que densos orbes move,
 Contar-te a triste sorte que se achava
 Na urna dos Décretos do grão Jove:
 Calou-se, mas de longe já olhava,
 A desgraça do Ceo que mana, e chove:
 Oh! Se elle pudesse, elle diria,
 Em tartamuda voz: bella Maria.

44.

Sendo eu de Plutão rijo Ministro,
 Que o barqueiro d'Acheronte cá passou,
 Vim de lá ao Pólo de *Callisto*,
 Quem na França me vio tudo pasmou:
 Caudatário do Rei, que está mal visto,
 E a roda internal lhe desandou:
 Quem te mandou tomares este abrigo
 Sem primeiro preveres seu perigo?

45.

Vê que se Napoleão Rei se conserva,
 Germina toda a Europa em heresias,
 Por isso me pareceo haver reserva,
 D'outro mais justo Rei, e d'outras guias,
 Pois entrando vi cinco da *Caterva*, (1)
 Que mandarão calar quanto eu sabia:
 Por tanto, eu não podia revelar-te
 Tua sorte fatal, nem bem contar-te.

(1) Os cinco erão = Pio = Alexandre = João = Jorge = Fernando.

46.

Antes te considéra afortunada
 Oh formosa Princeza em tal desgraça ;
 Se fosses do marido acompanhada ,
 Era facil beber veneno em taça ,
 Serias por bella desconfiada :
 Eu conheço-lhe o génio , sei-lhe a raça ,
 Serias outra *Octavia* (1) do vil Néro ,
 Sendo mulher perpétua deste féro.

47.

Quantas vezes no Mundo a pompa Augusta
 Nas ruinas tem a sua sepultura !
 O cadafalso , a guilhotina injusta ,
 Trabalhando com morte prematura ,
 Pois experimentavas á tua custa
 Tyranna morte sobre desventura ;
 Vê que tal sorte teve de Planeta
 A tua antecessora *Antonietta*.

48.

Alfim sentio a França a retirada
 Desta Augusta Princeza , Flora bella ,
 Suave de caracter , muito amada :
 Despede a seu marido , elle a ella ;
 E fallando-lhe assim mui magoada ,
 Em vós de mocho , e não de filomela ,
 Lhe diz em ternos ais , e soluçando ,
 O que minha elegia vai cantando.

(1) *Octavia*, mulher de Néro , foi por elle morta.

49.

Napoleão infeliz é desgraçado,
 Achas-te certa a minha Profecia!
 Senão fosses á Russia adoidado,
 Vivirias comigo em alegria,
 Agora *Ilion* de Troia stá acabado,
 Acabou-se de nós a companhia:
 Fui filomela fico Filomena,
 E tu de Radamanto pinta a scena.

50.

Lá d'Aurora na cama açafroada
 Sahe de Paris a Princeza em seus suspiros;
 França bem suspirava por sua amada,
 Da saudade frindo-lhe altos tiros,
 De lagrimas então bem marchetada,
 Hum penhasco queria p'ra retirós:
 Té que do mudo peito a ardente frágoa
 Pelos olhos lançou pérolas d'agoa.

51.

Ah! Duro penhasco, Pyrinéa Serra!
 Perenne fonte brótas abundante,
 Acolhe-me que já acabou a guerra,
 A desgraça me fez tão inconstante,
 Com as lagrimas eu regarei terra,
 Se a fonte pára tal he não bastante:
 Sejão as suas plantas sentinella
 Para me teres certa junto a'ella.

52.

O medonho penhasco, e sombrio,
Insensível a vozes tão sentidas,
Nada lhe respondeo no desafio;
As fallas tinha pois empedernidas;
Vai passar á vante oridano Réo,
Encerradas no peito d' alma as feridas:
Chorando ella avistou jardim d' Italia,
Esta que Augusta Monja he de Thessalia.

53.

Eis-aqui logo a Dama voadora
As azas vai batendo rijamente,
Faz com sua trombeta sabedora
A vinda de Maria a toda a gente;
Todos lamentão Parca cortadora
Semblante seu tão differente:
Tristes gentis bandeiras arrastadas,
Que já puzestes vistas admiradas.

54.

Chegando lá ondê era o seu Destino,
Chamejando-lhe o peito dôr ardente,
Vai primeiro ao Altar Sacro Divino
A dar graças a DEOS humildemente;
Alli vai inflammada rezar Hymno,
Que a Igreja lhe canta reverente:
Rendendo penitente os seus trabalhos,
Para da graça hayer Santos Orvalhos.

QUARTA PARTE.

Napoleão em Portugal,

Hoc est:

A guerra do Velhaco.

- " *Paritur Pax bello — Epaminond. aos Theban.*
- " *Cuncti adjint; merita que expectent premia palme.*
Virgil.
- " *Stat casus renovare omnes, omnem que reverti*
- " *Per Trojam; et rursus caput objectare periclis.*
Virgil.

WELINGTON
 Egrederere, et Sacros Nobis meditare triumphos;
 ... Lysis Annibal es Gloria tanta viris.
 Inclytus en Tibi nunc Lauros promittit Apolo,
 ... Neptunus Tibi nunc Cærule Sceptra dabit.
 Gaudet Lysia; sic nam Te miratur Ovantem;
 ... Tu Spes, et nostris Gloria summa oculis.
 Oh, heros que Sagax, in Te stat Lysia victrix:
 ... Nomen Wellington stridet in Arce Poli.

Astra ferar; Nomen que erit indelebile Tantum.
Ovid. No Epilog. Metamorph.

N Apoléão doido, que he sagaz matreiro,
 Conquistar toda Europa pertendendo,
 Manhoso se fingio brando Cotdeiro
 P'ra as Espanhãs tomar mercês fazendo;
 Enredos mette em Espanha aventureiro,
 Péga a isca; seus males vão crescendo:
 Pelos beiços põe mel a Portugal,
 Troiano Laomedonte he outro tal.

Se de bronze eu a voz minha tivéra,
 O' Numes immortaes, que aos inimigos
 Astucias, enganos, e chumeras
 Expondes p'ra os enganar, como amigos,
 Gritara eu sim lá a Jupiter, quem era
 O que vai imitar crueis antigos:
 Napoleão, hum traidor, e hum perjuro,
 Que muito promettendo, em dar he duro.

Os annuaes milhões de bom dinheiro,
 Que a Portugal pedio por equidade,
 Forão sim recebidos no mealheiro
 P'ra nos da guerra haver neutralidade;
 Mas para Portugal foi embusteiro,
 Pois guerra lhe metteo em falsidade:
 Fazendo-se devoto em Mordomia,
 Dizendo que Inglez tudo nos comia.

4.

A nossa Deosa Thetis que he Britannia,
 Que ha sete centos annos nos defende,
 O Numen Tutelar da Lusitania,
 Seu brioso primor a nós expende,
 Em mesmo s' arrostar co' a Mauritania,
 Factos seus Marciaes sempre nos rende:
 Do *Longa Espada* ao *Lipe* decantados,
 E desde então p'ra cá annos passados.

5.

Oh quem te chamou cá Trampoleão,
 Trapola, com as tuas trampolices
 Entraste como amigo d' ante mão,
 Furtar Portugal queres com meiguices;
 Acariando os Póvos com feição,
 Prégando protecção... machavelhice!
 P'ra que o povo caia na corriola,
 Mente que se desunha o tal Trampola.

6.

A guerra nos faz vil, cruel, e injusta,
 A traição lhe socega sua entrada,
 Exercito cruel atterra, assustã,
 Conhece-se-lhe então a vil cilada;
 Huns lhe chamão ladrão; outros lhe custa
 Guerreiro lhe chamar nesta entrada:
 Eu agora aqui chamo-lhe Alarico,
 Alarico cruel, aváro, e rico.

7.

Cáco teria nome nesta historia,
 Pois que deste nos conta o Mantuano
 Ser grande vil ladrão; e ter por gloria
 Queimar casas, ser filho de Vulcano;
 D' Hateroclitó outro não ha memoria,
 Que o exceda, nem Diocleciano:
 DEOS o mandou subir do Acheronte,
 Qual o Godo Alarico em rija fronte.

8.

Eu não sei de certo se Evangelista,
 Este Sacro Vate delle nos conta,
 Que virá lá d'inferno esta faisca,
 Exterminar os Reis lá d'alta monta;
 No nome só lhe falta huma rabisca,
 O mais em taes acções bem se confronta:
Digão agora os Sábios na Escriptura (Camões.)
 Se isto veio p'ra nossa desventura.

9.

Alarico vem pois contra Honorio,
 Hum grande Imperador do Occidente,
 Conquistar com o Godo revulsorio
 A Europa cá toda do Poente;
 Ell: então padeceo hum purgatorio,
 Até mesmo alta Roma eminente:
 Oh DEOS! Que com a guerra castigaes
 Estes que vós criastes racionaes.

IO.

Lá vomitou Vesuvio infernal,
 Dentro em Córsega raes linguas de fogo,
 Hum rapaz, ou hum tigre sensual,
 P'ra na Europa nos ser hum bóta fogo;
 Pois diabos, e a série fraternal,
 Tudo mostra entrar neste ar de jogo:
 Notou-se-lhe cruel fisionomia,
 Porque as faces, e barba, são d' harpia.

II.

Todo o mar se alterou mui furioso,
 Vesuvio lançou altas lavaredas,
 Tremor sentio Europa mui strondoso,
 Hum Cometa se vio em chamaredas;
 Os Deoses lá então no Olympto idoso
 Bem vestidos de galla, e finas sedas,
 Pedem ao Numen Sacro Omnipotente
 Revelar-lhes d' Europa o mal pendente.

I2.

Junó então reverente se postrou
 Ao Altar da Magnifica Structura;
 E desta sorte ao Sacro Jove orou:
 O' tu, que mandas pôr em andadura
 Os Astros; e teu Mando adorou
 Tudo; e vai á voz de tua Pretura,
 Mostra-nos lá de teu Annal o damno,
 Que Decretas nos faça este milhano.

13.

Então a Deosa sabe por mysterio
 O que havia de haver nestes trinta annos;
 Na Europa por este homem deleterio,
 E que Portugal teria alguns damnos
 Em quasi todo seu vasto hemispherio
 Por este terrivel *Cachomecano*:
 Sobre o Pegazo, qual Belerofonte,
 Quêda então lá dará d'hum alto monte. (*Paris.*)

14.

Assim succedeo; pois que lá em França
Tolamente foi feito Imperador;
 Cuidou em extinguir nos de Bragança
 A Casa Real, sendo-lhe traidor;
 Dentadas pois lhe deo com raiva mansa
 P'ra a furtar; e ser della seu Senhor:
 Oh Supremo Senhor! Que nos castigas
 Deixando a seu favor suas intrigas.

15.

Oh! Sconde tu, ó Sol, as luminarias,
 Alta abóbada deixa escurecida,
 Desde a vinhosa Ilha, lá de Canarias,
 Té á firme Bragança pertendida;
 Para que tal Francez em Legiões várias
 Não possa vêr entrada nem sahida:
 Se hoje he Lysia Ninive peccadora,
 Penitente será merecedora.

16.

Mas como faltou nossa penitencia,
 E Alarico tal só dissimulava,
 De Jove obteve sim sem clemencia,
 Huma spada fatal que desejava,
 E debaixo de capa, e com decencia
 Zelou expulsar quem nos abrigava:
 Dizendo que Britannia nos comia
 O pão, que era preciso em cada dia.

17.

E que fechar mandava, sim dos mares,
 Os nossos uteis portos aos Inglezes;
 E que entrão fecharia lá seus lares,
 De Gibraltar inda dentro em seis mezes;
 Para que Portugal, e Spanha em pares
 Circumstancias fiquem destas vezes;
 Fazendo retirar ao Alto Norte
 O leopardo Inglez temendo a morte.

18.

Desta sorte o velhaco maquinou,
 Qual o Cerbero cão de tres cabeças,
 Quando infernaes ferrolhos desfechou:
 Pai Plutão, oxalá que lhe não têças
 O Diadema Imperial que pesquisou;
 E que no mesmo inferno o stabeleças;
 Para que mais não sinta Portugal
 De seu velhaco peão outro igual mal.

19.

E devoto mandou as crueis tropas
 N' hum Exercito bravo de Gironda;
 E Junó General que tudo ensopa,
 Qual outro bravo mar com sua onda,
 Entra com pés de lâ no fim d' Europa,
 Lacaio em París, tudo esbarrando:
 Qual Brontes de Vulcano seu Ferreiro,
 A Portugal vem dar seu malhadeiro.

20.

Mostra-se-nos mui meigo, carinhoso,
 Tanto mais quanto tinha de velhaco,
 Emissario do grão sendo manhoso
 Alarico com gestos de macáco;
 Para prender JOÃO todo amoroso,
 Em cortejos entrou este outro Cáco:
 Mas Principe JOÃO se foi sahindo,
 Quando Neptuno as portas foi abrindo.

21.

Traz comsigo de França toda a corja
 Alquillados patifes Generaes,
 Trazendo de Vulcano toda a forja,
 P'ra incendiar d' alta Lysia os Mouraes;
 Rotos entrárão cá, faltos de górgja,
 Desfarçando-se assim soldados taes:
 Kellerman, Laborde, Grandorge, Loison,
 Ney, Legard, Soult, e mais o Margaron.

22.

Brontes Junó foi logo vêr Belém,
 Cortezias fazendo, e caramunhas,
 Impedindo embarcar, tudo sustem,
 Para os Lusos pilhar ás suas unhas:
 A treta conhecco-se no desdem,
 P'ra Principe prender giria punha:
 Porém as Quinas Sacras lá d'Ourique,
 O Gallo velhacaz, nos dão despique.

23.

Conhecida sim foi a vil trapaça
 Deste Vandalo vago Alarico,
 Que ao Sôta Junó deo almofaça,
 P'ra esfregar bem dos Lusos o bolicco;
 Ameiga aos Portuguezes: fina traça!
 Cuida a todos lhe pôr rolha no bico:
 Já então tinha a Hespanha enganada,
 Promettendo-lhe a Lysia conquistada.

24.

Por isso os Lusos todos se calárão,
 Em cólera fervem mansa o peito ardendo;
 Quasi meio Reino á Spanha entregárão;
 Calurda, nem chuz, buz, vamos vivendo:
 Ao novo Judas falso testejárão,
 Aos Francezes assim forão soffrendo:
 Mas como a Luz d'Ourique nunca falta,
 Em breve se uuiu tudo na Lysia alta.

25.

Tudo foi como d' antes Portuguez,
 Napoleão tanto diz como desdiz;
 Chama seu Portugal por esta vez,
 Vário como o burro de João Diniz,
 Furta-nos, outro qual gato montez,
 Que nas serras come o rato; e perdiz:
 Então desenganou-se brava Espanha
 Do tratante Junó, todo maranha.

26.

Rasga então a cortina do segredo
 O Alarico, cara deslavada,
 Vio-se de *Agatocles* então o enredo,
 Deste *Fauno* a falsa gram silada;
 Publicou pois por seu proprio dedo,
 Que a Casa de Bragança era acabada:
 Pois que o Principe JOÃO se affugentára,
 E o Governo do Reino regeitára.

27.

Decreto infernal, posto em ladroeira,
 Lá nos seus rivos Códigos fundado;
 Códigos Jacobinos, tanta asneira!
 E por isso justo he serem queimados
 O seu Código he qual a ratoeira;
 Que homens faz libertinos condemnados:
 Triste Portugal, então mansa ovelha,
 Ficas-te agora torcendo a orelha.

28.

O Augusto Divan em Supplemento
Do seguro Monarchico Governo,
Foi sempre ao Alarico muito attento,
E ao Brontes amigo de Falerno;
Por tanto concordou dar hum Assento
No Tribunal a hum Francez extérno;
Porém quem inimigo muito poupa
Receber-lhe vai fogo á queima roupa.

29.

Arvorado em Castello o Estandarte
Francez, no Rocio houve gram revista;
Lisboa se atroou com strondo Marte,
Acclamou-se dos Lusos a Conquista:
Furto lhe chamo eu na minha Arte,
Bem que nada tenho eu lá de Jurista:
Dos Thronos chupa mel mui ardiloso
Mas de Portugal não; fóra goloso.

30.

Puzerão-nos então contribuições,
Hum modo de furtar o mais honesto;
Mandando-se pagar quarenta milhões,
Para segurar bens; ladro aresto!
Ah! Código infernal! Que decisões
Por favor não se mandão pagar presto:
As Igrejas ficarão sem Thesouros;
Pois Junó lhes roubou pratas, e ouros.

31.

Tambem as várias casas dos Fidalgos,
 Mercadores, e taes Negociantes,
 Dêrão sem repugnar a estes galgos
 Seus móveis preciosos, e abundantes;
 De sorte que alguns bem ficarão calvos,
 Sem ouro, sem prata, e sem diamantes:
 O mesmo tal Junó em vil pessoa
 Os cavallos Reaes vende em Lisboa.

32.

O Lagarde cruel como Intendente,
 Tinha sobre trezentos espiões:
 Como a paga não era diligente,
 De todo não sabia as opiniões,
 Por isso Busarate mal contente,
 Com dinheiro só dava Certidões:
 Oh! Que bella peça tu lhe pregaste,
 Honrado Nuncio, (1) quando te embarcaste.

(1) Ouvi que o Senhor Nuncio se escapou para o Brazil em hábito de Pescador, depois d'haver passaporte de Junó para sahir para a Italia, retrocedendo de Aldêa-Galleja.

33.

Se d' Appelles o meu fora pincel,
 A minha Lyra fosse Mantuanal,
 Riscaria melhor com meu cinzel,
 Bustos a ti com tua Sáfardana,
 Enganas-te, Junó, pondo-lhe o mel
 Nos beijos lá por sua moliana;
 Mas eu nem Lyra tal, nem pincel tenho,
 Com que te façachum aureo desenho.

34.

O que espioes dizião da Lagardé,
 O que se conta lá pelas tabernas,
 Ou então se publicava cedo ou tarde,
 Isto pois impede ao Corréio as pernas:
 Todo então Portugal desconfiado,
 Tudo se esbandalha e desengadernalha,
 Quanto mais bate as azas, leve Dama,
 Mais as intrigas voão pela Bama.

35.

A Junta de Fidalgos manda o Bronte,
 Convocar lá no mez do Maio bello,
 Por entre de bayonetas Acherontes,
 P'ra servirem de voto, e modelo,
 A fim de levantar Bellerofonte,
 Alarico de Lysia no Castello:
 Assim pois permittio Divino Vate,
 P'ra termos de soffrer hum tal Orate.

.38.

A gram Villa das Caldas foi primeira;
 Onde se fez hum leye desacato:
 Por honra defender da lavadeira,
 Dos bárbaros soffreo hum arroz lacto:
 Forão quatro mil fuzes á carreira,
 Degolar nove só d'hum forte lacto:
 Até eu mesmo vi bem explicar,
 Que Junó houve = *argent* = sem perdoar.

.39.

O patife Loison cruel Maneta,
 Nas Provincias de cima foi hum raio;
 Queimou tudo vilmente o tal scopeta,
 Inda que em Marte atroz era garrão;
 Ignoravá da guerra pois á vés,
 E tinha a lingua só de papagaio:
 Por isso o General nosso Silveira,
 No Douro lhe fez dar hum carreira.

.40.

Silveira, de raios brenha Tonante,
 Nas montanhas do Douro, e do Marão;
 Tu spantaste o Francez ladrão fafante,
 Maneta, que nos vinha pôr guibão,
 Cortando-o com spadas flagellantes;
 Muito te deve Lysia, ó Scipião;
 D' Amarante Conde, muitos vive annos,
 Para gloria de Heróe, e Transmontanos.

41.

Os férteis povos lá das duas Beiras
 Soffrêrão os açoutes do tyranno;
 A gente Lusa tem na dianteira
 Espada, ou broquel, não soffre engano;
 Levanta logo as Armas toda inteira;
 Arde por se vingar qualquer paizano;
 E nunca duvidou no gyro incerto
 Atacar inimigo em campo aberto.

42.

A' vista de crueis taes atrocidades,
 Que Alarico da França nós mandou;
 O peito Luso invoca a Divindade,
 E auxilio do Ceo muito alcançou;
 P'ra evitar assim taes tantas maldades,
 Dois só pontos o Ceo lhe supplantou;
 P'ra se livrarem pois do Alarico,
 Como passarinhos do Milharico.

43.

Forão pontos os dois muito notados,
 Hum do Reino ao Sul, outro ao Norte;
 Ambos ao mesmo tempo levantados
 Ditosa *Faro*, e *Chaves*, praça forte
 Minha quasi patria de bons murados,
 Dos Romanos Lusos hum contra forte:
 Tu primeira *Chaves* (1) foste a chave
 Que abriste a triste *Lysia* a forte nave.

(1) Nesta app'rendi as Primeiras Letras em 1753, e
 1756.

44

Fáro fiel, farol tão luminoso,
 O Ceo te concedeo a luz brilhante;
 P'ra ao mesmo tempo vêr, mui presuroso,
 Fazer nova gyrar tanto arrogante
 Para que Portugal mui victorioso,
 O Principe acclame dominante;
 Ficastes mais famosos, Turdetanos,
 Que quando expulsaste os Mauritanos.

45

Vós ó d'alta Cacem, ó Lusos bravos,
 Santiaguenses em Marte mui ligeiros,
 Francez Governador prendestes, bravos
 Em Sines; no perigo aventureiros!
 Tu Cacem (1) que aos Romanos deste clavos,
 Resistindo-lhe fortes e guerreiros;
 Os de Grandola em Camera gritarão:
 Viva JOÃO, e as ruas arrojão.

(1) Logo que em Fáro se principiou a nossa resistência, se foi propagando esta pelas Cameras successivas até á de S. Thiago de Cacem; então estes valentes Lusos de repente foram a Sines prender na Fortaleza o Governador Francez Sanguinét; por cuja causa tanto estes como os de Grandola moradores, estivemos a ponto de nos virem os Francezes de Setubal saquear; e a 15 de Agosto fugimos de noite, porque os Francezes chegarão até Alcacer para este effeito; mas retrocederão por ordem de Setubal; muito deve este paiz ás astucias, e esforços dos Cidadãos de Cacem, principalmene ao Cavalheiro Carlos Louzeiro.

Pois tu, linda Coimbra, bem valeste,
 Em guardar o segredo com Trigosó; (1)
 Teu genio de Minerva engrandeceste,
 Aliás o cruel Ney mui poderoso
 Te iria lá queimar pelo que escondeste; (2)
 Pois queimou Alcobaça façanhoso,
 Entaipaste o caixão de Isabel Santa,
 Por isso Ney tomou-te em raiva tanta.

O Esquadrão de Minerva forte armado,
 Ao Ney temor fez; não foi avante
 Em Marte, e mais Minerva bem louvado;
 Divisas respeitavão ao Estudante
 Com que o peito Marcial hia adornado;
 Assim intimidaste ao Ney tarfante,
 Mas se a Rainha abriga esta Cidade,
 Podia descançar a nobreidade.

(1) Então Vice-Reitor da Universidade, e Governador de Coimbra.

(2) Consta que fugirão as Religiosas, deixando o caixão com o Corpo muierto entaipado.

48

Ah Leiria! Tu ó bella *Collypo*,
 Onde *Salmis*, o Príncipe málvado,
 Mostrou alma de cão, alma de chibo;
 Sácras *Fórmãs* ahí tudo queimado,
 Bravo tu como são ondas de *Euripo*
 Lisongeando-se ter assassinado
 Frades, e humã linda rapariga
 Pejada, esfaqueando-lhe a barriga.

49

Evora, ó Julia tu, gram Capital,
 De toda esta Provincia *Transtagana*,
 O Maneta cruel foi animal,
 Que te mordeo damnada *ratazana*,
 Malfeitor *Solignac* lhe foi igual,
 Estes e *Margaron* tinham-te gana:
 Matarão a hum Bispo lá na Sé,
 De **CHRISTO** morreo *Mártyr* pela Fé.

50

Arcebispo velhinho Fr. *Genáculo*,
 Qual **CHRISTO** de joelhos a seu *Judas*,
 Por seu povo elle orou a este *Oráculo*,
 Lagrimas sendo suas linguas mudas,
 Mata esta minha vida por *spectaculo*,
 As do meu povo deixa, o Ceo lhe acuda:
 O Santo assim rogava *Octogenario*,
 Digno dos Santos vir no *Kalendário*.

51.

Alcobaça de Monges Santuário,
 Custódia Nazareth d'antiga Imagem;
 Que livrou a Rodrigo temerario
 De cahir da Rócha do mar á margem;
 Quanto vós soffrestes a Thomiers nefario,
 Dentro na mesma Igreja o tal selvagem,
 Forão pois as Imagens cutiladas,
 As Sacras Fórmãs forão espalhadas.

52.

Tu arrieiro Ney he que queimas-te:
 Minha fresca Condeixa (1) ha quatro annos,
 A nova Igreja a tiros arrazas-te;
 Tantos na fuga lá fizeste damnos:
 Alcóbaça, e Leiria incendias-te,
 Tigre féro com as armas do tyranno:
 Se Coimbra á tua pólvora scapou,
 Foi porque a Santa Rainha a guardou.

53.

Béja, alta Pax Julia memoravel,
 Onde cultiva o Astro viajante,
 Trigos outros de sorte mais sumavel,
 Tu és qual carro á onro triunfante,
 Em riquezas, commercios, mui tratavel;
 As bravezas do raio devorante
 Desse cruel Francez tão desabrido,
 Queimárão teu Prospecto mui horrido.

(1) Casei em Condeixa onde fui Médico 22 annos.

54.

Setubal, (1) Cerobriga dos Romanos, agraço
 Se bem a Julio César arrostaste; e se
 Tu agora recebes taes guzanos
 Inflammantes braseiros hospedas-te,
 Que tantos cá vierão fazer damnos;
 Vós netos de Tubal afrouxaste,
 Ao Grandorge deyieis trucidar,
 Facha de fogo tal vos vem queimar.

55.

Póvos, vós Portuguezes mui bem viste;
 Horrendas scenas destes Jacobinos,
 Malvados *Atheos*, onde sempre assiste
 O materialismo d' alma libertinos;
 He para se sentir sorte tão triste,
 Em nossos irmãos taes, irmãos indinos,
 Napoleão, e Weipsó são seus Letrados,
 Dideró, Montesquieu, Volter malvados.

56.

Vimeiro, terra augusta na batalha,
 Fizeste a Junó tal dar humas calças;
 Fugia; ha pés! E deixa alta muralha
 De Marte; e com fugir quebrou as calças;
 Touros vio de palanque, e a merralha
 Das ameixas tal leva em várias bolças;
 Junó, Junó, ficaste aprisionado
 Merecias morrer d' alto enforcado.

(1) Setubal foi seu Quartel General para conter os Aleintejanos, e Algarvios.

57.

Levanta a cóla, Português bichinho,
 Co' os dentes da mordaca que tivera
 Na boca por Junó faz bocadinhos,
 Qual milhano que bico rijo ferra
 N' hum bando que lhe foge de estorninhos:
 Em redemoinhos gallos postra em terra:
 Bravo tigre em Paris talto utrava,
 Que os Montes com seus gritos abalava.

58.

Cocheiro (1) na Paris, em Lysia Phaetonte,
 Os carros do Sol mal tu governaste,
 Arrogante em Lisboa, antes Ethonte,
 Pois a tróte maior coche guiaste;
 As rédeas aos cavallos no horizonte
 Demasiadamente lhe soltaste:
 De mais subiste co' Solar Archote,
 Despenhas-te no mar teu pacabote.

59.

Tu quizeste prender ao nosso Amado,
 Principe tal JOÃO, porque o tyranno
 Teu Senhor, hum tal tigre encarnicado,
 Furtar-lhe queria o Reino Soberano,
 Cuidaste enganar o Luso atilado,
 Que bem te conheceo falso milhano:
 Querias prender JOÃO com teu desprezo,
 Pra as masmorras de França o levar prezo.

(1) Consta que Junó foi Cocheiro.

60

Mas aqui inda não pára a Trágedia;
 Vou tratar outra mais segunda parte;
 Outra vez Portugal vê a Comedia
 Do General Massena de pouca arte;
 Forte sahe lá de França em larga redea
 Utano vem; de Lysia inoção o Marte;
 Baptizado como Anjo de Victoria
 Por seu Napoleão; sabida gloria

61

Mais de cem mil trazia combatentes;
 Assolando as terras lá da Beira;
 Não forão no Bussaco mui valentes,
 Mas beijarão dos nossos a frazeira;
 E assim pensão ir muito correntes,
 Tomar Lisboa só d' huma carreira;
 Mas o Téjo, e alto mar os vão cercando;
 Fazem de taes ladrões parar o bando

62

Os valados aqui e as trincheiras
 Pelos nossos em ordem já dispostas;
 Manhosos pela fuga lá das Beiras,
 Virão-lhe dente seu; e os futres costas;
 Amuados stiverão nas fileiras;
 Temendo então ficar na linha em postas;
 Aqui temos Massena já primeiro
 Correr de cavallo, para cendeiro

63

Então já Portugal estava squentado,
 Conhece já velhaco Alarico;
 Já melhor stava forte, e reforçado,
 Coração lá lhe fere agudo pigo;
 O povo stava todo levantado,
 Contra França, pejeja pobre, e rico;
 Wellington he que he Anjo de Victoria,
 O seu pensar he quem nos deo a gloria.

64

Amuárão-se todos por seis mezes;
 Massena por óculo yêndo as *Linhas*;
 Mas temendo-lhe sempre seus revêzes,
 Nunca spadas tirárão das bainhas;
 Irra! Querias ter ouro sem fêzes
 Foge inda que de rasto, ou de *gatinhas*;
 Os contra tempos, a maligna, a fome,
 Todo seu grande exercito, consomme.

65

Retiráo-se então muito airosamente,
 Depois de tudo haverem bem roubado;
 Tudo malvado foi, e asperamente,
 Por Godos d'Alarico assolado;
 Mas os Lusos, e Inglezes juntamente,
 Lhe picárão nas costas com cuidado;
 Fugio Massena algum tanto mais cedo,
 Gato escaldado á agua fria ha medo.

66

Massena de fanfarrão d'altas batalhas, por se
 As portas abrindo aos seus desafios, e
 Com trombetas rendendo alturas muralhas,
 Assusta de Bolonha os valadios,
 Foge? Pois fuge de Hum tal que he hum rocalha,
 Foge, visto elle perder honras, e
 Despenhou-se; lá vai tal Phaetonte,
 Deo co' os burros no mar louco *Ethante*.

67

A dôr que sinto, a scena que lamento,
 He a morte tambem dos innocentes,
 Que por torto informado mandamento,
 Se reputarão réos, e delinquentes,
 Huns dados ao fuzil do Regimento,
 Outros assassinados padecendo,
 José Paulo, Peniz, e Bernardino,
 Outros mais sendo prêzdos por malighos.

68

Tivemos outro mais pequeno ataque,
 Depois que Badajoz foi tomada;
 Forão pois á Beira Alta d'um baque,
 A Guarda recebeu tambem a
 Foge por Spanha; então levão seu parque,
 Massena foges tu na retirada,
 Mostras entender só de pão de norã,
 Andando em roda sem poder ir fora.

69

Tres vezes, diz hum Sábio: (1) quebrou fogo
 E pensa que não há hum natural d'indis e por
 E diz mais admirado = Eu desconfio
 Que atacar o Francez a Portugal, tal
 Vêde bem, he malhar em ferro frio =
 Mas se vénia-me dá, e não leva a mal
 Digo que não desconfio, mas tenho
 Por certo ver do Ceo este desenho

70

Senhor dos Ceos, que lá do Firmamento
 Vós fundaste de Lysia o Edificio
 Não queirais que este Reino ta vós attento
 A Napoleão dê sujeito hospicio
 JOÃO, e vindouros seus tenham assento
 Como Affonso Rei nos ideos Indicio
 Para Lysia na Fé terisegurança,
 Conservai-nos Real Casa de Bragança

71

E já que por mim tanto padecereste
 Na Cruz remindo; apezado Rubis
 E nella ao tempo Real offereste
 Vosso Sangue cercado de Omenubins
 Dai-me Vosso Auxilio, pois está
 Me conduzirá certo aos bons fins
 Se vós salvaste hum peço de soldado
 Eu sou quem mais feriu, e isso lado

(1) O Senhor José Daniel Rodrigues da Costa.

S O N E T O

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
DUQUE DE WELLINGTON.

- W**ellington, Palma empunhas por divisa;
 “ Cinges a frente com triunfantes louros;
 “ Fabrica-te Alto Sol diademas d’ouro;
 “ A Terra Nome teu bem eterniza.
- “ As Spanhas com sangue fertiliza
 “ Teu peito Marcial Saçro Thesouro;
 “ Dellas affugentas-te ao Gallo touro,
 “ Que nos queriã sfollar pelle, e camiza.
- “ Oh! Quanto a Fama vòa, e canta a Lyra
 “ De tua militar, e prudente arte,
 “ Brilhando como a Luz que no alto gyra!
- “ Mereces, Hannibal, Sibio Marte,
 “ Quando por tal a Europa nui te admira,
 “ A Fama levantar-te hum Templo á parte.

Dignum Laude virum Musa vetat mori.
Horac.

S O N E T O

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
Duque de WELLINGTON.



Wellington, Palma empunhas por divisa;

“Cingez a fronte com triunfantes lauros;

“Faltou-te Alfo Zol disdantes d'ouro;

“A Terra Nome ten bem ecrizias,

“As Spanhas com sangue fertiliza

“Ten peito Mucici sacro Thesouro;

“Dellas atropelaste ao Gallo touro,

“Que nos queris abalar pelle, e carnis,

“Oh! Quando a fama tua, e carta a Lira

“De us milites, e pudente ante,

“Rilizando como a Luz que no alto gyra!

“Vozes, Hannibal, Zibio Maria,

“Quando por tal a Europa vai te admira!

“A fama levantis-te hum Templo a parca

Dignum Laude virum Musa vocat mori.

Horat.

QUINTA PARTE.

Napoleão em delirios,

Hoc est:

A Casa dos Orates.

Infelix, quæ tanta animum dementia cepit?

Virgil.

Sævit amor ferri, et scelerata insania belli.

Virgil.

I.

NOva outra lá Carthago se me antolha,

Alta Paris a brazas reduzida;

Eu observo, eú miro: enriça a cóla

Outra vez bravo Tigre em despedida,

A'lerta, álerca; pois se desenróla

Mateira serpe tal adormecida:

Foi Carthago abrazada por Scipião,

Talvez seja Paris por Napoleão.

2.

Francezes, de Phramundo Augustos Netos,
 De Pepino, Capeto, e São Luiz,
 Vos a *Ceraste* toma os Epitétos,
 Como, e quando a vontade lhe condiz;
 Hum dia soldádo, outro com affectos
 Elle a Consul se eleva como quiz:
 Mas quando sóbe a serpe a Imperador,
 Cuida só em tratar-vos com rigor.

3.

De cera tem nariz, côr averdeáda,
 Olhos lhe mui scintillão flamma ardente;
 Signaes estes se apontão da malvada
 Condição adoidada fortemente;
 Qual Circe, feiticeira endiabrada,
 Que homens em féras muda rijamente:
 D' Ulysses o attestem companheiros:
 Se não lhe orassem erão leões inteiros.

4.

Vós Gallos, que no Marte, e na Minerva
 Os Gregos Exemplares adoptastes;
 Como vos céga tanto a vil caterva?
 Como vos tanto arrasta a vil *Ceraste*?
 Python! Que lá do limo traz reserva,
 Onde tu Deucalion homens mudaste:
 Ah! Cru Python! d' Apólo venhão sétas,
 Que a ti, Napoleão, fação finaes méas.

5.

Em pratos limpos eu vos vou a pôr
 Subidos vãos meus em Profecia; (1)
 Não tenho por Jehova tal ardor,
 D' Isaiás, ou David não tenho a guia;
 Mas tenho da razão o resplendor,
 Que o Jehova me deo por authoria:
 = Napoleão louco agora vai queimar
 Alta París, que a todos faz chorar.

6.

Ah! Jehova immortal, que penduraste
 No vasto Ether mundos a milhares;
 Que seus circulos logo lhe mandaste
 Gyrar por dias, horas singulares;
 Mandai que o Lampeão que nos fundaste
 Se demore em vagar nos altos ares:
 Pare o Planeta sim, que nunca pára;
 Oxalá que em seu gyro adormentára!

7.

Oxalá que essa muda Jerarchia
 Dos taes que os Astros móvem gyro inteiro,
 Esses d'Empyrea sala alta alegria,
 Esses que são os Pagens mensageiros
 D'alto Jehova só lá por sympathia,
 Demorassem do sol certas carreiras;
 P'ra que Napoleão se demorasse,
 E que em París o fogo não lançasse!

(1) humana somente.

8.

Na Gazeta vejo eu cá deste Abril, — 1815.
 Que elle doidamente alto accommettêra
 A grande Paris com ferro, e fuzil;
 Quando depondo o Sceptro promettera
 Ser de Luiz vassallo, ser servil,
 A seu tal Justo Rei que o protegera:
 A' doida, qual frenitico arrogante,
 Sahe de Elba onde stava dominante.

9.

Dominante por alta, compassiva,
 Régia Mercê d' honrados Grandes Reis;
 Historia, que eu triste já deixei mais viva
 Nos versos atras scriptos que vereis:
 Depois vassallo em Elba, faz intriga
 Co' o Cunhado Murat, faz novas Leis:
 Este entra no Congresso dos Orates,
 Que mal pensou fogoso nos rebates.

10.

Disfarçado velhaco a cêa acaba,
 Safando elle se vai para o Estaleiro,
 Embarca; seu chapeo então desaba,
 Contra Rei seu Luiz he o primeiro,
 Que dos doidos elle só principiava,
 D. Quixote hum tal louco aventureiro:
 As furias de Neptuno endiabradas,
 C' hum louco tal a França vão levadas.

II.

Não lhe lembra da Russia a Alexandre,
 De Jorge a Grande Thetis tremebunda,
 Do sogro honra Cesarea alta, e grande,
 Do Prusso experto já a furibunda,
 Velhacada soffrida infame infande;
 Não lhe lembra do Luso a barafunda,
 Em que velhaco poz a Lysia Santa,
 Que tantos a CHRISTO Hymnos ella canta.

12.

Não lhe lembra o Leão que he Fernando,
 Hespero que altas grenhas sacudio;
 De quem por ser velhaco teve o mando,
 E que n' hum cativeiro o submergio;
 Nem essa grande Italia murmurando
 D' avassallar-se a hum tigre, a hum bugio:
 Não teme este grão doido forças taes,
 Que he demente, dirão isto os annaes.

13.

Desse inferno o baixel se desamarra,
 No Golfo de Cristal que Elba retrata;
 Arrogante Pavão se desagarra
 D' Ilha, onde seu Rei com honra o empata:
 Oh! Se n' alta París o degolára,
 De seus olhos tirava a catarata;
 Quem poupa pois o seu grande inimigo,
 Mais cedo, ou mais tarde cahe no perigo.

14.

Não lidava c' hum Rei d' outro Rei Filho,
 C' hum Neto, hum Bisneto, hum cem vezes Neto,
 Lá d' algum outro Rei, que d' honra a trilho,
 Segue por Sangue Real tal Epíteto:
 Tratava por favor hum tal Novilho,
 Touro d' inferno tal, qual furia Alécto:
 Sendo as duas irmãs por toda a França
 Furias que lhe entortavão a balança.

15.

Estas furiás, traidores Generaes
 Seus, que na França deixa solapados,
 São qual veneno mortífero em formas taes,
 Narcotico adormece homens honrados;
 Quanto mais anda tóma forças mais,
 Quanto mais mentem achão mais malvados:
 Juntão-se perfilhados Jacobinos,
 Vão huns cem mil diabos Leoninos.

16.

A' porta o Capataz só em pessoa,
 Lá nas raias de França furioso,
 Jacobica familia tudo atrôa:
 Logo se lhe juntou com grande gozo
 Aqui o Leviathão; Hymnos lhe entôa,
 Humilde cortejou doído fogoso:
 Diz-lhe que *petas* vá introduzindo,
 E dentro lá na França se vá findo,

17.

Com cara alegre, olho d'sfuziote,
 Começa elle a berrar lá dentro em França =
 Eu vou a ser do Throno hum alto Archóte,
 Por senso dos Monarcas = Dou-vos speranza
 Que da Europa se acaba o terremoto =
 Vereis logo a Paz = acabou a dança =
 Pois no Congresso assim o celebrarão;
 Os que n' Austria bêm lo considerarão. (1)

18.

A isto se lhe junta a populaça
 Em reverentes cortejos saudando;
 Viva, lhe dizem huns; outros desgraça
 Temem pela alta França caminhando;
 Mas o doido lhes armou a tal trapaça,
 E com isto foi póvos embalando:
 De bronze he alto Ceo, de ferro a terraça,
 Quando em castigos Jehova nos encerra.

19.

Engolfado nas iras e ambição,
 Sahe co' a corja dos doidos, e velhacos:
 Entráo n' alta Cidade de Leão,
 Fingidos ahi são estes macacos,
 Pois por Patrono haviáo Leviathão:
 Pinta-lhe este Alexandre, e seus Cossacos,
 Em seu abono staváo, e os mais Reis,
 E até mesmo lá d' Africa seus Beis.

(1) O Congresso de Vienna para a Paz da Europa em 1814.

20.

E como veloz foi sua carreira,
 Huns engolem a peta; outros pasmados,
 Na dúvida ficarão de maneira,
 Que a qual foguete subito admirados,
 A todos deixa cegos na vizeira,
 Crescem os jacobinos tão malvados:
 Batem repente ás portas de Paris,
 Estremecido acorda o Rei Luiz.

21.

Sempre os doidos trouxerão espantalhos,
 Com que os ajuizados se afugentão,
 Por spantalho hum cavallo faz retalhos,
 Quando os Gregos á Troia os apresentão,
 De seu ventre sahirão taes bandalhos,
 Que Troia fica em cinzas, que a atormentão:
 Hum cavallo de fáia os enganou,
 Por isso o Grego Marte lá entrou.

22.

A doida turba tal tão destemida,
 Vallando o Marcio Campo socegado,
 Ardente bronze stoura, e intimida,
 De Paris o grão Povo adormentado;
 Perdeo o Sol a côr; perde a medida,
 De seu gyro por DEOS já bem riscado:
 Treme Paris; os montes se abalarão,
 Logo todos de lá se afugentárão.

23.

Luiz que era seu Rei há pouco acclamado,
 Que seu Throno, tão justo, possuía,
 Acorda em Marcio strondo alvoroçado,
 Retira-se a seus Estados n' outra via;
 Entre tanto atroz Pluto afogueado,
 Infernal Napoleão toma authoria:
 Sobre o Throno de França roubador,
 Depois que foi vassallo, e não Senhor.

24.

Ai dor! Quem isto tal consideraria!
 Ah Jehova Creador! De teus arcanos,
 Só vós d'alto lugar nos dais a Profecia:
 Será este o diabo que, já ha annos,
 Evangelista poz, quando screvia
 Em *Pathmos* para nossos desenganos?
 Se assim he, o Sol mesmo se estremece,
 Pois a teu volver d'olhos tudo obdece.

25.

Astuto Hannibal vem lá de Carthago,
 Aos Romanos fazer-lhe dura guerra;
 Diga *Eumenes* no tal dia aziago,
 As serpentes o medo bem lhe afferrão;
 Spantão-lhe suas náos lá d'alto lago,
 Hum correio fatal dolo lhe encerra;
 D *Eumenes* foge-logo toda a armada,
 Serpes medonhas causão retirada.

26.

Por tal modo o vassallo rebelado,
 Napoleão em Paris faz sua entrada;
 Generaes são as serpes, que aterrado
 O exercito levão na vanguarda:
 Generaes sahem lá deste malvado
 Cavallo Corso tal d'Elba deixada:
 Poldro que com seus rinchos amedrenta;
 Mas porém logo foge e se afugenta.

27.

Sentado n'alto Throno o grão Mogor
 Leis logo decretar vai contra CHRISTO,
 Entra Luiz, manda logo com terror
 Lá outras praticar; mas tão mal visto,
 Que o povo de Paris perde o temor:
 Manda logo á socápa o seu bem quisto
 Filho buscar da Mãi ao seu rezaço,
 Mas ella não consente o furta passo. (1)

28.

Oh que giria tens; oh girigoto
 Sagaz tão machavel nesta pesquisa!
 Que faz lá o Menino perdigoto
 Para as armas vestir inda em camisa?
 Ah! Queres que te sirva de Piloto,
 Exposto a povo tal, e com divisa;
 Para que quando a ti tu te matares,
 O Filho venha a ter teus exemplares.

(1) Consta da Gazeta, que ella nao consentio lhe furtassem o Menino para o levar para França.

29.

Enganas-te, pois hum povo tão fino,
 No seu Governo não, não quer tyranno;
 Excepto o povo que he mui libertino,
 Por isso te quer só como Sob'rano,
 Visto que te conhece Jacobino;
 Mas quer a doce paz, e nenhum damno:
 E como bem se sahe racha ao madeiro,
 Elle não quererá teu Filho herdeiro.

30.

O Francez que he Christão de Lei Romana
 A ti só qual malino póde olhar;
 Arre burrinho tal qual tranquitana
 Dos Jacobinos monstros contra Altar,
 Toda porém a mais-corja cigana
 Querem que tu sim venhas cá reinar;
 Ah! Romanisco Gallo contra Roma,
 Que preferes a CHRISTO o teu Mafoma.

31.

Antes Heroína tal, que o mundo admira,
 D' Imperatriz regeita Augusto Titulo;
 Oh! Juizo agudo! Oh! Alta Lyra
 D' Apólo, dá-lhe ás cordas mais hum pulo;
 Cithariza co' plectro a ardente Pyra,
 Desta mulher em Juizo alto cogulo:
 Mereces Tu Mariã em alabastro,
 Que a Fama vá pregar-te hum alto mastro.

32.

Nunca os Evos da França tal contarão,
 Nem talvez outros seus contem futuros,
 (Oh! Que sempre comigo outros pensarão)
 Onde residem juizos mui maduros:
 Que da vida o seu perigo lhe receavão,
 Visto que tigre tal tem lances duros:
 Talvez que lhe lembrasse Anna Bolena,
 Ou da queimada Troia a Policena.

33.

Que te posso eu contar Musa, de Ney,
 General, serpe, mais outro velhaco?
 Voltou logo a casaca contra o Rei,
 A Napoleão se unir torna o macáco;
 Menos não sperava eu, nem me enganei,
 Pois menos era improprio no tal Cáco:
 Tem de Jano as carrancas dois narizes,
 Oh Musa, se me escutas, que me dizes?

34.

Mãos darei eu á obra, pés ao verso,
 Para patife tal te eu descrever,
 Se dizer d'outrem mal não fora adverso;
 Accende-se-me a cólera em tal vêr,
 Que a tal nariz de cêra tem Universo,
 Que hum tal, ingrato ao Rei ha de assim ser;
 Que speravas Rei Luiz d'hum arrieiro,
 De huma besta creada co' hum cendeiro?

35.

Francezes, queira DEOS que me eu engane
 No meu vôo Profetico (homem só) =
 Ou foge o Trampoleão lá para os seus Manes,
 Deixando a París ardendo em dó, =
 Ou squartejado morre em crimes grandes: =
 Huma perna em Moscow, outra em Roma, oh!
 A cabeça em Lisboa; as entranhas vão
 Para os tigres de Hircanea, ou do Japão.

36.

Hic digitus Dei est, me diz o coração,
 Por isso em DEOS he que eu só me confio;
 A DEOS só temo eu, a elle não,
 Amo ao Principe meu, não me desvio
 De lhe ser mui fiel Portuguezão:
 Seja o que DEOS quizer; mundo he navio:
 DEOS nos conceda a Paz tão desejada,
 E que o Napoleão fique n'hum nó nada.

37.

Bem vos deve lembrar ultima scena
 Do terrivel furor do tigre humano,
 Que com pólvora queimar París ordena,
 Haverá pouco mais quasi d'hum anno,
 Quando bem se amainou a tal *hyena*; (1)
 Minas de fogo faz o tal tyranno:
 Oh! Se agora outra Troia ardendo vires,
 Sabereis melhor qual he tal *Buzires*.

(1) *Hyena* he huma fera grande que acompanha os tigres, e come carne humana com maior gosto.

S E X T A P A R T E.

Derrota final de Napoleão,

Em joco-sério.

*In mare præcipientem pupi deturbat ab altâ
Summa petit scopuli, sicca que in rape resedit;
Illum et labentem Teucris, et risere natantem.*

Virgil.

Nudus in ignota Palinure jacebis avena.

Virgil.

O Cágado intentou voar, não tinha
Azas, por isso a tombos logo vinha
Pregar com sigo em cima d'hum penedo,
Onde as conchas quebrou, e morreo cedo:
Sem as azas de mérito, escusado
He queres voar, e ser honrado;
Alcançarás o Posto, e a Dignidade
Por alguma velhaça habilidade;
Porém isso he subir a lugar alto
Para dar maior quéda, e maior salto:
Empurrado da rigida censura,
Da qual ficas sendo alvo em tanta altura.

O M. Conto Guerreiro Sátir. 7.^o

I.

FM fim volta a París Pompêo Russiano,
O Magno Protector da afflicta Europa;
 Arrostar-se vem com o tal tyranno,
 Que pela tromba mostra cabeça oca:
 Medonho Briareu he o magano,
 Fugamos; todos pois a nós ensópa:
A Serra urrando, stá para parir,
Ratinho nascerá que faça rir. (1)

2.

Contra nós se levanta alto papão,
 Come gente, com a vista mata tudo;
 Chama-se monstro tal Napoleão:
 Tornou a vir a França carracundo;
 Este inda he peor que o Tamerlão,
 Raivoso coração tem cabelludo:
 Oliveiros, Roldão, e Ferrabraz,
 Desses humanos tigres Capataz.

3.

Já te contei, ó Musa, o afamado
 Papel que em París ha d'hum Entremez;
 Que representa o doido engraçado
 Napoleão em tal primeira vez;
 Génio tem de ságuim amacacado:
 A mostrar-te vou eu papel que elle fez:
 Se Entremezes acabão ás pancadas,
 Vêremos em que ficão as risadas:

(1) O Reverendo Jeronymo Soares na sua Traducção á Poetica d'Horacio.

4.

Oh lá, Celeste Urania, me remonta
 Aos Astros de que és a Presidente;
 Oh tragica Thalia, dá-me a monta;
 Oh Bacharéla Dama me consente
 Em teus aládos braços sem afronta,
 P'ra a Trágedia aprégoar tão altamente:
 Cada porco lá tem seu São Martinho,
 Este agora terá faca em focinho.

5.

Entrando em París c' os Jacobinos,
 C' os Generaes que havia sublimado,
 Raças da baixa plebe, e mui mofinos;
 Poem de Marte Estandarte levantado;
 A Luiz Conde de *Lilla* he o Supino,
 Titulo que lhe dá o tal malvado:
 Vê que papel Comedia tão galante
 Logo faz este bôbo extravagante.

6.

Napoleão tão *joli* comediante,
 Pois vários papeis fazes no Mundo;
 C' os narizes em *Scilla* Navegante
 Déstes, e de *Caribdis* no profundo,
 Arredar-te quizeste triunfante,
 Pede ós teus Deoses não ir lá ó fundo:
 Mas se vozes de burro ao Ceo não sóbem;
 Como tuas irão que menos podem?

7.

As mãos pondo no chão, os pés p'ra o ar,
 De Paris o terreiro procuraste;
 Couces deste, agora besta muar,
 Teu Entremez mui mal representaste;
 O *rou rou* sim soubeste tu jogar,
 Mas o que El-Rei mandou não praticaste:
 Nos dentes freio tu tomaste agora,
 Cahiste na carreira, infeliz hora!

8.

Lá do *Cyro Cabral* (1) em sangue involta,
 A cabeça não lêste amortalhada?
 Lá n' hum odre de sangue por escolta
 Na rua a pontapés escarneada:
 Rainha assim mandou em vira volta
 Que infusa em sangue fosse saciada:
 Vê os fins de *Caligula*, *Julio*, e *Néro*,
 Que vejas inda mais, eu inda spero.

9.

Lê tambem outros monstros d'alma indina,
 (Bem sei que crês que corpo não tem alma)
 Bruto, Emilio, Vitellio, e Catilina,
 Aquelle que dos Gregos teve a palma,
 Achilles, Hannibal, Pompêo sorte indina,
 Sardanapalo, cru Alexandre, e Galba,
 Otho, Domiciano, e Policrates,
 Outros mais como tu crueis orates. (2)

(1) Cyro foi criado a leite de Cabra.

(2) Cyro, Rei da Pérsia, depois de se lhe cortar

IO.

Por mais que eu, Musa, vá alto prégar
 A Napoleão mettido em seus delirios,
 A doidos corcovados he pintar
 O que lhe mostra a Luz dos altos Cirios:
 C' o Cunhado pertende maquinar
 A' França intrigas, tramas, e martyrios:
 Rei de Nápoles, tal Joaquim Murate,
 Que mui mal gizou obras d'alfaiate.

a cabeça, foi esta mettida em odre de sangue por mandado da Rainha Tomiris, que o venceo, e conduzida a pontapés pelas ruas da Cidade, com o pregão = Afoga-te em sangue na morte, já que te não farteaste na vida. = Caligula Imperador foi esfaqueado com 30 facadas, e hum pique pelo ventre acima, e depois foi queimado. = Julio César morto com 23 facadas. = Néro Imperador, querendo matar-se com veneno, ou afogar-se, escolheo degolar-se a si. = Marco Bruto, Pretor entre os Romanos, depois de matar a Julio César se matou a si por suas mãos na batalha d' Augusto. = Vitellio, Imperador, levado pelas ruas prezo, escarnecido, e golpeado; depois de morto lançado no Tibre. = Sertorio, outro Pompêo, e terror dos Romanos, morto em hum banquete pelos conjurados. = Catilina, morto pelo seu mesmo Exercito, quando o Consul Cicero o desterroo de Roma. = Achilles, o mais forte dos Gregos, morto em Troia por traição, havendo já morto ao famoso Héctor. = Hannibal, o flagello dos Romanos, morreo de veneno que trazia n' hum anel. = Pompêo Magno, vencedor de muitas batalhas, morto por traição. = Sardanapalo, Rei dos Assyrios, vencido por huma mulher, em cujo vestido pelejava, e fugin-

II.

Contra alta Roma, e contra o Padre Santo,
 Estandarte alçou Murate, ufano
 Promette defender a Luiz tanto,
 Quanto pudessem seus em qualquer anno,
 Com cem mil homens vai a Roma, em quanto
 O Trampoleão na França entra milhano,
 A' *chucha cála* vai o velhaquito,
 De Judas traz na cara o sobescrito.

12.

Foge então Pio sete octogenario,
 Este Martyr captivo nas masmorras,
 Já de França por Pluto tão falsario
 Napoleão tal incendio de Gomorra;
 Pois que á Christá Igreja he tão contrario,
 Quanto suas idéas são cachorras:
 Do Papa avassallando os territorios
 Com termos muito vís, e *relamborios*.

do para seu Palacio se queimou com elle. = Alexandre Magno, morto em Babylonia por veneno. = Galba, Imperador, degolado, e a cabeça posta em hum páo na Praça de Roma. = Otho, Imperador, degolado por si mesmo. = Domiciano, Imperador, assassinado no seu cubiculo. = Polocrates, tyranno dos Samios, crucificado no alto de hum monte, por mandado de Dário.

13.

Doidamente os soldados governou
 Nas planicies d' Italia o Rei Murate ;
 Muito lindo Entremez representou ,
 Muitas graças mostrou o bonifrate ;
 Empantufa-se o fofo , pois spantou
 Toda a Curia Santa , e mais Magnates :
 Foge Murate , cheirão-lhe as mostardas ,
 Foge porque se vio em calças pardas .

14.

O valente Allemão o derrotou :
 Seu Exercito então arrependido ,
 Quasi todo a seu Marte lhe deixou :
 Italiano he a CHRISTO submettido ;
 Não deixa a Santa Cruz , que professou :
 Murate he não honrado ; foi fingido :
 De Judas este Irmão vê a figueira ,
 Por se não enforcar , foge á carreira .

15.

Que mais quer o Joaquim alto avançar ,
 Que de Napoles Throno possuir ?
 Esqueces-te do tempo d'alugar
 Alquilés para postas construir ?
 Cosinha de Condé te deo lugar
 Para carnes , e peixes lá frigit :
 Agora fostes tal , qual foi João Borges ,
 Que marchando a cavallo , vem em alforges ,

16.

Do Norte vem o Russo envinagrado ;
 Exercito do Grande outro Alexandre ;
 A quem azedos gázes tem picado
 O peito pelo insulto a Moscow grande :
 E a Prussia se junta a braço dado ;
 Querem que o *Alarico* então desande :
 Junta-se Spanha , Lysia , e alta Dania ,
 E sobre tudo a Thetis , ou Britania ,

17.

Hum milhão , ou inda mais de combatentes ,
 Cercão França , não fazem algum mal ;
 Mas querem apejar todos presentes ,
 Alarico *Pigmeo* de Throno tal ;
 Que furtar vem com seus taes delinquentes ,
 Avarento monstro , de Luiz rival :
 Pareceo-lhe que a França era hum ranjasno ,
 P'ra si de milho grão em boca d'asno .

18.

Lá no Ceo alto *Orion* lhe desenrôla
 Dessas nuvens as grossas tempestades ;
 Spadas chovem , arcabuzes , pistólas ,
 Que Vulcano lhe accende em grã vontade ;
 O Arctico horizonte desenrôla ,
 P'ra ao *Pigmeo* Francez dar mortandade :
 Pois de nós quer fazer gato çapato ,
 Tendo a Europa por seu Canonicato .

19.

Nos beijos aos Francezes lhe põe mel,
Promettendo-lhes grandes aventuras;
Mas em seu coração, encobre o fel,
Que da raiva lhe traça as amarguras:
Já em Córsega o Rei tinha aranzel
P'ra prender, e soltar pelas posturas:
Alcaide, esbirro, era Regedor,
Mas que hum filho deixou Imperador.

20.

Francezes só havia tosquear,
Visto que tanto a lá lhe elles largarão;
Mas tanto as não devia esfollar,
Fez pois com que muito se irritarão;
E agora todos vão para o enforçar,
Pois quasi todos já se rebellarão:
Aqui ah! Napoleão te encalharás,
Sem poder andar, nem vir para trás.

21.

Quem muito he avarento, e tudo abarca,
Que co' as pernas quer Ceo abranger,
Nada vem a metter dentro em sua arca;
Aqui, ou acolá vem a perder
Tudo quanto rapina em *salsimbarca*:
Tu com mentir Europa queres ter:
Oh! Sabemos que em tempos lá de guerra
As mentiras que gyrão mar, e terra.

22.

Tumba catumba, o Ceo co' as pernas prende;
 Qual pisco na medonha trovoada;
 Cuidas que toda a França se te rende
 Ao som lá de tuas alvoradas,
 A *trocho mocho*, á tola tu emprendes,
 Esganarélo, que a França dê-te entradas;
 Por mil mundos furtar choras tu grande,
 Qual César junto á státua de Alexandre.

23.

Polon, a Crésso Rei, certo lhe disse,
 No meio d'altas pompas, e victorias,
 Que vivo, e ser feliz não presumisse:
 De Lydia este Rei conta a história,
 Assim gritava a Cyro, assim lhe disse
 Quando o queimava a fogo por vangloria;
 Estavas tu Napoleão qual peixe em agua,
 Mas d'hum malhadeiro és agora a frágua.

24.

Ousada sanguessuga o sangue chupas;
 Rei d'ouros queres tu vir inda a ser;
 Onde este metal cheira, alli tu *upas*;
 Dessa America as minas queres ter
 Todas tuas: Dinheiro em mil chalupas:
 Chuchem no dedo os mais; ponhão-se a vêr:
 Ah! Que París quer ser o teu Calvario!
 Dimas, ou Gestas, dem-te o formulario.

25.

Pois os teus Generaes, teus Jacobinos,
 Huns soldados brutaes, huns materialistas,
 Como ninhada tua andão ferinos;
 Como filhos da Seita que meditas;
Fervet opus, trabalhão, cantão-te hymnos,
 Protegem París, pois tu lho indicas,
 De Junho a *Gazeta* (a) já nos publica; (a) 1815.
 Se não pelejão, París ardida fica.

26.

Destroçado o Murate em Macerate
 Por esse forte Alcides d'Allemanha;
 Riscado de Alarico fica o Mappa,
 Que d'Ostende a Vienna a grã façanha;
 Na vá bóla pintou o patarata:
 Furtar França, e Germania por tal manha:
 Mas aquelle que quer mais do que he bem,
 Então pois o certo he que o mal lhe vem.

27.

Consta que ao sogro seu fez a proposta,
 Para que em seu favor vá contra a França;
 Que MARIA Regente seja posta
 De seu filho em París inda criança;
 Mas do Sogro nenhuma tem resposta,
 Nem justo lugar tem tal governança:
 Se MARIA tal faz, vai padecer;
 D'Antonieta o açouge inda vai vêr. (1)

(1) O risco projectado em Elba pelo tyranno, era que o Cunhado J. Murate tomasse Italia, ao passo que

28.

Se Cesteiro que faz cesto, faz cento,
 Se tu já promettestes, e faltastes,
 Que diremos de ti falso avarento?
 Se tu o que screves nunca obrastes,
 Se trapolizas mesmo em juramentos,
 Não roemos a palha que deitastes:
 Déstes sentença tal de *boque em boque*
 Doido; para ti he tudo *boque em toque*.

29.

Por enganos tu vives meio anno,
 Trapolices ideando em bóla irada;
 Outro meio tu vives com enganos,
 Por isso a palavra te he regeitada:
 Oh! Que bello em París meridiano
 Serias da Justiça! Oh! farfalhada!
 Devias saber que homem atrevido,
 Dura outro tempo menos quanto o vidro.

30.

De Pomponio Attico toma o exemplo,
 Esse grande da Grécia General;
 De costumes honrados he hum Templo,
 Que alta Grécia não vio inda outro tal:
 Dizia = Tenho certo, e bem contemplo,
 Bom costume fortuna faz geral =
 Ora se bons costumes tu não tens,
 Como queres fortuna em altos bens?

elle entrasse em França com seu exercito; depois dis-
 to passar a tomar a Allemanha.

31.

Vê de Ptolomeo, Augusto, e Tito,
 Delicias de Roma, a doce historia,
 E d'outros que são mais, põe nelles fito;
 Verás louros d' Apólo em alta gloria
 Coroar por tão bom a grande grito:
 Mas tu de Pandóra és conservatoria,
 Boceta tão fatal de tantos males
 Correndo contra nós montes, e valles.

32.

Mas tu a Herodes he que imitaste:
 Este aváro matou os innocentes,
 Outros tantos soldados tu mataste,
 P'ra a Europa gozar tão ricamente:
 Que mal stavas em Elba c' os Maganates
 Passando tua vida docemente?
 Antes teres na mão hum passarinho,
 Que svoaçando dois fóra do ninho.

33.

Foge então para França o tal Murate,
Ata as de Villa Diogo disfarçado;
 Mas á mulher, e filhos n' hum hyate
 Do brioso Inglez lugar lhe he dado;
 He o *Tremendo*, Não, que Thetis bate
 A's praias de França em modo honrado:
Miserere cantando em bonança,
 Pendentes da fortuna na balança.

34.

Pio Sete então pois a Roma volta;
 C' os troféos que alto Ceo lhe ha concedido;
 A barca de CHRISTO ficá então solta,
 Livre navegar vai no mar batido:
 Lá do Ceo os seus Anjos vem em scolta,
 Que tal Collegio tem por seu abrigo:
 Alta Fama os penachos desatava,
 Por tantas bocas mil tudo contava.

35.

Parnaso, populosa tu Cidade;
 Flores vós de Castalia dai-me o brilho
 A meus versos dai electricidade,
 P'ra nelles eu cantar de Job hum Filho,
 Que trabalhos soffreo tal Magestade;
 Formoso como Lirio, ou hum junquillo:
 Fernando IV. he duas vezes Mártyr,
 De Napoles hum Rei, hum Protomártyr.

36.

Quando Alarico Italia foi roubar,
 Rei de Napoles foge a Palermo,
 Quinze annos vai-se afflicto demorar
 Tal Mártyr solitario n'hum tal ermo
 Desviado de seu Régio lugar;
 Oh! Se a sorte justo hum lhe dêsse termo;
 Podia lá star pois ha mais d'hum anno,
 Livre zombando então do tigre humano.

37.

Mas deste outro tal Job o soffrimento
A Murate se foi lá supplantando ;
Mas Napoles agora lhe dá assento
No seu Throno Real em Régio Mando :
O *Etna* tal festeja de spavento ,
O Vesuvio sim brilha chammas dando :
Bronzeados metaes rompem os ares ;
Alegrão-se altos Ceos riem-se os mares.

38.

Em París Alarico então tem medo ;
Porque alliados vê por toda a parte ,
Contra si pelo seu culpado enredo ,
Com que á França levou o ladro Marte :
A' Campanha elle sahe tolo , ou toledo ,
O povo se hum stá tal , outro stá quedo :
Achilles por seus pés veio a morrer ,
Por cabeça tal Rei vai-se a perder.

39.

Do Duque de Enghien tu foste algoz
Carniceiro por tua mesma mão :
Quem será que te agora aperte a noz
Do pescoço em patíbulo d'alçapão ?
Volte o Duque inda cá ; vejamos nós
Castigar-te com pena de Talião :
Cevas-te só em sangue leão vorás ,
Tal fim como o de Cyro tu terás.

40.

Se Europa não te basta para Throno,
 Se cá te escaramuçação altos póvos,
 P'ra America te scapa; vê se és dono
 Deste quarto da Terra: E teus pedagogos
 Comtigo leva, pois são os teus monos:
 Se lá te não fartares, vai em fogos.
 Alta Lua também tu conquistar;
 Mas vê! Que Inglezes lá has de encontrar.

41.

Por Troia entra tu lá no Euxino,
 Pérsia, Scythia, e China, vai roubar;
 De Colchos rouba logo o Vellochino;
 Do Turco os Reinos vai mais conquistar
 De *Vespúcio*, e os Sertões do ouro fino;
 Farta-te, aváro, tu de guerrear:
 Mas da guerra só sabes na cachola
 Quanto hum burro sabe em tanger viola.

42.

Sahiste de París (1) até *Gendpe*,
 Qual inquieto trasgo ou demonico,
 Exercito te fica em desbarate
 Nas azas do cavallo, Alarico
 Foges: Sessenta mil lá no combate
 Soldados tu perdeste, e o móvel rico:
 P'ra París qual á toca o seu coelho,
 Fugindo tu vieste anão, anelho.

(1) Em Junho de 1815.

43.

No Filho renunciás o teu torto,
 Que Direito lhe chamas, meu Doutor;
 Isto he cevada a asno que stá morto;
 Triste remedio dás a teu furor,
 Teus mesmos Generaes te darão *Posto*
 Na forca s' outro entrar Governador:
 Se te escapas a peça lhe pregaste,
 Se te matas, Tragedia he que acabaste.

44.

Mas que ouço eu! O primeiro vem de Julho
 C' hum sorriso o Sol mostra no horizonte
 Hum dia lindo em festas, e barulho
 Em torno de París, Inglez Faetonte
 Wellington, Blucher, mais todo o embrulho
 D'exercitos de Marte em crespá fronte:
 Intimão que elles querem Napoleão;
 Que lho apromptem senão, senão, senão.

45.

Mas vão capitular Gallos vencidos,
 Essa corja de gente jacobina,
 P'ra o *Loira* todos vão taes fermentidos;
 Pois Luiz lhe concede esta rotina,
 P'ra evitar encontros scandecidos
 Inda lá de *Penápe* na campina:
 Entrarão em París os Alliados, (1)
 Standartes de triunfo são alçados.

(1) Em 4 de Julho de 1815.

46.

Entre tanto scapou-se o féro Pluto;
 Terremoto o inferno levantou;
 Foge Napoleão tanto astuto:
 Pensa-se que Neptuno o abrigou;
 P'ra o Oceano tal foge o marabuto,
 Jacobica gentalha o embarcou:
 Ai d' America tu rico *Ilhã*,
 Talvez agora soffras tal volcão.

47.

Nas praias de Britannia o Tubarão
 D' improviso elle vai apparecer:
 D' Inglez honrado pede a protecção;
 Qual Themistócles, diz, se vai render:
 Improprio projectou Napoleão;
 A Luiz pois se devia elle offerecer:
 Themistócles a Artaxerxe tu buscaste;
 Napoleão a Luiz não te abrigaste.

48.

A's praias d' Inglaterra o Alarico
 Aportou muito bem scaramuçado;
 As raias de Neptuno lhe dão risco,
 Pois terra ahí não calca este malvado:
 Jorge Rei intimou ao boximiquo
 Ir para a Ilha de Helena degradado:
 Tal Jorge he pio mais que humano algum,
 Mas antes lhe intimasse *bum bum, tum tum.*

49.

Ah! Briosos Inglez, tal Piedade
 Por livrares da morte a Napoleão!
 A não ir a Luiz em ametades,
 Vá p'ra á Ilha Helena o diabão.
 No bojo de Neptuno passe a idade;
 Os diabos te levem Tamorlão;
 Mas, America, álegra tu starás,
 Senão monstro tal, inda soffrerás.

50.

Scapou-se o Andabáta Napoleão,
 Depois de andar ás cegas pelejando:
 Parabens á Europa eu cortezão,
 Em socego lhe dou já descansado:
 = Os diabos te levem capzarrão =
 E por fim definindo te clamando,
 Eu te faço em écos sete oitavas,
 Com que acabem pizar-te as minhas clavas.

51.

Taes tu tens feito qual Pilatos — A'tos,
 Na Europa hum turbilhão de desacatos:
 Muitos te fazem pois de Herodes — Odes,
 Todas te offerecom sim a teus bigodes:
 Como fazem os teus Caifazes — fazes,
 Os teus Generaes crus, teus Capatazes:
 Só cuidas em tirar com stouro — ouro,
 Quem to não larga, vai ao matadouro.

52.

Por dois modos, que são mentira — ira,
 Ou por bem ou por mal tua manhã gyra:
 Todos dizem continuamente — mente
 Trampoleão, e que logra a toda a gente:
 Dizem que és hum Rapagão — Pagão,
 Que de cêra és nariz em Religião:
 Que consideras Sacerdócio — ócio,
 Que o material Weipsót he o teu sócio.

53.

Tens para fazer-nos sequestro — éstro
 Por mil modos sorripias muito déstro:
 A todos mostras encrespada spada
 P'ra te servirem das-lhe a catanada:
 Coração tens tu pois, qual vinagre — ágre
 Tanto doce tens tu, como o çumágré:
 Plutão te cantará malino — hymno,
 De lá pois cá subiste já malino.

54.

Oh! Que tua agora retumba — tumba
 Cheira-me isto pois tumba, catumbá:
 Na tua agora não petisca — isca,
 Nem a lábia pegou; Ceo s' entrovisca:
 Querer de França as altas terras — erras,
 Mete pernas á ruça, senão berras:
 No cadafalso dando mortais — ais,
 Que á Europa darão huns gostos tais.

55.

Ardente génio tens em sagaz — gaz,
 Ingrato sempre a quem te algum bem faz:
 Servindo n'hum de bonifrate — hyate,
 Plutáo cá te enviou como alfaiate:
 Na França carapuças cortas — tortas,
 Sendo tu em gizar louca Inez d'hortas:
 Mandas-te-nos Júnó a Lisboa — boa,
 Para nos cativar com tão vil proa.

56.

Que esperavas tu do teu Lacaio — aio,
 Que nos lances da guerra era hum garraio?
 No de Julho acabou teu Entremez — mez,
 Não tornas tu já cá, nem outra vez;
 E porque bravo só respiras — iras,
 C' os diabos te vai pai das mentiras:
 Diabos te levem zurrando — urrando,
 Jacobinos te vão acompanhando.

57.

Oxalá que na Ilha Helena — hyena,
 Voraz féra te dê mortal gangrena,
 Jogando tenhas mal fadados — dados,
 Tão perro fiques tu como os arrenegados!
 Europa pois de desgosto — gosto,
 Sente agora c' o teu marujo posto:
 Se foges tens teu partido — ido
 De todo ficas tu então perdido.

SONETO

Em que o Author aconselha a Napoleão.

SE Diógenes só bem reputava
 Deste Mundo por Bemaventurança
 A' soalheira star, doce folgança;
 Independente ser o regalava.

“Pois a casa elle não quiz; mas só usava
 D' huma dorna a cobrir-se em segurança:
 Alexandre o bustou; e lhe affiança
 Seus Régios Dons, pois o stimava.

“Desprezou-lhos; e só da soalheira,
 O não privasse o Rei, he que elle lhe implora,
 Pois que as honras do Mundo erão tonteira.

“A Alexandre imitaste em linda Aurora,
 Toda a Europa obrigaste a ser guerreira;
 A Diógenes pois imita agora.

S O N E T O

*Ao gosto que o Author teve, no exterminio
de Napoleão para á Ilha de S. Helena,
no meio do vasto mar Oceano.*

“ **A** Pólvora stouros dê com seu *bum bum*
Nesses ares com mui tremendo som,
Responda o Eco surdo menos bom,
Formando lá defronte *um um; um um.*

“ Sõe sim voz alegre em cada hum
Por DEOS nos conceder este alqo Dom,
Fugir Napoleão lá p'ra London;
Os tambores o seu fôrmem *tum trum.*

“ As palmadas, os *vivas tá tá tá,*
Os sinos *tlam tlam, tão tem, tim tim,*
N' Europa sõe o mais festivo que ha.

“ Eu pois minquete cânto assim :
Tri, teri, teque, treque, tri terá,
Tãe, tam trem, trim tró tró, trá tetim;

Nota : Este Soneto teve Origem em outro feito em 1760 em Coimbra, ao Dr. Diogo Cardoso d'Almeida, quando subio á Cadeira de Leis.

 AUCTORIS FINALIS SATISFACTIO.

Versus contèxant capitali in crimine Sontes;
 Nam satis ad pœnas hic labor esse potest.
 Pono metam rimis; vòs que valetè camœnæ:
 Ogrotis Medicus; Musaque sistat àlis.
 Vos que valetè boni; hæc mea carmina ventis
 Lusi, non date; nunc accipiatis oro.

*Busque-se a Fama por trabalho, e lida,
 Morre inglorio quem passa em ócio a vida.*

O Senhor J. Agostinho de Macedo
 na 8.^a 77 do 3.^o Canto no seu
 Oriente.

F I M.

E R R A T A S.

- Pag. 34. Linha 1 vai cantar, *leia-se*, vai dar.
 Id. Linha 2 com louca Lyra tragicos succes-
 sos, *leia-se*, com rouca Lyra
 tragicos horrores.
 73 Linha 22 varias bolças, *leia-se*, varias
 balças.

I N D I C E.

E xposição aos Portuguezes	Pag. 3
Primeira Parte: Alexandre na França	1
Segunda Parte: Lagrimas de Napoleão	17
Terceira Parte: Lagrimas de Maria Luiza d' Austria	33
Quarta Parte: Napoleão em Portugal	53
Quinta Parte: Napoleão em delirios	81
Sexta Parte: Derrota final de Napoleão	95
Elogios aos Senhores Wellington; e Bresford	12, 76, 79
Entra Alexandre em Paris	13
Acclama-se Luiz XVIII.	14
Destroniza-se Napoleão	21
Sentimentos de Napoleão á sua Maria Luiza na despedida	23
Clamores della ao Ceo atastando-o de ir á Russia	38
Mameluco, e sua historia	47
Milhões de Portugal dados a Napoleão	54
Declaração pública da velhaca conquista de Portugal	61
Fugida astuciosa do Senhor Nuncio para o Brazil	64
Junta dos Fidalgos Portuguezes para irem á Paris	65
Loison, e o Senhor Silveira, Conde de Ama- rante	67
Chaves, e Faro, primeiras forças contra os Francezes	68

I N D I C E.

Moradores de Grandola, e S. Tiago de Cacem	69
Coimbra, Leiria, Evora, e Alcobça	71
Cordeixa queimada por Ney	72
Bêja, Setubal,	ibid.
Junó Commandanta da entrada dos Francezes	73
Massena com segundo exercito	75
Fidalgos prezos, e mortos	77
Sabida de Napoleão d' Elba para França	84
Mentiras de que usou	87
Jacobinos o rcompanhão	88
Furto pertendido do Filho de Napoleão	90
Ney velhaco solapado	92
Imperadores, e Reis tyrannos que fim tiverão	98
O Santo Papa Pio VII. fugido de Roma pela pêrfida invasão de Murate	100
Foge Murate destroçado	ibid.
Juntão-se os Alliados contra Napoleão	102
Foge Murate para França	107
Volta o Papa a Roma com festejos	108
Fernando IV. volta a Napoles	ibid.
Sabe Napoleão de Paris contra os Alliados	109
Mas fica derrotado em Genape, e outros sitios	ibid.
Foge para Paris, renunciando no Filho	111
Morte do Duque de Enghien	ibid.
O furtado Imperio	112
Entrão os Alliados em Paris, pedindo os Francezes Capitulação	113
Foge Napoleão de Paris	ibid.
Defnição de Napoleão em sete oitavas em eco	ibid.
Soneto, etc.	116
Soneto, etc.	117
Auctoris satisfactio	118

NOVA ESTHER EM PORTUGAL.

Poema, que á Rainha Santa Isabel, Mulher do Senhor Rei Dom Diniz, Fundadora do Ducado de Bragança, Protectora do Reino Portuguez, Primeira Fundadora, e Commendadeira da Respeitavel Ordem de Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador, Defensora de Coimbra na funesta invasão dos Francezes em 1808 - 1811, Mãe dos pobres, Madrinha dos affictos, Amparo dos desgraçados; (cujo Corpo certamente está inteiro no Real Convento de Santa Clara de Coimbra ha 475 annos.)

CANTA

JOSE' MANOEL CHAVES,

Medico do Partido da Villa de Grandola, Comarca de Setubal; natural de Val de Telhas, Comarca de Montorvo.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1819.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se em Lisboa na Loja da Impressão Regia na Arcada, e na de João Henriques na rua Augusta; e outras do Chiado, e Almas; no Porto na da Viuva de Alvares Ribeiro junto aos Loios: em Coimbra na de Aillaud: em Faro, Chaves, Elvas, Braga, Evora, Bragança, e Lamego, na dos Livreiros: no Rio de Janeiro na de Manoel Mendes do Rosario: em Madrid, e Sevilha onde competir.

Manum suam aperuit inopi;
Et palmas suas extendit ad pauperem
Proverb. 31.

Mái dos pobres, Madrinha dos afflictos,
Compadecida d'ais, fomes, e gritos

Nota do Author.

Foi esta historia extrahida da que em prosa escreveo o Excellentissimo e Reverendissimo D. Fernão Correa de Lacerda, Bispo do Porto em 1680, por mandado do Senhor D. Pedro, então Regente Principe de Portugal, depois logo da trasladação da Rainha Santa, do Convento velho para o novo de Coimbra.

Permitão-me os Sabios a satisfação de lhes expôr, que fallo neste Poema mais pelas bocas da natureza, que da arte; pois não excedo as balizas de curioso: ha palavras em que humas vezes, outras não, uso da *enállage*, *sineresis*, *sincope*, *synalepha*, conforme me pareceo mais elegante á medição do *Epico*; imitando nisto ao *Oriental Camões da Poesia Portugueza.*

IN ACROSTICHIS.

E	En decus Hesperiae nunc Cantus dicere voce . . .	E
L	. . . Lusis auxilium, tento: (<i>decora Rachel!</i>) . . .	L
I	Illa Mater Patriae nostrae Elisabetha canenti . . .	I
S	. . . Sal mihi praebet enim versus atare meos; . . .	S
A	Alta quoque bona mente mea nunc dicere gratam . . .	A
B	. . . Blanda Rebeca mihi est, sicut amore Jacob . . .	B
E	Excitat, ut Laeti pleno cantemus ab ore . . .	E
T	. . . Talia facta metro; quantaque lingua sonat . . .	T
H	Hesperiae Stella ex Lusis tunc scandit in Astra; ah!	H
A	. . . Ah! Loca tum novit Lucida Stella sua . . .	A
S	Stat super Astra ubi sic Sanctis datur Aula perennis . . .	S
A	. . . Astra, quibus solium fixit in Orbe Jehova . . .	A
N	Nulla putredo venit Nostrae per Lumina Titan . . .	N
C	. . . Carae Reginae: plaudite caelitus hoc . . .	C
T	Tandem Lusi, vobis quanta bona alta refundunt . . .	T
A	. . . Astra; per istam dant ex bonitate sua. . .	A

ELISABETHA SANCTA. I. N. S. T. A. C. R. O. S. T. I. C. H. I. S.

A' SERENISSIMA SENHORA INFANTA
 D. ISABEL MARIA,
 MUITO HUMILDEMENTE CONSAGRA ESTE POEMA
 NOVA ESTHER EM PORTUGAL
 VIDA DA RAINHA SANTA ISABEL,
 O AUTHOR.

VIVA AS ENHORAS, E INFANTAS, D. ISABEL MARIA

Vós Augusta no Ceo fostes nascida
 Isabel já Sagrada a Portugal:
 Vós Estrella em flor já convertida
 A' terra cá desceste occidental
 Alto Ceo menos tem huma Luzida
 Strella: a terra tem mais huma flor tal:
 Então os Portuguezes vos acclamãrão.
 No Ceo os Anjos já todos cantãrão
 Huma-Rainha Nova Portugueza
 O Ceo vos baptizou á Lei fiel;
 Rio-se o Ceo; Sol brilhou com tal fineza;
 Ao Baptismo veio Anjo Miguel:
 Em dia tal de Julho vossa Alteza (*)
 Ir ao Ceo sabe sim sua Avó Isabel
 Não duvido eu pois, que a Rainha Santa
 Fosse por vós pedir: Feliz Infanta!
 Ah! Portugal ditoso vem gozar
 Nas aras do Deos grande tua ventura:
 Tu verás a seu tempo vir reinar
 Alta Infanta Isabel na Dictatura:
 Do Brazil, Portugal, e todo o mar
 Inda verás Isabel lér a Pretura:
 Zomba o Ceo do inferno quando Jove
 A Portugal misericordias chove.
 Benigna pois, Senhora, recebei
 Eu vos peço esta minha oblata,
 Louvores de Isabel vós protegei,
 Meus versos amparai nesta Cantata,
 A vosso servo tal favorecei,
 Real Infanta Lusa já beata:
 Indo-me vós, Senhora, a ser Madrinha
 Ainda vós sereis huma Rainha.

(*) S. Isabel nasceo em 1271, morreo em 4 de Julho de 1336: e em 4 de Julho de 1801 nasceo V. Alteza, que he 20 vezes neta da S. Rainha 530 annos antes. Igno-

P O E M A.

Solta-me, ó Musa, teu ardor sagrado;
 Minha me diviniza natureza;
 Para que em alto verso sublimado
 Esta possa eu cantar celeste empreza;
 Ferindo a Lyra a dedo delicado;
 A cythara pulsando com destreza;
 Para que Portugal e todo o Orbe,
 Vejão quanta Isabel virtude absorbe.

Canto d'huma Celeste Heroína Augusta;
 Que existe lá no Ceo, e cá na terra
 Huma penosa vida que lhe custa
 Tenebrosa no Mundo soffrer guerra;
 No Ceo brilhando está sua Alma justa;
 Entre nós incorrupta ella s'encerra:
 Nas cifras estampando que descrevo
 De seus trabalhos hum fiel relevo.

Meu canto a Isabel lá s'encaminha,
 Isabel d'Aragão casta Donzella,
 Sexta de Portugal nos foi Rainha,
 Cidade de *refugio* forte e bella:
 Qual hum Monte *Sião* nossa Madrinha,
 E na *Callobriga* o Sceptro encapella: (1)
 Todo me ajuda tu Genio alado
 Para cantar da Heroína vida e stado.

A vós Senhorà ó Mãi universal
 Pe'lo Eterno da culpa preservada
 Na Graça antes dos Orbes eternal
 Recorro qual Madrinha Advogada,
 P'ra que esta empreza fique perenal
 Em louvor d'Isabel Rainha amada:
 Seja meu canto, vindoura Memoria,
 Hum clarim afinado desta historia.

O' vós, que sois da Sciencia clara Fonte,
 Da Musa me soltai liberal Dique
 Guiai todo o meu giro no horizonte
 Da historia; e Lisia mais certa fique,
 Este que canto ser da *graça* Monte,
 Mais alto que o d'Afonso em Ourique:
 Minhas vozes sem vós são tosco métro
 Que cythariza meu grosseiro pléctro.

Se sois vós bella Aurora sublimada,
 Mensageira de Christo, Sol Divino,
 Precursora da *Graça* desejada,
 Que trouxeste no ventre a Deos Menino;
 Que antes do principio fostes creada,
 Sede Estrella a meu verso peregrino;
 Pois Igreja canta na Ladainha
 Sereis de Christo Estrella matutina.

A vós, Ente Supremo, Auxilio imploro;
 Seja vosso Saber Alto Mecenas
 Pois tão humildemente aqui vos óro,
 P'ra com as altas sim cantar Caméas
 Virtudes d'Isabel, que tanto adoro
 Recitadas em minhas Cantillenas;
 Cale-se a Cythara fina Mantuana;
 Pois a minha por vós he mais Sob'rana.

E tu , Lacerda Bispo justo , e Santo ;
 Que do Ceo gózas Bemaventurança ,
 Que á vista d'Isabel possues tanto ,
 Dirige de meus versos governança ;
 Da tua Prósa pois eu sigo o canto ,
 Tu escreveste mandado ; eu por bonança :
 N'Aulá Celeste lá dos diamantes
 Pede que versos meus fiquem galantes.

Isabel d'Aragão Augusta Infanta ,
 Dos Reis Pedro e Constança Augusta Filha ;
 Çaragoça foi patria desta Santa ,
 Mais brilhante por esta maravilha :
 Nasceo no Paço Mourq esta Atlanta ;
 Todo o Mundo p'ra o Justo he pouca Ilha :
 Foi Era de seu Alto Nascimento
 Annos setenta e hum mil e duzentos.

Nasceo involta sim nas secundinas ;
 Que fôra , se pensou , por grão Prodigio ,
 Para se não romperem as cortinas ,
 Que por honesta cobrem-lhe os vestigios :
 Pois puras daria obras crystalinas :
 Foi este lá da Graça o frontespicio ;
 Estas se guardáo pelles mysteriosas ,
 P'ra serem reputadas prodigiosas.

A Santa Isabel Rainha d'Hungria ,
 Resplendente Farol de Santidade ;
 Era d'Aragoneza Isabel Tia ,
 Assim Nome = Isabel = lhe foi beldade ;
 Das virtudes *Esther* se chama guia ,
 Simbolo *Susana* de Castidade :
 He pyra de Crystal , Zaphir brilhante ,
 Que o Zimborio Celeste deo flamante.

Vivia Jaime Avô mui desgostoso
 C'o Rei seu Filho Pedro por casar-se
 Sem seu consentimento decoroso ;
 Mas levando lá a Neta a hospedar-se
 No Paço ; mui alegre e primoroso
 Bem a vio de virtudes adornar-se ;
 Disse então = Minha Neta Arogoneza
 A ser inda virá Santa Princeza.

Profeta Jaime, velho venerando
 Quem diria que tanto acertavas ?
 De Lisia alto Padrão bem conservando
 Tu della no semblante o bem mostravas ;
 Contra os vicios e culpas triunfando
 Torre de Santidade annunciavas :
 Tobias tem menino as acções Santas ,
 Por isso quando adulto elle fez tantas.

A S. Francisco foi bem offerecida
 Por ti, Rico Jaime, na tenra idade,
 Por isso a bella açucena florida
 De Francisco seguio a caridade ;
 Nas virtudes modelo era a vida ;
 Qual Aurora que mostra claridade ;
 Vaporando daquella humilde frágua
 Ser esmoler por dos pobres haver mágoa.

Já os vôos então d'alígera Dama ,
 Nos pélagos do vento navegando
 Publicão aos Orbes Magna Fama ,
 Que desta Santa Heroína vão prégando ;
 Virtudes o clarim suas aclama ;
 Toda a *Hespanha* altos hymnos vai cantando ;
 Imitandó ella assim ao bom *Josias* ,
 Que igualava a idade de seus dias.

Mái dos pobres ella era assim chamada
 Na Iberia Região Aragoneza ;
 Dos *afflictos* Madrinha assignalada ,
 E dos mui desgraçados gráo defeza
 Pelo Conego d' *Auxerre* he tratada ;
 Nos *Seculos Christãos* esta Princeza :
 Isabel por *Jehova* grande Imperio ,
 Gloria de *Hespanha* e do Luso Hemisferio.

Seu Pai Pedro altamente advertindo
 Tantas virtudes em tão tenra idade
 Foi com luz clara a par mui bem sentindo ,
 Que era do Ceo prodigio esta beldade ;
 E que por tanto a Hespanha iria abrindo
 A' Lusa Casa Real felicidade :
 Tu , ó Pedro , não não não t'enganaste
 Pois ás *Lasas* quinas *Barras* juntaste.

Os inclitos Laureis da Santa Fama ,
 Que a Trombeta sonora tão bem spalha ,
 Fizerão em taes Reis ardente chamma ,
 Qual bomba recheada de metralha ;
 Cada qual em desejos bem s'inflamma ,
 Para haver por Esposa esta medalha ;
 Mas *Jehova* lá por graça elle só quiz
 Que fosse seu Marido Dom Diniz.

A Pedro a saudade lhe era dura ,
 Ir-se Isabel de sua companhia
 Qual de *Rebécã* tal tem a ternura
 Os seus , quando *Eliezer* a conduzia :
 Mas Diniz o hymeneu tinha em doçura
 Por lisonjas d'amor que o accendia :
 Ah ! Duro Amor que hymeneu sagrado
 Em duros ferros tens aprizionado.

Razões fortes lá houve em Consistorio,
 Do Luso *Divan* mui interessantes;
 A formosura lá do Alto Emporio
 Virtudes d'amor, laços tão constantes
 Fundarão em Diniz o peditorio
 Da Donzella Real ao Pai amante:
 Não captivou Rebéca por formosa
 Quanto por activa e virtuosa.

Logo voarão tres Embaixadores
 Ao Excelso Monarca d'Aragão,
 A pedir-lhe elevados como Açores
 D'Isabel a nevada e Regia Mão;
 Antes que outros mais tres contendores
 Primeiro algum pedisse d'antemão:
 Principe de Navarra tinha esp'rança
 Outro do Imperio mais; Delfim de França.

Aqui Plutão nas íferas moradas,
 Que lhe lava o soberbo *Phlegetonte*,
 Atiçou o *Cerbéro* em garrochadas
 C'os latidos acorda o grão Charonte:
 Levantão-se lá as infernaes siladas
 Impedir querem d'Isabel a frente:
 Levanta-se o inferno em borboalhões
 Todos vem a Aragão em trambalhões.

Não queria Plutão que Portugal
 Tão virtuosa Princeza bem lograsse;
 Porém queria que o leito conjugal
 Cá se não erguesse, antes s'acabasse;
 Mas de Christo a Fé antemural
 Pelo infernal Plutão s'anniquilasse:
 Mas Pedro desprezou do inferno os rogos;
 Ouvindo a Embaixada por bons modos.

O Rei Pedro n'hum Throno sublimado
 Recebe os Heroes com pompa Sob'rana ;
 Reverentes lhe intimão o recado,
 Que do Principe lá Diniz emana ;
 Pedindo-lhe em hymeneu alto sagrado
 Isabel p'ra Rainha Lusitana :
 Impávidos com tal excelso alento
 Lhe fallão com aspecto d'ornamento.

Excelso Rei, a quem a Lusa gente
 Por lingoas mil da Fama te venera,
 A quem todos tecem C'roa fulgente,
 Como Pai d'Isabel lá d'alta Estera ;
 Este Astro se te pede tão luzente
 Benigno attende a quem tanto s'esmera :
 Diniz te supplica Isabel Infanta
 P'ra Leito Conjugal na Ordem Santa.

Pedro em suave aspecto Magestoso
 Agradecido a Rei Diniz responde ;
 O que no coração mostrava gozo :
 A alegria no peito não s'esconde
 Portugal s'illumina venturoso
 Casa assim Neto hum d'Henrique Conde ;
 Então Portugal mais terá Altares
 Mais Templos o Mundo, Pregões os Ares.

Toda a Lisia em prazer alvoroçada
 Venturoso Diniz em gosto prêzo :
 Nunca tão bella foi a madrugada
 Nunca Phebo ornou tanto o carro accêzo.
 C'os luzeiros d'Aurora açafroada ;
 Como então deo á *nova* brilho e pêzo :
 Oh Celeste Lisia, celeste Ourique,
 Do Ar teu Cherubim lembrado fique !

Vasco Pires voltou-se p'ra Aragão ;
 Era elle hum dos tres Embaixadores ;
 Volante leva a Real Procuração
 Para d'Augusta haver Rainha das Flores
 De Santa Isabel virtuosa Mão ;
 São pois para Diniz do Ceo favores :
 Feliz Vasco outro bom Eliezero
 Que Rebéca a Isac trouxe sincero.

Hum Padrão Barcelona levantaste
 Theatro tu Primaz do Casamento ;
 Feliz nos Annaes Iberos ficaste ,
 Como lá d'alta Hespanha ornamento :
 No rosto o pudor da rosa observaste ;
 Mas n'alma da açucena candor lento :
 Na Real te glorêa Primavera ,
 Ficaste pois d'hum Sol luzida Esfera.

Despede-se Isabel dos Pais Augustos ;
 Suas vai de joelhos Mãos beijando ,
 Ficando lá impressos n'alma os Bustos
 Da saudade os raios scintilando
 Ausencia tal lhe dá motivos justos ,
 Da dor a spada tal desembainhando :
 Mas nestes d'ausencia apertados laços
 Amor lhe tece os ultimos abraços.

Adeos Pais ! Do Jehova Sacro o Destino
 Ausentar-me decreta em seus Mandados ;
 Raios são taes do Ceo Clarão Divino
 Em Laminas de Jaspe eternizados ;
 Elles por vós entoem sacro hymno
 Por vós me abençoem espiritos alados :
 Ah Portugal ! ó Throno Portuguez ,
 Por troncos d'outro brilhas desta vez.

Queria Pedro fosse conduzida
 Por Alto Oceano Mar Rainha Nova;
 De Neptuno a carranca desabrida
 Então a amiga Thetis lhe reprova;
 E porque de Sancho era tão temida
 A guerra; as desordens lho desapprováo:
 Mas Sancho, e Rei Pedro s'amigárão
 Como Jacob, e Esaú bem s'abraçárão.

Vem o Pai sua Filha acompanhando
 Até ás Raias do Excelso Aragão;
 Aulica Fidalguia vem brilhando
 Bronzeas são trombetas qual trovão;
 Do vento por diluvios atroando;
 Elles mudos; da luz fraca o clarão:
 Assim na despedida parecêrão
 Jónathas e David que emmudecêrão.

Quando de Phebo o raio luminoso
 No *Equador* o Carneiro retocava
 Subindo o Carro p'ra o Boreas Raivoso,
 Chega-se a Portugal quem lhe alma dava,
 Deixando o Cortez Sancho façanhoso,
 Que com sua Presença o abrandava:
 A Fama a Isabel culto levanta,
 E todos a Isabel acclamáo Santa.

Entra por Bragança a primeira Pedra;
 Que deste Nome toma o seu Ducado;
 E já por cinco Seculos s'empedra
 Com que he o Throno Luso abrilhantado:
 A virtude em Isabel veveja e medra;
 Este Padrão alli deixa fundado:
 Veremos isto em quanto o alto Atlante
 As suas conservar pedras constante.

Havia já então nesta Cidade
 Do Serafim Francisco hum Grão Convento ;
 Que o Patriarca chagado por beldade
 Fundado tinha já o pavimento
 Passando a Compostella : o Santo Padre
 Lhe deo Instituto e Ornamento :
 Dos tempos o não postrão as pancadas ,
 Pois que por Deos lhe são bem reparadas :

Dom Jaime se voltou para Castella
 Infante que a havia acompanhado :
 Em Trancoso se casa esta Donzella ;
 E vendo-a Diniz fica admirado ;
 Esta de Crystaes Pyra , esta Estrella
 Indica a Portugal feliz Reinado :
 Aqui lá d'alto Ceo a Benção Santa
 No mez de S. João recebe a Infanta.

Os Seculos dourados bem se virão
 Em Trancoso naquelle mez seguinte ;
 Clarins sonoros , Musicas s'ouvirão
 Festejos d'alta monta e requinte ;
 Os vivas o undoso ar ferirão ,
 Excedêrão por mais que a Fama pinte :
 Ditosa Lisia o Ceo te favorece
 Esta alta Protectora te ennobrece.

Passou a Coimbra onde as Magnas Festas
 A ella se fizerão mais brilhantes ;
 Onde timbales , sonoras orquestas
 Erão celeste esfêra de diamantes ;
 Os Coimbrezes sãgrão-lhe Florestas ,
 Matizando com flores os semblantes :
 Ah ! Alta Coimbra , tu Corpo lhe adora
 Pois podre não verás na Regia Flora.

Fáchas ardentes de Plutão irado,
 Rasgando a nuvem lá do fogo occulto,
 Em cadeiras de raios aßentado
 Abrazar querem sim de Coimbra o vulto,
 Para que nunca o Ceo abrilhantado
 Consinta nos vindouros dar-lhe culto:
 Mas inteira se conserva ha quinientos
 Quasi annos resistindo aos Elementos.

Vai-te, Negro Plutão, e Companheiros,
 Furias lá do inferno, e mais harpias,
 Ministros diversos, e embusteiros,
 Vós negros Dragões lá das *Lethes* frias:
 Pois Coimbra terá sempre pregoeiros
 Que ao Santo Corpo fação honrarias:
 Porque elle s'ha de ver sempre incorrupto
 Horror do Jacobino marabuto.

De virtudes a rara maravilha
 Já bem lá nos onze annos se mostrava;
 Se do Thalamo então he casta filha,
 Qual a candida rola s'ostentava,
 Se era do Grão Diniz Esposa pupila,
 De Christo mais inda era Esposa amada:
 Nunca o esplendor da juvenil idade
 Manchou do hymeneu a castidade.

O tempo consumia e suas horas,
 Repartidas por tal regulamento;
 Que ella a Deos todo lá desde Aurora
 A' alta noite dava em portento:
 Nas Missas altissimo Deos adora,
 Ao Sacerdote faz acatamento:
 Porque Melchisedéc he Sacerdote
 D'Abraham; por isso tem mais honra e dote,

Sendo a Missa acabada, ella rezava
 Psalmos, e Orações a muitos Santos;
 As horas da Senhora recitava,
 De defuntos o officio varões tantos;
 De manhã, e nas vespervas tornava
 A' Capella Real ouvir os Cantos:
 Inda estimava mais de Deos a Casa
 Que o grande Throno seu em sala rasa;

Nem por isso ás obrigações faltava,
 Que são da Magestade alto officio;
 Benigna aos Povos ouvia, e fallava;
 A caridade lhe era o Beneficio:
 Moysés com Deos no Monte conversava;
 Deos o mandou soster o maleficio,
 Que lá obrava o Povo no Deserto,
 E que fosse guardallo mais de perto.

Debaixo dos adornos Magestosos,
 Com que a gentil Rainha era bem vista,
 Trazia huns cilícios espinhosos
 Nelles fazendo ao Ceo doce conquista;
 Rejeitando manjares saborosos,
 Sendo dos asperos só porcionista:
 Era tudo hum rigor e penitencia
 Dos manjares gostosos abstinencia.

Tres dias jejuava na semana,
 Contentando-se só com pão e agoa,
 Creatura Angelica e não humana
 Nutre-se do Divino Amor na frágua:
 O Advento de Christo a inflamma;
 Por isso aos jejuns accresce a mágoa:
 Muitos jejuns do giro lá do anno
 Celebra, qual *Judith* a Deos Sob'rano.

Ao Paço muitas vezes vir mandava
 Treze pobres leprosos em segredo ;
 De joelhos qual Christo os pés lavava
 Este de Santidade alto Rochedo ;
 Com vestidos e esmolas os brindava :
 Oh ! que o gigante vê-se pelo dedo ;
 Mostra que n'alma lá tinha esculpido
 Dos pobres Evangelho encarecido.

As Damas lá no Paço e Acafatas
 Matronas, todas mais outras Donzellas
 S'occupavão dirigindo a Deos Cantatas
 Sem que nada de vão se visse nellas :
 Toda a acção era a Deos accete *oblata* ;
 De Flores era o Paço huma Capella :
 Occupavão-se em ricos ornamentos
 Para as Igrejas pobres e Conventos.

Na quinta que se chama d'Endoenças
 Ella ás mulheres *Lavapés* fazia ;
 Angelica mostrava-lhe a Presença,
 Lavando-lhe seus pés n'huma bacia ;
 A ellas dava esmola de Real Tença
 Pois n'alma a Caridade bem lhe ardia :
 Lagrimas vertendo de pura mágoa
 Augmentando da obra Santa a agoa.

Destas huma mulher hum cancro tinha
 No pé, que mergulhou no Lavatorio,
 Fetido horrendo cheiro della vinha
 A todos os do Santo Consistorio ;
 Beija a chaga Isabel Santa Rainha,
 O cancro logo sara inflammatorio ;
 Se Moysés beijando o Senhor morreo ;
 Isabel beija a pobre, então viveo.

Das donzellas Isabel casamenteira,
 Para assim s'evitar do mal a Sorte,
 As orfãs amparava Padroeira
 E das nobres e doentes smoler forte:
 As noivas enfeitava de maneira
 Que parecessem bem a seu consorte:
 Por isso se chamava Mãi dos pobres
 Principalmente dos que fossem nobres.

Nas Audiencias que dava esta Senhora
 Attendia mais que tudo á pobreza;
 Era ella das rendas distribuidora
 P'ra os pobres caridade tinha acceza:
 Vendo-a o Rei de rendas carecedora
 Certas terras lhe dá com mais largueza;
 Cintra, Porto de Mós, e mais Abrantes
 As Alcaidarias, Padrões bastantes.

Visitou d'Alcobaça o Santuario,
 Que huma Thebaida era nesse tempo,
 Deserto, e claustro penitenciaro,
 Dó primeiro Affonso fundamento;
 Onde em hum venerando Reliquario
 Sempre exposto nos stá o Sacramento:
 Mas hoje a *traidora* Nação Franceza (2)
 A cinzas reduzio esta Grandeza.

Em pôr na guerra, ou na discordia as pazes
 Virtude singular tem a Princeza;
 Os furores da Hespanha erão capazes
 Com Sancho ferir gente Portugueza;
 Pois que della seu Filho lançou bases
 Para nos pôr a Spanha guerra acceza:
 Mas os Pais ao Filho reprehendêrão;
 E vencido; em Arronches o prendêrão.

Alta Badajóz tu dize Hespanhola,
 Quando dentro em ti tu mesma viste
 Isabel a pedir da paz a esmola
 Entre Sancho e Afonso, que resiste:
 Entáo a Bandeira da paz tremóla
 Em teus muros: Arronches bem ouviste:
 Merece Isabel piedosa Marte
 Ter no brilhante Ceo hum Templo á parte;

De pazes Isabel medianeira
 Sempre teve por timbre virtuoso
 Pessoas reconciliar guerreiras;
 Por tanto o negro inferno furioso
 Guerra lhe fez c'huma furia veleira,
 Que subio lá do lago tenebroso:
 Mas que era ella da paz o Santuario
 Igreja no-lo diz no Breviario.

Lá o Monstro infernal sagáz, astuto
 Vomita pois do baixo Acheronte
 Huma Furia, hum Centauro, hum homem bruto
 Pula a Coimbra rival com torpe fronte
 Entra no Real Paço o marabuto;
 Incendiado elle vem no Phlegetonte:
 Recebe-o Diniz como seu criado
 Sem pensar que elle tal era hum diabo

Mas como do inferno era a batalha,
 Os tiros a Diniz s'encaminhaváo;
 Isabel infundida na baralha
 Sem saber que contra ella passos daváo:
 Mas como de virtude era muralha,
 Nada temia dos que a malquistaváo,
 Ah Diniz! Não te enganes toma tento;
 Isabel te he leal no Mandamento

Outro havia smoler hum bom criado,
 Que a Isabel sirvia mui modesto;
 Com virtudes brilhantes adornado
 Das Missas hum devoto muito honesto:
 Era smoler occulto despachado;
 Virtude que ha nos Grandes por *Aresto*:
 Pois que a Mão esquerda saber não deve
 A smola que com d'reita se concede.

O Pagem do diabo mensageiro
 Lá do outro invejando a feliz sorte
 Persuade ao Rei por ser crendeiro
 Que a Rainha Isabel sua Consorte
 Por torpe afeição dava-lhe dinheiro
 A seu digno Pagem d'huma vil morte:
 Anjos puros scondei a vossa Face
 Pois padece *Eclipse* hum da vossa classe.

Isto o simples Diniz acreditou
 O que o tal embusteiro lhe contava;
 Verdade saber não solicitou;
 Em colerica paixão se magoava;
 Em segredo hum Decreto praticou
 Ao Mestre que n'hum forno trabalhava;
 Que quando elle hum tal Pagem lhe mandasse
 Ao torno da cal logo o atirasse.

O Pagem d'Isabel lá foi mandado
 A'hora que Diniz tratado tinha;
 Innocente com fingido recado
 Ao Mestre do forno que cal tinha:
 Deos porém no castigo apressurado
 Livra o innocente Pagem da Rainha:
 Oh Ceo! oh eixos lá do Firmamento!
 O innocente o pensamento.

Do Paço para o forno indo o Pagem,
 Tocar no Convento á Missa sentio; (3)
 E como lhe ficava na passagem
 A ella por devoto acudio;
 Duas ou tres Missas por vassalagem
 Antiga ao Sacramento elle ouviu:
 Deos Supremo Jehóva que embargaste
 De Diniz a Sentença que riscaste.

Largo tempo gastou esta demora;
 Que deo a Diniz hum grande cuidado;
 Por isso vai acusador por fóra
 Saber do Mestre lá do outro criado:
 Mas como este na Missa gastou horas
 O Mestre s'enganou com tal recado;
 Lança mão deste vil acusador
 No fogo lança logo o adulator.

Vós, Senhor, que milhões moveis de mundos;
 Que do nada no principio os creastes
 Conservando-os nos ares tão profundos
 Do infinito *Cáhos* que fundastes,
 Pendentes d'alto Dedo tão fecundo,
 Oh! como ao innocente libertaste!
 P'ra Mardocheo patibulo armado
 Por *Amão*; este nelle he enforcado.

Diniz com pavor tal estorecido
 Depois que vio com vida o innocente,
 E o adulator nas chammas submergido
 Grande mágoa lhe fica penitente;
 Da Rainha então respeita o devido
 De virtudes Theatro eminente:
 Nunca nos Paços falta adulator,
 Que na virtude não funde o horror.

Mas Diniz quer a Deos desenganar,
 Das pasmosas virtudes da Consorte
 Parte aos Montes de Béja, vai caçar
 Os ursos; porque não temia a morte;
 Mas hum forte urso em terra o vai calcar
 Sem que elle a Diniz dêsse passaporte:
 Então recorre ao Bispo de Tolosa,
 Este lhe apparece em voz amorosa.

Não temas, ó Diniz, que bem me imploras
 Do Monstro féro tal a força brava;
 Elle com grandes forças s'afervora,
 Mas teu punhal será fiel aljava
 E que elle te defenda nesra hora:
 Oh puxa o teu punhal lhe encrava:
 Assim o Rei d'hum golpe despedaça
 A féra que montez lhe armou trapaça.

Sempre a conversa d'Isabel tratava
 Nos milagres que São Luiz fazia
 Hum Bispo de Tolosa, que admirava,
 Varão Santo de rara Prelazia;
 Ouvindo-os Diniz se consolava
 E na sua grande Fé todo elle ardia:
 Deste Bispo os milagres repetidos
 A alma lhe extasiavão e sentidos.

Diniz a Deos do Ceo graças rendendo
 Por haver da tal féra assim escapado,
 Ficou bem com toda a clareza vendo
 Que lhe era d'Isabel tudo emanado:
 Huma Capella grato vai erguendo
 Em Béja a S. Francisco inflammado;
 E no Sepulchro seu lá de Odívelas
 Hum urso esfaqueado se modéla.

Desordens que entre os Reis se levantarão;
 D'Hespanha e Portugal afortunado
 Ir Diniz e Isabel muito obrigarão
 A' Cidade da Guarda com cuidado:
 A discordia soava; mas quietarão;
 Isabel tudo deixa apaziguado:
 Ah! David p'ra a Saul bem applicar
 Generaes não; Levitas fez chamar.

Nascêrão as discordias novamente;
 Incendiou-se outra vez a nova guerra:
 Vai Diniz lá a Spanha de repente;
 Chega ás raias d'Aragoneza terra;
 Dá Isabel a paz á Iberica gente:
 O Ceo n'hum Templo d'ouro a encerra:
 Aragão tu de Gala te vestiste,
 Quando outra vez tua Isabel viste!

Retirando-se os Reis á terra Lusa;
 E já havendo Constança falecido,
 Filha tal d'Isabel que o mundo escusa,
 Seu sentimento foi enternecido;
 E p'ra que nella gloria lhe reluza
 O caso contarei não desmentido;
 P'ra que a Isabel memoria se consagre
 Visto que bem se mostra ser milagre.

Na estrada de Pontével em jornada
 Bem a Santa Rainha ouvio gritar
 Hum Ermitão, que muito s'apressava
 A fallar-lhe para haver de lhe intimar,
 Que por vezes em sonhos lhe fallava
 Constança; e o fizera lastimar;
 Pois que ella stava sim no Purgatorio
 Para lhe ser de culpas lavatorio.

Clamores dava o Povo alvoroçado,
 E os da Companhia se admiravão;
 Desapparece o Monge figurado;
 Os ouvintes de pasmo s'inquietavão;
 Animo d'Isabel he suffocado;
 E Diniz e os demais mudos ficavão:
 Oh Jehóva immortal com quanto brilho
 No mundo illustras d'Isabel o trilho.

Gritando o Ermitão tão altamente
 Que Constança lhe havia em sonhos dito,
 Recommendasse á Mãi Isabel vivente
 Hum anno de Missas bem exquisito
 P'ra do seu purgatorio vir ardente
 E a sala gozar do infinito;
 E que isto foi por vezes na Ermida
 Lá onde elle habitava em santa vida.

Porém disto zombando a Companhia
 (Pois sempre os máos zombárão da virtude)
 Nas Praças taes do mundo a ousadia
 Sempre dos Bons baixou a Magnitude;
 Dizendo que defunta só viria
 A Pessoa Real, e não a rude;
 Como se lá da Gloria o Santuario
 Só fosse p'ra os Monarcas relicario.

Ninguem conheceo tal Santo Ermitão,
 Nem que nos contornos Ermida houvesse;
 A elles pareceo-lhes hum Tritão
 Que Tritonia no lago mantivesse;
 Mas chegando a Azambuja a multidão
 Da gente; o Ermitão desapparece;
 Afflicta: Isabel Ermitão não vê
 Mas ser graça do Ceo muito bem crê.

Por tanto logo as Missas dizer manda
 Polo seu Fernão Mendes Capellão;
 E nas azas dos annos que o tempo anda
 Sendo alta noite, tarde, ou de serão
 Em sonhos vê Isabel Constança branca;
 Diz-lhe que lá sóbe á celeste Sião;
 Assim as Missas bem subir deixarão
 Esta; e os Anjõs hymnos lhe entoarão.

As guerras lá por sua intervenção
 Entre os Reis de Sicilia, e de Navarra
 S'applicarão por certa convenção,
 Em que o Papa metteo a mão bizarra;
 Pois que o Mouro tomaria intenção
 Por Sicilia entrar, e pôr-lhe amarra:
 Tudo compôz Isabel Rainha Santa
 Suas Armas nenhum já mais levanta.

Trazendo sempre o animo elevado
 Ao Ceo; em obras lá ao Ceo servia;
 Por tanto vendo o Convento arruinado
 De S. Clara em Coimbra pertendia
 Reformar tal Padrão para o Ceo dado;
 Qual Jardim de virtudes que servia
 Onde o seu tal sepulcro havia ser;
 Como o tempo futuro deo a vêr.

Ah *Caliope*, tu minha alma inflamma;
 Para cantar em verso sublimado
 Esta nova Jerusalem que chama
 Estas Santas Donzellas a seu lado:
 Coroa tu meus Cantos p'ra que a Fama
 Com penachos vá d'ouro bem dar brado:
 Pois nesta Clausura Sacras *Vestaes*
 De Portugal dirão inda os Annaes.

Em Coimbra hum bom Recolhimento stava,
 Que de S. João das Donas Nome tinha;
 Aqui pois ás Fidalgas elle dava
 Claustro onde bem virtude se mantinha:
 Houve Dona Major que consolava
 A Constança na morte mui Santinha:
 Recebe desta a recommendação
 Que a S. Francisco tenha devoção.

A devota Major vem professar
 Na pobre Ordem do Serafim chagado;
 Com ricos cabedaes vai processar
 A grande obra que havia intentado;
 Expõem á Santa Rainha seu pensar;
 Approva-lho; e logo lhe he bem louvado:
 Então escolhe huma quinta junto á Ponte
 Para fundar o Claustro do Sião Monte.

Applica seus mui ricos cabedaes
 Esta Fidalga já lá Freira Clara;
 Funda o grande Convento que os Annaes
 Da Serafica historia contáo rara:
 Por Escripura eterna em termos taes
 A' Ordem Clara dá esta obra chara:
 Disto Litigios alguns se praticarão;
 Mas as Sentenças tudo impugnarão.

Diniz e Isabel o coroarão
 Com mais altas obras e galarias;
 Mas a primeira pedra elles lançarão
 Da nova Igreja lá por authorias:
 Aqui Donas virtuosas professarão
 E outras mais, e muitas Fidalguas:
 Alto Geometra, tu abalizaste
 Sepulcro d'Isabel que abençoaste.

Cantar eu vou com *Urania* celesse
 Das rosas o milagre bem sabido:
 Os Astros me abrilhantem Musa agreste
 Para ficar meu verso applaudido,
 N'hum milagre, que Santidade veste;
 E que a Igreja tem ennobrecido:
 Trocarem-se rosas em buro fino;
 Rosas feitas em ouro crystalino.

Junto á Grá Portaria do Convento
 Encontrando Diniz a Isabel Santa;
 Reparou no regaço corpulento;
 Assim lhe perguntou por cousa tanta:
 Levava para os pedreiros pagamento
 Abre o regaço, vio rosas, s'encanta: (4)
 Ah Jehóva! Nas bodas de Galiléa
 Agoa mudaste em vinho de Judéa.

Renova Isabel tal Edificio,
 Que esta Dona Major principiára;
 Então hum Templo faz de frontespicio,
 Com que os seus holocaustos adornára:
 Diniz outro levanta em sacrificio
 A Deos em Odivelas; cousa rara:
 Já a nevada cabeça o desengana
 Que breve acabará vida mundana.

Diversa foi do Filho Affonso a sorte;
 Pois pertendeo ao Rei tirar o sceptro:
 Parte á Spanha arrogante muito forte
 Foi debalde; e de lá trouxe o Epiteto
 D'ingrato Filho mais cruel Mavorte;
 Pois contra Portugal aguça o plectro:
 Junta grandes Esquadrões de Portuguezes
 Contra seu Pai Diniz por muitas vezes.

Guerra guerra bem lhe arma sanguinosa,
 Governando Diniz mui justamente;
 Isabel o reprende carinhosa
 Desvia-o por affagos brandamente;
 Os castigos temêo da Mão Pod'rosa;
 Pois *Decalogo* Sacro obriga urgente;
 Nelle se manda ao Filho honrar aos Pais,
 P'ra na terra viver huns annos mais.

Ao Ceo recorre esta Santa Heroína;
 Faz-se huma Procissão em Santarem
 Descalça, penitente, dá doutrina;
Santo Milagre leva-se tambem;
 Os Povos á penitencia inclina;
 Hostia Santa respeita-se mui bem;
 Mas Deos quiz a Isabel dar-lhe trabalhos
 Por isso permittio taes enxovalhos.

E como o Filho rendas não havia
 P'ra dura contra o Pai sustentar guerra;
 Diniz erradamente discorria;
 Que Isabel os Thesouros nelle encerra:
 O degredo a Alenquer lhe fornecia;
 E ás rendas dadas já, negação férra:
 Ah Diniz! Para o Ceo debes olhar
 Lá stá pois quem te assim manda picar.

Excelsa Alenquer, tu mesma observaste
 Outro milagre igual das bellas rosas:
 Como ao Spirito Santo muito amaste
 Aqui a tal Igreja Magestosa
 Para decoro seu tu lhe fundaste;
 E della a seus obreiros muito airosa
 Dava rosas por paga só d'hum dia (5)
 Mas em peças d'ouro lhe apparecia.

Do Imperador aqui tal teve a Festa
 Origem ; da Candea a Procissão ;
 Isabel deste Ceo he a Floresta ,
 Que institue de Deos por permissão ;
 Solemnidades Santas com Orquesta
 Strondosas se fazem nesta occasião :
 P'ra ao Spirito Santo dar louvor
 Hum homem se figura Imperador.

Dois homens como Reis vestidos vão
 Com c'roas todos tres bem sublimados ;
 Huma deo Isabel de valor grão ;
 Estas lá no Altar são dedicadas
 Na cabeça dos tres tem seu brazão :
 Estas na Pascoa lá são consagradas
 No Magestoso Altar de S. Fráncisco ;
 E primeiro he então praticar-se isto :

Assim lá vão ao Templo já fundado
 Do Spirito Santo ditos tres Reis taes ;
 E Donzellas em bailes concertados ;
 Segundo dizem da historia os Annaes ;
 Dote de casamento então lhe he dado :
 Isabel vai casar as Virginiaes :
 Desde a Pascoa até ao Sp'rito Santo
 Cada Domingo mostra-lhe outro tanto.

Então o Sacro volta Imperador
 Com festivos clarins acompanhado ;
 Vem mais hum Pagem seu com Santo ardor
 De cera leva hum rolo accendiado ;
 Fica aponta no Altar consagrador ;
 Vai outra ao de *Triana* ser fixado :
 Todo o anno se accende esta Candêa ,
 Qual *Cirio Pascal* que a Deos lumêa.

Ao Templo do *Sp'rito* se retirão ;
 Vão benzer pão e carne d'animaes ,
 Com que o tal Santo *vodo* bem admirão ;
 D'Isabel s'originão Festas taes :
 O que isto diz Annaes não imprimirão ;
 Hoje disto mesmo ainda ha signaes ;
 Hoje no Reino o mesmo se pratica ;
 E a Donzella tal Imperatriz fica .

Varios houve milagres admiraveis
 Com a cerea candeia tão comprida
 Outros com muitas carnes agradaveis :
 Do Rei Duarte hum Cozinheiro subidas
 Lavaredas nos tachos vê notaveis
 Sem que o fogo as houvesse apprehendidas ,
 Em seus Santos he Deos mui admiravel
 Por todos a virtude he sempre amavel .

Varias Terras tomou do Reino o Filho
 Da guerra os males fora mais crescendo
 Dôr tinha o terno Pai deste junquillo
 Pois elle o stava d'alma porção vendo
 Ou chorava , ou da guerra tinha o trilho
 Quasi todo seu Reino foi perdendo
 Assim magoado lhe manda Embaixada
 P'ra o conduzir á paz tão desejada .

Vistes vós Santarem , e Lumiar
 Coimbra , Guimarães , e mais Leiria
 A civil guerra a Lisia incendiar
 E das Provincias toda a bizzarria :
 A Guimarães Isabel vai arribar ,
 Larga então d'Alenquer a moradia ,
 Ao Filho roga paz precisa e justa ;
 Elle porém lha nega , e mais s'assusta .

C'hum Exercito o Filho vem armado
 Em Coimbra entra bravo e furioso,
 O Pai com outro Exército alliado
 Sobre a Ponte pelejão mui fogosos;
 Huns lá morrem no Rio afogados,
 Outros de sangue em Lagos horrorosos
 Dos altos Paços lá Isabel olhando
 Sempre ao Celeste Paço as mãos alçando.

Inda assim não s'acaba a cruel guerra;
 Retira-se Diniz para Leiria;
 O Filho em Pombal os seus encerra;
 Isabel com elle em gentil porfia
 Fez-lhe dar juramento nesta terra,
 No sagrado Altar com Clerezia:
 Promette accommodar-se; ao Pai s'humilha
 Mas pouco lhe dura esta maravilha.

Em Lisboa entrar com Armes fortes
 Contra seu Pai Diniz inda intentou;
 Isabel por aqui evitar mortes
 Ao Christo d'Ourique humilde orou
 Aquelle que a Affonso deo confortes
 No Templo do *Castello* o collocou: (6)
 Qual a penosa Esther pede a Assuéro
 Lhe mova o coração do Filho féro.

Christo lhe prometteo lá na visão,
 Que lhe representava hum Menino
 A ser devorado por hum Leão;
 Que elle sim livraria o pequenino,
 E mais lhe prestaria a successão,
 Pois da Misericordia era o destino:
 Mas o Filho na teima continuou
 E no *Lumiar* guerra lhe incendiou.

Daqui vai ás Planices d'Alvaláde;
 Qual de *Ephraim* outro sitio tenebroso;
 Onde Absalão fez a David maldade;
 Onde os metaes com éco sonoro
 Com caixas retumbão a crueldade;
 E as fileiras sangue abrem spumoso:
 E o Sol que já d'alto caminhava
 No prumo do *zenith* s'aproximava.

Nos pélagos do vento retumbante
 Treme dos campos todo o horizonte;
 Os hombros seus sacode o velho Atlante;
 O carro volta atrás de Phaetonte
 Escaramuças correm adiante,
 Desanda, volta atrás, põem-se defronte:
 Toda então mortal Arma se dispára
 Fazendo em todos mortandade rara.

Fica Isabel fiada na promessa,
 Que de Christo a imagem lhe fizera
 Do Castello de Lisboa; e depressa
 N'huma mula ella vai; (pois então era
 Menos os faustos) ella s'atravessa
 Em Alvalade; seu Filho a espera:
 Eis-aqui os Exercitos fogosos
 Pela Rainha se mostrão attenciosos.

Já o campo de Marte socegado
 A Isabel mui contente festejou;
 Ella ao Filho seu colerizado
 Lhe falla e desta sorte o cortejou:
 Ah Filho! que tens desembainhado
 A spada contra o Pai que te gerou:
 Escandalo és de todo o Universo
 Por seres cruel Filho tão perverso.

O que dizem malvados Conselheiros
 'Acreditar não deves pois verás,
 Que sempre os Reis tiverão lisongeiros,
 Que os enganão por arte mui sagaz;
 O Reino não s'entrega a Forasteiros;
 Tu successor do Reino inda serás:
 Em Pombal tu pois franco bem juraste
 A paz: assim tão mal a praticaste.

Taes palavras o peito lhe abrandarão;
 Raivoso furor contra o Pai afflicto;
 Qual David aos soldados que tratára
 Contra Saul hum terror tanto maldito:
 Concordias entre o Filho e Pai ficarão
 Nova obediencia ha squeece o delicto:
 Ambos voltarão sim para Santarem,
 Alegres em paz elles ambos vem.

Mas aqui novas bulhas elle tece
 Contra o seu velho Pai por vis informes:
 Oh Ceo! oh quanto, oh, desobedece
 Este Filho com obras tão enormes!
 As portas se fechão; entrar s'empce;
 Vem-se os animos muito mais distormes:
 As armas bramindo por toda a parte
 Que só mostrão horror de féro Marte

Ah Plutão infernal que o Phlegetonte
 Caudaloso teu rio sempre ardente
 Infundiste no peito deste Bronte!
 O Pai e o Filho com espada luzente
 N'huma rua erão hum bravo Acheronte;
 Mas as pazes fizeram prudentes:
 O Filho ao Pai rende obediencia;
 O Pai sempre o levou com gram clemencia.

Neste tempo já a tal velhenta idade
 De Diniz sobranceira á sepultura
 Lhe mostra ir lá vér com brevidade
 D'Augusta Celestial sala a candura,
 Dos Paços de Zaphir a amenidade;
 Onde dos lampeões brilha a formosura;
 Onde desembarea a spiritualidade
 Da mundana depois corporcidade.

Considerando a horrorosa Trombeta,
 Os fragorosos sons que o chamarião;
 Temendo da Parca a fouce e o Cometa,
 Que como tal Rei golpe lhe darião;
 Foge do mundo qual Anacoreta;
 Pois suas obras mais o affligião:
 Alçando as mãos lá ao celeste muro
 Quer suas cousas deixar em seguro.

Renova o Testamento em melhor forma
 Pagando de seu Pai algumas dividas;
 E suas, de que certa deixou norma,
 Prezos vai resgatar almas sentidas;
 Os pobres são vestidos com reforma;
 As Estações de Roma bem sabidas
 Por algum Cavalleiro visitadas;
 As de Jerusalem tão remontadas!

A's Igrejas, Conventos, Hospitaes
 Lhe ficarão larguissimos Legados;
 Testamento a Isabel deo em signaes
 De contra ella alguns dar passos errados:
 Porém convalecendo em termos taes
 Da doença; então mais outros cuidados
 O investem: em vida manda dar
 O que por morte havia reparar.

Lá dos Templarios d'alta Gram Cidade
 Jerosolima os bens que estava tendo
 No Domínio Real por má vontade
 A Ordem de Christo stabelecendo
 Todos lhe deo por sua piedade ;
 Cavalleiro por Christo contendendo :
 Mas o Plutão do Inferno se emperrou ;
 Com harpas d'ouro o Ceo bem festejou.

Amainou de Belona o Estendarte ,
 As pazes entre o Pai e Filho havendo ,
 Diniz a S. Vicente logo parte ,
 Em Romaria com Isabel rendendo
 Graças a Deos Omnipotente Marte :
 A virtude nas obras s'está vendo ;
 Lá nos Ceos ellas derão a Deos gloria
 Cá na terra a paz foi alta vitoria.

Succedeo então pois que Isabel Santa
 Sulcasse lá do Têjo as ondas frias ,
 Estrada navegasse d'ouro mansa ,
Auríferas areas fossem guias , (7)
 Celeste Nauta , Jonas em balança ,
 De Santas foi seu fruto Romarias :
 Balançou Jonas dentro na balêa
 Isabel n'hum Sepulcro se baldêa.

Musa , estes doura meu serios cantares
Helicon , dai-me todo o alento
 Para bem celebrar do Têjo os máres
 Que quebrarão as Leis deste Elemento :
 Iria Virgem posta nos Altares
 He quem meu grato leva pensamento :
 Mar vermelho deo aos Hebreos passagem ;
 O Têjo a Isabel faz Vassallagem.

Iria ou Irene em godos tempos
 Donzella virtuosa a Deos temente,
 Filha do Illustre Hermigio com exemplos,
 Da bella Castidade não consente
 Que Britaldo enxovalhe este seu Templo:
 Qual Virgem celebrada, e eminente
 E d'hum Conde era Filho o tal Britaldo,
 Seu Pai se nomeava Castinaldo.

Monge Remigio em Tomar a instruo
 Nas virtudes da Santa honestidade;
 Seu Tio Abade Celio lhe influio
 Este grande dever da mocidade;
 Das *Tias* a doutrina a induzio (8)
 Por Christo stimar sua Virgindade:
 Ella n'hum Recolhimento habitava
 E a Deos a pureza consagrava.

Britaldo porém vendo-a n'hum dia
 Louco stava em sua fromosura;
 Em seu amor gelada a fantasia
 Desejava mostrar sua doçura;
 Mas vendo que ella Virgem lhe fugia
 O fogo em sua neve fez tortura:
 Adoeceo com pena da fugida;
 De Britaldo a alma fica esmorecida.

Iria dá fatal sabedoença;
 Por que Deos lho havia revelado;
 Sahe lá do *seu Convento* com licença (9)
 Britaldo visitar: desenganado
 O deixa; pois com ella casar pensa;
 Visto que a Deos s'havia consagrado:
 Ah! subirás, Iria, ao zimborio
 Celeste; onde tem virgens desposorio;

Mas como rugidor Leão do inferno
 Atiçado por *Cerbero* damnado
 De Remigio bem traz o amor terno,
 Para incendiar Iria a seu peccado;
 Este Monge na idade já d'inverno
 Inflama-se na Virgem provocado:
 Oh Ceo! grita ella; pois a formosura
 He causa de que eu caia em loucura?

Este Monge intentou tal como fraco
 Bem vingar-se d'Iria resistente;
 Pois hum tal Director-lhe era velhaco;
 Ella casto era pois lirio florente:
 De Mestre-o despedio, como a macáco.
 Virtudes sim pintava torpementé:
 O Mestre Monge tal quer castigada
 Avirgem Iria que fingio pejada...

A Britaldo elle dá conta engeitado;
 Depráva-se este lá no grão ciume;
 Inflamma-se de cólera exaltado:
 D'as *humendies* s'abre hum grão cardume:
 Plutão todo o mais inferno agitado:
 Ao Monge os parabens dá com perfumes.
 Britaldo por hum vil venal soldado
 Iria faz matar desesperado.

Mas no Rio Nabão o grão malvado.
 Lança d'Iria o corpo glorioso;
 Britaldo ufano fica já vingado:
 Mas o Ceo guarda o Corpo precioso;
 Pelo Nabão ao Téjo arremessado
 Qual Moysés no cestinho venturoso
 E Britaldo e Remigio s'amigaráo;
 Anjos a Celio tudo revelarão.

Pois que Deos a seu Tio revelou,
 Que o Téjo o corpo Santo recebêra;
 Tanto lhe o Ceo o corpo reservou
 Que junto a Santarem o escondêra;
 Onde da Ribeira a praia assentou
 A balisa que o Téjo lhe impuzera:
 Doces ondas do Téjo d'ouro fino
 Sois urna de crystaes d'hum Sol Divino

Levanta Celio alegre o Estendarte
 Da pureza da Virgem que já estava
 Manchado; pois d'inferno o baluar-te
 A virtude seus tiros lhe atirava;
 Mas Celio a Santarem com Divina Arte
 Gritar vai; e d'Iria a Fama lava:
 As furias infernaes s'affugentarão
 Pois nas praias do Téjo Iria acharão

A Procissão tal foi dos Santerenos,
 Que o Senhor lá dos Mundos lhe enviou;
 Que todos em turmas ou mais ou menos
 Virão Sepulcro: o Téjo se desviou;
 Santo Corpo se vê nelle Sereno
 Ser obra dos Anjos se considerou:
 A morte a coroou com auréo sceptro
 Neptuno c'o Tridente lhe abre o ferétro.

Nunca mais Santarenos bem puderão
 De Sepulcro tal Iria tirar;
 Pois elles com ternura bem quizerão
 N'hum Altar collocalla onde girar
 A Fama pudesse; mas não tiveram
 Forças para delli o desviar:
 Muito fica tal Celio agoniado
 Pois o mudar-se Iria lhe he vedado.

Apenas tirão d'ouro os cabellos
 Da íntima túnica ensangoentada;
 Santas reliquias taes como os estrellos
 Que mostrão Iria mortificada;
 O Mosteiro de Santa Iria pelos
 Taes cultos a Santa martyrizada
 Milagres pois nos conta em stampa d'ouro
 Eternizada lá em seu Thesouro.

Chama-se Scabelicastro Santarem,
 Desde então a depois he *Santirene*;
 Mas hoje este tal he que nome tem,
 Pois da Virgem Santa toma o *ene*:
 Sec'los sete a Isabel a conta tem;
 Que esta foi visitar fonte perene:
 Quando então na praia Isabel andava
 Onde com Rei Diniz Iria stava.

Ponte de prata, strada d'ouro abrindo
 Romaria ella faz a Iria Santa;
 Do Téjo Sacro o pégo dividindo
 Bem s'abrio a *onda*: Isabel s'encanta (10)
 Ella só venera ao Sepulcro lindo,
 Que tantos seculos ha que o Evo spanta:
 Corre o Téjo outra vez suas cortinas
 Nos valles lá d'Ulysses crystalinas.

Isabel grão Pilar lhe levantou,
 Que inda mesmo lá hoje se venera;
 Digo inda hoje; pois tanto m'admirou
 Quando eu triste o vi na tragica era
 D'oito centos e onze, que acabou;
 Quando o traidor Francez nos fez a guerra:
 Do vento os sopros, ou do raio as azas
 Inda estas não puzerão pedras razas.

Na mesma ahí margem que o Téjo lava
 Apparece hum Pilar de certa altura
 Na mesma praia, que a Ribeira cáva;
 Onde bem desembarca a viatura:
 Lá no alto huma mulher mui bem se grava;
 De Lisia Armas Reaes fazem figura;
 Nelle se vê gravado hum Letreiro (II)
 Que na Lingua do *Lacio* diz inteiro.

O que muito me ellevou admirado
 No mesmo mez Maio do dito anno;
 Foi vêr este inteiro Pilar Sagrado
 Sem que pois lhe o Francez fizesse damno;
 Portas, casas, tudo eu vi estragado
 Por estes Jacobinos tão tyrannos:
 As mesmas Reaes Armas Portuguezas
 Logrando ellas ficárão as bellezas.

De *Cedron* a Ribeira venturosa,
 Do Jordão o seu timbre merecido,
 O *golgotha* montanha scandalosa,
 O Sinai no arbusto accendido,
 O Tabor com sua gloria fulgurosa,
 O Horeb nas agoas dividido,
 Padrões são desta Virgem Iria;
 Que n'Arca figura á Virgem Maria.

Tanto merece a Deos a Castidade
 Das Virgens que elle toma p'ra seu culto,
 Quanto esta he tão difficil Santidade
 Guardar-se no *cáhos* do mundo stulto!
 A Paulo sbofeteava esta maldade,
 Quando lho diabo fazia insulto:
 Matou Deos trinta mil Madianitas
 Mas as Virgens ficárão expeditas.

Dos Gentios nos conta a velha historia
 (Esses grandes Padrões d'Antiguidade)
 Que em Roma teve a *Vésta* por grã gloria
 Clausurar em seu Templo a Virgindade:
 Tal *Vésta* nos deixou n'alta memoria
 Raparigas Virgens de pouca idade:
 Lampadas lá no Templo lhe accendião
 E peccando com pedras as ferião.

De Roma este rito se transplântou
 Pelo grande Romano vasto Imperio:
 E cá em Portugal bem se encantou
 Junto a Lisboa n'hum tal Monasterio
 De Chellas, onde Achilles se plantou;
 Mas Ullysses lh'ordio o cemeterio:
 Alguns pois se conservão monumentos
 Que destas *Vestæes* deixão pensamentos.

Tanto que morre o Rei Diniz Monarca
 Amigado com seu tal Filho ingrato;
 Tanto que os fios d'alma corta a Parca
 Recebe os Sacramentos com recato:
 Suspirando em Jesus no peito n'Arca
 Sobre Christo empregou ultimo tacto:
 Logo se remonta á celeste sala
 Isabel d'alegria perde a gala.

Do spirito Paraclito ella ungida
 N'hum seráfico Claustro vai metter-se;
 Louvada faz do mundo tal fugida
 P'ra do mundo malvada esconder-se;
 Como casta viuva amortecida
 Cuida no Ceo terreno recolher-se:
 Bate ás portas do Serafim chagado
 Qual Moysés no Rochedo empedrado.

O Manto de burel ella vestio,
 E com aspera corda bem envolta
 A cabeça c'hum branco véo cobrio
 Defunta viuva em mortalha involta;
 Assim a triste viuva ella subio
 A Compostella que a S. Thiago scolta:
 Faz Romaria ao Apostolo Santo
 Disfarçada c'hum rijo burel manto.

Segue a estrada mui bem acompanhada
 Com Matronas taes cinco d'alto sp'rito;
 Occulta a Magestade enviuvada
 Vai a Thiago Apostolo bemoito;
 As esmollas que fazia nesta estrada
 Mostrárão que tal era este palmito:
 He qual celeste *via Lactea* dada
 Girando a terra mostra illuminada.

Em Arrifana a vista restaurou
 A huma tal mulher que céga andava;
 Toca seus olhos; vista s'aclarou;
 A pé ou a cavallo, ella marchava:
 Em Compostella a Thiago consagrou
 C'roa d'ouro com vestiaria dada;
 Para serem da Igreja ornamento
 Com que de Thiago enfeitasse o Templo.

D'Arcebispo recebe a pergrina
 Em recompensa de suas *Oblatas*
 Huma gram moleta de prata fina
 C'huma pedra vermelha, que remata
 D'Apostolo Santo a Imagem digna,
 E huma concha mais lhe enfeitada a prata:
 A vara por Deos foi a Moysés dada
 A moleta por Deos he abençoada.

Altamente a Galiza celebrou
 Da Romeira Isabel os donativos;
 Voltando na Arrifana festejou
 Claros olhos da cega admirativos;
 E o Povo admirado s'elêvou,
 A Deos pois attribuia estes prodigios:
 Imita o Profeta ao Justo Tobias
 Obrando por Deos tantas bizarrias.

Volta a Coimbra Herculea Cidade
 Onde já o Convento havia feito;
 Recolhe-se então lá com prontidade;
 Hum hospital p'ra pobres faz a geito:
 E p'ra si Paço faz com humildade
 Pois pobres lastimava no seu peito;
Mãi dos pobres, Madrinha dos afflictos
Compadecida d'aes, fomes, e gritos.

Vincula Isabel todos os fundos
 Deste grande hospital e boas rendas
 A ordem destas Claras com profundos
 Titulos de magnificas fazendas;
 Mas as voltas do tempo neste mundo
 Induzirão pois nisto altas contendas:
 Mas hum Affonso quinto justo e recto
 Desviou da injustiça o Epiteto.

Prohibio Isabel que no seu Paço
 Lá no altar a Clara consagrado
 Nenhum já outro mais tivesse espaço,
 Que não estivesse Régio nomeado;
 Para que as suas Freiras sem embaraço
 Fóra d'algum vivessem attentado:
 Pois as Almas a Deus só consagradas
 Devem-se privar bem d'ocasiões dadas.

Em breve s'arruinou o Real Paço;
 Depois que Ignez de Castro lá viveo:
 Ignez, a bella Ignez animo d'aço,
 Peito de garça, a *Pedro* enlouqueceo:
 De Rainha então morta hum só pedaço.
 O muito amor á ruina a offereceo:
 De Jericó os muros abalárão
 As sonóras trombétas que gritárão.

A viuva Isabel toma o exemplo
 D'outras muitas Rainhas na clausura;
 (Sua Mãi sua Avó) vai ao Templo
 Professa qual Tereceira esta ventura,
 Que alto Ceo s'alegrou, eu o contemplo;
 Que Plutão s'enraivou com amargura:
 Qual em Galaát a Sposa dos Cantares
 Seus cabellos em molhos vão aos ares.

Casada Isabel, Viuva, e Freira
 Tão bella como a Aurora quando nasce,
 Tão linda como o Sol n'alta carreira,
 Formosa e bella nas virtudes faz-se;
 Desde o Polo bem lá vida primeira
 Até que mais ao outro final passe:
 Resurgir seusará por derradeiro
 Pois inda agora stá seu corpo inteiro.

S'em casada do anno nas tres partēs
 Isabel sempre austéra jejuava;
 Em Viuva e Freira aos baluartes
 D'inferno com jejuns mais ella obstava;
 E quando o carro d'ouro os Estandartes
 No Nacente das luzes indicava
 Já na Capella este Astro matutino
 As Missas ouvia do Deos Divido.

E sempre Freiras cinco a acompanhavão
 E duas Missas ouvião cantadas
 E o Officio Divino bem rezavão
 Aos pobres as esmollas lhe erão dadas;
 Alimentos grosseiros a tratavão,
 Pois da gula vem obras depravadas:
 E do hospital os pobres visitava
 E por suas mãos chagas lhe alimpava.

Primeiro o Confessor era chamado,
 Do que o Medico os fosse visitar;
 Pois que stando qualquer alma em peccado
 Primeiro se deve purificar;
 Curada a alma, fica o corpo alliviado,
 A culpa não deixa a alma governar:
 Morre *Ochosias* de morbo trivial
 Por hum peccado haver feito mortal.

Era tão penitente a sua vida
 Que a todos parecia impossivel
 Sustentar-se com tão subtil comida;
 No que haver hum milagre era visivel
 Prodigio d'huma vida amortecida;
 Cilicios e a fome he muito crível:
 He prodigio ter hoje o corpo inteiro
 Morto de S. Clara no Mosteiro.

Não por pompa, mas sim por desengano
 Sepulcro seu de pedra fez tirar; (12)
 Treze palmos de longo tem seu plano
 Largo seis, cinco d'alto o vão findar;
 Imagens e figuras ao humano
 Cada huma dois palmos faz mirar:
 Acabando ellas vão em Procissão
 Livros abertos levão n'huma mão.

No principio hum Bispo vai sculpido
 Com Sacerdotes mais de veste branca,
 D'adornos Pontificios bem vestido
 Que elles lado direito ornão dá banca;
 Outro coro do lado esquerdo abrido
 Apostolico coro que de banca:
 Na cabeceira stá hum Crucifixo
 Com Maria, e Evangelista affixo.

Dois escudos se vêm d'Aragonezas
 Armas; e bem do tumulo no fundo
 De Santa Clara o busto tem bellezas;
 Duas Rainhas mais o põem jucundo
 Com cabeças lá d'ouro altas grandezas
 Que fazem admirar de Coimbra o mundo:
 Nos quatro cantos os quatro animaes
 Dos quatro Evangelistas dão sinaes.

Não termina inda aqui esta scultura
 Que cantar eu devoto bem me empenho;
 Altos mysterios tem as taes figuras
 De que sumario faço este desenho;
 He da superior tampa a gravatura
 Que mostra d'Isabel bem com engenho:
 Do Santo Corpo molde agigantado:
 Divina Lição, o Ceo lho dá avultado.

Em habito de Clara o sculpe a Arte
 N'hum relevo gentil, cinzel polido;
 Na Cabeça hum véo preto faz-lhe parte
 Com que os Anjos lhe smaltão o fingido;
 Huma alra c'roa d'ouro o bem reparte
 Com que seu rosto stá tão bem luzido:
 Ah Freira viuva! Teu rubro pudor
 O teu no Ceo colóca resplendor.

Da Ordem hum cordão cinge a Coróa,
 E desce para á esquerda huma ponta;
 Com que huma bolsa bem smolas pregoa;
 Outra a concha de Thiago d'alta monta
 Lavrada em ouro digno da Pessoa;
 Bolsa para ás esmolas sempre pronta;
 Sobre o peito se vêm as suas Mãos
 Dextra c'hum Livro; a outra c'hum bordão.

Dois Anjos com thuribulos incensão
 Pela Cabeceira o stimavel busto;
 Os Anjos pelo Ceo lhe recompensão
 Seus trabalhos c'hum tumulo Augusto;
 Em oito Leões de pedra elles assentão
 Celeste mausoleo de tanto custo;
 Nova no Ceo resplandece alegria
 E vem mais bello o Sol mais claro o dia.

Porém do tempo os dentes roedores
 Da Igreja no Corpo fazem danos;
 Pois Mondego alagou os corredores,
 Do Convento, Igreja e de seus planos;
 Por isso hoje nada há de seus horrores
 Segunda ha hoje velha ha tantos annos:
 Isabel esta Igreja sobranceira
 Mandou ella fazer sobre a primeira

Manda então collocar sepulcro Santo
 Sobre arcos desta mais Igreja nova
 Dobra a Igreja: tumulo tem canto,
 Sobre o novo alto coro que s'aprova;
 Mas aqui se levanta a urna tanto
 Que entre os Fiéis a Santa Fé renova:
 Virtuoso *Santiago* bordão (13)
 Muda p'ra o coro a urna em prontidão.

D'antes activas grandes diligencias
 Artistas Architetos bem fizeram;
 Mas a urna de grandes corpulencias
 Nunca ao corpo levar elles puderão
 Mas Santo bordão tira as competencias
 Sóbe logo: qual Paulo ao Ceo que derão:
 He de gloria colmada esta função
 Qual Casa d'Obdedon pela benção

Isabel na do Ceo graça humilhada
 Prodigios grandes mais ella fazia;
 Esmolas, e penitencia são trilhada
 Estrada lá para o Ceo em cada dia:
 Hum Livro se perdeo que sublimada
 Historia de suas obras descrevia:
 Deos a Isaias pois mandou fechar
 O Livro que aos Povos vai prégar.

Isabel do Convento aumenta as rendas
 Applicando seus proprios cabedaes
 Para ás Virgens Strellas com fazendas,
 Que do Convento contão os Annaes:
 E para lhe evitar depois contendas
 Alfaias ao Convento ella deo taes,
 Que fizera do Santuario ornamento
 Que no Throno de Jehóva tem assento.

De precioso aljofar bordadura
 Da Santa Mãi de Deos ella lhe apronta;
 Para duas Imagens da Mãi pura
 Dos Apostolos outra lhe confronta
 Em prata: e bem desta lhe figura
 Duas Cruzes: huma coral se conta;
 De varios Santos dá os reliquarios
 Do Baptista, Lourenço Santuarios.

Alfim tudo o seu deixa ao Mosteiro;
 Quantos bens quantos tem honra lhe fazem
 A Deos na terra; ás Virgens do Cordeiro;
 Até se deixa a si; e quer s'abrazem
 Ellas Freiras em Christo verdadeiro;
 E com elle em vinculos d'amor cazem:
 Quer que na urna a façção sepultar
 E que nisto a Deos vão bem exultar.

Lá nos valles d'*Ephrom* tal nova Sara
 O Deos d'Abrahão quer fique sepultada;
 Lisia qual Povo *Geth* bem se prepara
 Nos valles de Coimbra amortalhalla:
 O do Ceo alto coro lhe declara
 Ser do Reino Protectora sp'rançada:
 Pois que o seu corpo havia ver-se inteiro
 Nos vindouros Evos em suave cheiro.

Sendo Isabel austera penitente
 Como se fosse grande peccadora
 Aerizolar faz virtude eminente
 Com esmolas na *Seia* destruidora;
 Tudo abraza o terrivel ar mui quente
 Tudo minha sem chuva nutridora:
 Todo o Reino arde em fome atribulado
 Chegão doenças, ó fatal Estado!

Os mortos são dos vivos alimento;
 Animaes de tal specie devoravão;
 Era a fuga p'ra os campos fraco alento,
 Funesta epidemia que lavrava:
 Orações d'Isabel ao alto assento
 Colera suspendem que castigava:
 Havendo soccorido a gram pobreza
 Com soccorro de sua Real riqueza

Segunda vez intenta visitar
 De Tiago o Sepulcro em Compostella
 No anno jubileo que vai ganhar;
 Na primeira vez a grandeza bella
 Vai disfarçada: agora vai fixar
 De Rainha a grandeza com cautela;
 Agora a pé vai com alforge ás costas
 De portas pede smolãs p'ra outras portas.

Volta a Coimbra pela alta mesma estrada
 Este Astro do Celeste Firmamento
 Descrevendo alto giro em *Lattea* dada
 Fazendo *Epyciclo* no Convento:
 Mas novas guerras contra Spanha alçadas
 Moveo seu Filho Rei: faz aposento
 Em *Stremoz*, põe guerra á valente Spanha
 O que toda alta Lisia bem lhe estranha.

Chega a *Stremoz* quando alto Phaetonte
 O raivoso signal de Leão toca;
 Quando *Canicula* tal de Phlegetonte
 Bebe as agoas quentes que Averno choca;
 Então o d'Isabel corpo era a fonte
 De débeis forças que chorar provoca:
 Carbunculo n'hum braço de pouca dura
 Ninho he de cadaver sepultura.

O' Musa, me prepara hum triste Manto
 Rebuça-te ó terra nos véos da noite;
 Azul campo de strellas, mundos tantos
 Scondei vossos Luzeiros, pois afoite
 Em meus fallar eu vou lugubres Cantos;
 O que da morte obrou fatal agoite:
 Da morte vou fallar d'Isabel Santa
 Que deixa a Portugal saudade tanta.

Havendo feito já dois Testamentos,
 Em que nelles mandava dar esmolas
 De somma avultada; que nesses tempos
 Nada havia moedas Hespanholas,
 Ou suas d'Americo rendimento
 Que ás d'hoje dessem alta igual *bitóla*:
 Agora manda dar seis mil cruzados
 Com que bem se cumprirão seus Legados.

Conventos pobres, Igrejas, Cabidos
 Os pobres de mais grave Jerarquia
 Os que por Mouros stavão mui cativos
 Tantas *Livras* tiverão neste dia:
 Dos hospitaes os pobres são vestidos;
 Tudo a seu hospital deixa ella pia;
 E ao seu de que fez Claras Convento
 Deixa joias para a Igreja ornamento.

Trata de receber os Sacramentos,
 Sublima-se Angelica creatura
 A Deos lá em seus Santos pensamentos;
 Rende-lhe graças taes por tal ventura,
 De lhe fazer mercês, e mais portentos;
 Para subir dos Ceos á grande altura
 Acha-se com seu Filho á cabeceira,
 Bons dictames lhe dá por derradeira.

Mas não se tem doença por mortal;
 Os Medicos no tempo s'enganarão;
 Mas como a virtude lhe era essencial
 Os temores da morte a não gravarão:
 Do Justo vê-se a paz no funeral
 Da morte quando as obras o brilhárão:
 Deste máo Ladrão não soube ella a hora
 Mas em vigia está Calisto Flo

E como sua Nora Dona Brites
 Amiga lhe fazia Sociedade
 Sabendo que do Ceo altos convites
 A Isabel erão dados por Deidade,
 Estando ella com outras todas tristes
 Diz-lhe Isabel com santa gravidade
 = Dêm todo o lugar áquella Senhora,
 Pois de nós he Celeste Protectora. =

Mas suspensas lhe ficão no recado
 Ignorando quem era a tal Senhora;
 Isabel a vio só com manto albado
 Vio ser a *Mãe de Deos visitadora*: (14)
 Anjos d'alto Ceo coro sublimado
 As cortinas abri á Protectora:
 Oh altos preamares da ventura
 Que á Lisia tanta deste formosura!

Com tal visita bem fica animada
 Isabel elleuada em seus transportes;
 Não Maria vem p'ra a saude dada,
 Mas p'ra no final dar alentos fortes:
 Sobre o Leito vestida e assentada
 Missa ouve, confessa-se: desta sorte
 Do Leito ó Altar vai ajoelhada;
 De Christo manduca hostia sagrada.

Então hum tal desmaio a affrontou
 Deliquio mortal era hum Correio;
 Mas a tumba vital bem confrontou
 A morte que traçou á vida enleio:
 Torna a si; ao Eterno Padre orou
 Depois a boca dá final bocejo:
 Suspirando na morte em vago giro
 Fôz o último suspiro. (15)

Algumas repetindo vezes d'antes
 As *palavras* com que á Mãe de Deos s'ora ; (16)
 Assim só dias quatro são bastantes
 Para Isabel morrer em boa hora :
 Pelas cadêas d'ouro mui brilhantes
 Os Anjos a entoão por decóra :
 No seu tumulto o corpo põem scondido ;
 A' gloria levão seu sp'rito luzido.

Subindo pelas spheras diamantinas.
 D'altos Ceos estrellados tão luzidos ;
 Por campo azul semeado de boninas
 Lá onde tantos sóes dão coloridos ;
 No Throno de Deos , d'Anjos officina
 Angelica marcha aqui vê sculpido
 De Diniz o semblante , que lhe falla
 Luzido como hum Sol na Etherea sala.

Oh feliz encontro ! oh alma ditosa !
 Não me conheces ? Não , Santa Consorte ?
 Se me conheces vóa pressurosa
 Abraçar-me : oh Celeste feliz sorte !
 Isabel neste encontro venturosa
 Alegre lhe elle diz em hum transporte :
 Teu luzido fulgor te aformosea ,
 As portas Eternaes Deos te franquea

Fomos da massa bárrea hum composto.
 Sp'rito he o que em nós agora vemos ;
 He vulto apparente á alma exposto
 Do que na terra Lisia ambos tivemos :
 Sp'rito somos : em nós s'houve desgosto ,
 Agora neste encontro prazer temos :
 Exercito d'Anjos acompanhando
 Com Divina Orquesta a vão levando.

A Deos até que ambos avassallados
 Diante do Eterno nos vejamos;
 Que em transportes Divinos sublimados
 C'os Anjos a Deos nós gloria façamos;
 E nas azas dos Anjos destinados
 Lá o silvado mundo desprezamos;
 Abrem-se as aureas portas do Tabor,
 Vêm de Deos alta face e resplendor.

Sendo então d'Isabel sabida a morte,
 Que na terra a trombeta voadora
 Do Antartico pranteou té lá o Norte
 A Lisia sente a spada cortadora;
 Pois vulcano lhe afia o fino corte:
 Saudades tem d'Isabel Senhora:
 Mas a dourada Aurora sconde a fronte
 De negra manta cobre o horizonte.

Aberto que então foi seu Testamento,
 Em Stremoz onde a morte a accommetêra;
 Vê-se que por vontade, e mandamento
 Seu Corpo (tão flexivel como cera)
 S'havia ir sepultar ao seu Convento
 No seu tumulo que ella descrevêra:
 Mas da Canicula os férvidos calores
 De podrido indicavão os horrores.

Sendo em Stremoz exequias usuaes
 N'outro dia seguinte á sua morte;
 Do Testamento vêm as Credenciaes:
 A Coimbra mandavão ser transporte:
 Formão-se opiniões nos Tribunaes;
 De ficar em Stremoz há razoes fortes;
 Dizem huns que calores tão intensos
 Corpos mortos farião fedorentos.

Outros que seja o Corpo embalsamado ;
 Ou que na Sé a fossem sepultar ;
 Ou em Stremoz no Claustro consagrado
 A São Francisco , ou junto a seu Altar ;
 Quando já a terra seus ossos branqueados
 Fizesse : vão-se ao tumulo entulhar :
 Outros que se cumprisse o Testamento ,
 E nas Claras de Coimbra fosse assento .

Mas lá o Grande Affonso remontado
 A Era de seus dias milagrosa ;
 E de Lamego o Bispo Frei Salvado
 Testamenteiros d'Isabel gloriosa
 Dos Anjes voto implorão ajustado ;
 Se a marcha p'ra Coimbra era forçosa :
 Affonso ir p'ra Coimbra determina
 O corpo defunto da Mãi heroína .

Não vai levar Jacob porque he verão
 Morta Rachel d'Hebron ao seu tumulo ,
 Em Belem ! Quer d'Affonso o coração
 (Porque da Religião tinha o estímulo)
 Levar a Coimbra a Mãi sem corrupção ;
 Pois de suas virtudes vio o cumulo :
 Da Sposa a corrupção Jacob desviou :
 Affonso inteira a Mãi acreditou .

Nem suas lhe tirárão as entranhas ,
 Como erradamente outros afirmárão ,
 Pois de seu corpo inteireza tamanha
 Quanto he bem natural decénte achárão .
 Nas vezes que se vio e o tacto apanha :
 Pois muitas sido tem o mostrárão :
 Nem se deve inda crer que ella quizesse
 Que a ellas o Conyento as não tivesse

O Rei n'hum caixão bem incluir manda
 De sua Mãi cadaver Regio e Santo
 Amortalhada em forma veneranda
 Com finos panos taes de linho branco
 Mui bem involto n'huma colcha branda
 De grosso pano tal de linho he quanto,
 Estes cobrem de seu Corpo involtorios
 He pois este o costume dos mortuorios.

Huma colcha de branco algodão
 Ligando bem em torno c'huma corda
 O Santo cadaver; põem-se em caixão;
 Então o grande Rei bem se recorda
 De que hum coiro de boi fosse prizão,
 Que o Ataude ligásse bem por borda:
 Sobre elle se põem da Santa o bordão
 E a *moleta* da Celeste Mão.

Huma bolsa se põem sobre a moleta,
 O que hum pano Real vermelho cobre,
 Logo que Ataude s'entre as andas metta,
 Hum panno carmezim se lhe põem nobre;
 Parte logo p'ra Coimbra qual Cometa
 Luminosas faiscas nos descobre;
 Vê-se por toda a estrada muita gente
 Louvando tanto a Deos Omnipotente.

Tocar pertendem lá no Ataude;
 As cordas p'ra reliquias vão guardando:
 Pois ella das esmolás, e da saude,
 Dos pobres he soccorro venerando:
 Como os homens olhavão á virtude
 Suas Mãos ao Caixão ião alçando:
 Então as taboas taes se desconcertão;
 Licores cahem lá que a Fé despertão.

Do Corpo pensão isto podridão ;
 Mas o tal suave cheiro agradável
 Tão pasmosa causou admiração ,
 Que logo lhe lembrou virtude amavel :
 Os proximos tem cheiro em profusão ;
 Nos distantes suave era estimavel :
 Aqui *Leviatão* horrendo e bravo
 Spumando 'gira no Acheronte Lago.

Todas as Furias bramem do inferno
 Então raivoso Rei Plutão gritou ;
 Alto ! Marche já a Coimbra todo o Averno ;
 Se pois Isabel lá s'enterrou ,
 Lisia fará damno sempiterno :
 = As Eumenides vão : elle recitou
 Sepulsem o caixão do mar no centro ;
 Ou o tragão do Inferno cá p'ra dentro.

Sahe do inferno toda á patrulha ardente
 Mui denodadamente arrebatada
 De fogo em turbilhões mui pestillente
 Pensamentos subtis pondo na strada ;
 P'ra que deixassem tal caixão luzente
 Onde se consumisse a carne amada :
 Mas tudo isto só dá em fantezia
 Pois era a Mãi de Deos a sua guia.

Celestemente Affonso encaminhado ,
 Qual columna de nuvem no Deserto
 Lembra que o licor era do Ceo dado ,
 Marcha á pressa alto Rei a Coimbra perto ;
 A Santa Arca em seguro Regio stado
 Depositar : vai no Sepulcro aberto :
 Por beijos de metal Dama ligeira
 Altos écos pregôa lisongeira.

Tal era do concurso a populaça;
 Fidalgos e mais Nobres Cavalleiros,
 Que para elles era a via escaça,
 De juntos Coimbrões erão chuveiros,
 Que querião bem vêr do Ceo a graça;
 Pois a Coimbra deo este luzeiro:
 Custa metter-se o caixão na Igreja
 Pois o virtuoso Povo entrar adeja.

No *seguinte dia* ao seu Funeral; (17)
 A que assistio Affonso enternecido;
 Então grande milagre houve Real
 Do Deos dos Reis por Isabel havido:
 Huma Freira entrévada em geral
 Orando a Isabel saude ha tido:
 Ah de virtudes máres tão profundos
 Só Mappas te podião ser dois mundos!

Levantão o Ataude, e o conduzirão
 Ao sepulcro que stá para morada
 C'o licor suas mãos cheirosas virão
 Que sahia da caixa mal pregada;
 Oh que aroma Celeste em lenços rirão
 Que cheiro a tumba dá divinizada!
 Cesse tudo quanto alta Lyra canta
 Que em Coimbra nova tal a mais encanta.

Ellevada em prazer Coimbram gente
 As Claras c'o milagre extasiadas;
 Perolas de seus olhos vêm na fronte
 Com lagrimas se mostrão admiradas:
 Tocar querião caixão com fé ardente
 Pois vião sua Mestra amortalhada:
 Isabel Cherubim Propiciatorio
 Enchente de graças do Consistorio;

Concedida foi sua petição ;
 Por algum tempo virão e tocarão
 O Santo Corpo em terna submissão ;
 Do Ceo o Thesouro á pressa olhárão ;
 Constança que Freira he com promptidão
 Os pés lhe beija , e logo lhe sarárão
 Os beijos , que lhe hum cancro consumia :
 Constança , Fé constante ! Feliz dia !

Em soluços lhe fica a saudade ;
 Nos gemidos as Freiras soluçando
 Carinhosos dão ais á Divindade ;
 Qual mais lagrimas tem mais vai penando ;
 Cada lagrima d'alma he entidade ;
 Quem mais chora mais n'alma vai cortando ;
 Por cadêas d'ouro que lhe enlaçarão
 Ellas e'os Anjos ao tumulo a levarão.

Fica neste Padrão Isabel occulta ,
 Mas dos Povos n'alma representada ;
 Dos pobres smoler era o *non plus ultra* ,
 Pois era p'ra os afflictos advogada ;
 E della a Portugal gloria resulta :
 Oh pedra immortal Divinizada !
 Marmore , em ti devotos corações ;
 Com rogos farão ternas petições.

No concurso da gente apressurada
 Fernão Steves de Coimbra Cidadão
 P'ra dar fórma á gente na entrada
 Põem nas andas hum pé com promptidão ;
 Faz-lhe cruenta o pé huma picada ;
 Alto roga a Isabel e fica são :
 D'Arca vós Cherubins vinde incensar
 Hum corpo que Deos quer recompensar.

A quatro cegos vista he restaurada ;
 Demonios sete hum homem tem vexado ;
 Fica livre o possesso da pousada
 Acclama alto Ceo Povo abençoado :
 Christo a cegos deo vista desejada ;
 Os possessos livrou mortificados :
 Soárão d'Isabel obras virtuosas
 Onde Annaes tecem palmas gloriosas.

Hum pedio lhe tirasse da garganta
 Sanguexuga ; folgar pois não podia ;
 Outro com outro obstaculo tem tanta
 Dúvida em engolir , que amortecia :
 Annos hum prezo quatro ; clama á Santa
 E todos livres stáo ; Santa alegria !
 Largos annos da Mãi ; Filho distante ;
 Isabel lhe põem de si adiante.

D'Ordem de Christo hum Mestre entra orando
 E duas do Convento Religiosas ;
 Elle d'hum braço enfermo embaraçando.
 Seus movimentos ; ellas anciosas
 Da saude d'hum olho ; a mão alçando
 Supplicas a Isabel mui fervorosas :
 A' Santa agradecidas exaltarão
 Ao Coro dos Anjos entoárão.

De Céllas huma velha Religiosa ,
 Que supplica a Isabel já entrevada ,
 Em sonhos ella diz-lhe piedosa
 = Ao Coro tu bem vai na Matinada =
 A velha se levanta muito airosa ;
 No Coro a voz retumba sublimada :
 Mulheres *nútrices* de leite faltas (18)
 A Isabel orão ; vem-lhe marés altas.

A velha d'annos lá treze setenta
 De leite á fome o Neto lhe morria ;
 Bate no sepulcro muito attenta ;
 Pede-lhe leite ; e logo o correr via :
 Huma mulher que tem a mão doente
 Põem ligadura , que a Isabel servia :
 Logo da mão lhe falta hum lobinho
 Que della lhe estorvava o seu alinho.

D'hum andaime alto cahe do refeitorio
 Hum Mestre Carpinteiro trabalhando ;
 Rompe-se o taboado do zimbório ;
 Clama a Isabel n'alto ar virando :
 As rotas taboas vem do tormentorio ;
 O homem fica são a Deos louvando :
 A moribunda afflicta tem saude
 Pondo-lhe o cobertor do Ataude.

Gaspar da Gama antigo Quartanario
 Em tres noites sonhou haver melhora ;
 Do cobertor reliquia põem precario
 Então saude alcança sem demora ;
 Vê-se de João Brandão o vestuario
 D'almofada dos enfermos , que implora ;
 D'humas antigas dôres o livrou
 Com que gloria a Isabel bem publicou.

A Guiomar Correa sangue sahia
 Dos peitos em lugar do branco leite ;
 Seu Filho criar ella não podia ,
 Recorre a Isabel e lhe he acceite
 Sua Oração ; e leite lhe corria
 Oh Celeste convite ! Alto deleite !
 Guiomar n'ardente fragoa que exhalava
 De lagrimas diluvios bem soltava.

Antonia Fernandes a tartamuda
 Pouco ella pela falla se entendia ;
 Já na meninice o folgo engruda
 Ao tumulo vai com Fé por guia ;
 Pede-lhe ; e logo fica a falla aguda
 Pasma o Povo ; e já rompe em alegria :
 Mudos Divino Medico curava
 Por elle bem Isabel o imitava.

Cinco annos bem soffreo Padre Coutinho
 Hum tumor no sováco grande e duro ;
 Temia que tomasse outro caminho
 Interno ao peito quando bem maduro :
 Pede a Isabel afflicto o doentinho ;
 Rehenta de repente sem ter furo :
 Anna Arez tabardilho bem livrou
 Cobertor, e almofada ella acclamou.

Maria Francisca he pobre paizana ;
 P'ra criar seu menino leite falta ;
 Queima-lhe hum Surgião veia, que mana
 O nutriente leite, que lhe esmalta
 Do lindo filho linda filagrana ;
 De criar filho perde a speranza alta :
 Toma o bento licor que dão as Freiras
 Em gorgolhões de leite vem carreitas.

Certo Mattheus Carvalho Estudante ;
 Que já lá de meaino asmatico era ,
 Huma feliz Novena supplicante
 Submisso faz ao Tumulo que venera :
 Manoel da Gama hum cirio mui brilhante
 Manda á Isabel : pede hum filho que espera :
 Ambos logo se vem mui bem servidos
 Elevando-se a Deos agradecidos.

D'asma doente stava Anna da Gama,
 Devota triste vai á Sepultura;
 Por baixo do Padrão passa, e chama
 A Isabel; ora, grita, tem ventura;
 Com saude fica, milagre aclama;
 Da virtude os troféos no ar pendura:
 Plancha do Tabernaculo que sustenta
 Com virtudes o que a Igreja ostenta.

Olympia dos Anjos Religiosa
 No rosto ha huns annos tumor tinha;
 A cancro avançar era perigosa
 Queixa, que para a morte s'encaminha:
 Onze vezes ao Tumulo vai chorosa;
 No fim delles tumor se desalinha:
 As Freiras sonoras Canções entoão
 Nos coros, e claustros milagres soão.

De verrugas Francisca de Góes lesa
 Nas mãos varios cardumes não podia
 Os dedos manejar: vai lá e reza
 Onze vezes: cárdume já não via
 Ignez d'Almeida tal que muito préza
 Hum lindo rapazinho, que ella cria;
 Doente perde falla; falta o leite
 A súplica a Isabel foi bem accete.

Busca d'Ignez marido diligente,
 Que seu charo filhinho lhe aleitasse,
 Com fé em Isabel espera reverente
 O que bem alto Ceo determinasse:
 De noite hum clarão faz-lhe bem patente
 A' Mãe, e ó tenro filho que a mamasse:
 Agonizada Ignez amortecida
 Hum celeste suspiro te deo vida.

Dona Joanna de Mello era Abbadeça
 Das Benedictas Freiras em Semide;
 Temem que moribunda lhe faleça
 Quem tambem as governa e bem preside:
 Hum cofre das reliquias na cabeça
 Dá-lhe saude; e logo se decide:
 Na cella sente-se hum suave cheiro
 Que era do cofre só alto Porteiro.

Dona Luiza Pestrella afidalgada
 Pondo o colar sagrado em seu pescoço
 C'hum fluxo de sangue já cançada;
 Pára-lhe: tudo grita em alvoroço:
 Magdalena Rodrigues depauperada
 De leite p'ra o menino criar moço
 Dois Padrões milagrosos são da Fama
 Que as leves azas giráo d'alta Dama.

Sanguexuga atrevida s'intromete
 Por semanas cinco n'altra garganta
 Do Ministro Thomé; e lhe accommette
 O folgo; então a vida lh'ataranta;
 Na Missa ora a Isabel e lhe merece
 Em sonhos lhe fazer milagre a Santa:
 Hum doido que stava mui furioso
 Debaixo do tumulo fica glorioso.

Cégo fica hum que dôres d'olhos tinha;
 Clara a vista elle alcança de repente,
 Pois elle recorre a Isabel Rainha:
 Filippa Nunes gota coral sente
 Pedindo saude; ella se lhe alinha:
 Anna Marques da peste strá doente,
 Com azeite d'alampada he untada;
 Vence a peste que então era damnada,

O Padre Luiz Pinheiro Jesuita
 No rosto hum tumor stava padecendo ;
 Vai dizer Missa , tumulo visita ,
 Unta-se c'õ azeite ; e logo vendo
 Desfazer-se o tumor ; cousa bendita !
 No seguinte dia já não havendo :
 Jorge Dias alporcas elle untava
 Com azeite e por ^{fe} logo as sarava.

A Soares Martim que tinhoso era
 C'õ azeite á cabeça faz unturas ;
 Maravilhas raras a quem pondera
 Estas são milagrosas altas curas :
 Nas verrugas azeite recupera
 A saude a hum que tinha fenduras :
 De Coimbra o Illustre João Brandão
 C'õ azeite hum tumor tira da Mão.

Guiomar Sp'rito Santo Religiosa
 Accidentes inteiro hum mez soffrendo ,
 Ao Sepulcro huma offerta fervorosa
 Lhe promette ; accidentes mais não tendo :
 No mesmo dia da *Oblata* amorosa
 Para sempre lhe cessa o mal horrendo :
 O mesmo outras Freiras então fizerão ,
 Pois que hetico contagio então tiverão.

Anna da Ressurreição moribunda
 Promette a cera branca ser pezada ,
 Se escapásse do mal e barafunda
 De perigosos symptomas atacada :
 Escapa : saude logo lhe redunda ;
 C'õs milagres fica a gente admirada :
 Outros mais exemplos tão milagrosos
 Os Annaes d'Isabel contão gloticosos,

A Madre Catharina da Trindade
 Em Lamêgo no Claustro da Ribeira
 De grande altura cahe com brevidade;
 A Isabel ella grita na carreira;
 Fica em baixo illésa sem maldade;
 Acclama-se o milagre nesta Freira:
 Oh Pomba que da culpa stás isenta
 Nos buracos da pedra te aposita.

Em fim tantos são altos pregoeiros
 De outros milagres taes d'Isabel Santa;
 Quantos sim até nós diz trombeteiro
 Órgão da Dama tal que os ares spanta
 Penitencias, milagres verdadeiros
 Soffrimentos, Isabel tudo encanta:
 Nardo, junco, açafraão, e cinamomo
 Tu és da Igreja nova hum claro pomo.

A Dona Abbadeça pensa em trespásse
 Determina lá as Freiras, da-lhe Aviso,
 Que de Julho a quatro se offerlasse
 De Isabel no sepulcro Paraizo;
 Que Vesperas, e Missa lhe cantassem:
 A Dona mostra nisto haver juizo:
 As Freiras livres ficão do contagio,
 Que da morte lhe dava máo pressagio.

O inferno se armou contra a Abbadeça;
 Plutão chamando os seus a Consistorio
 O *cerbero* abre as portas c'ò a cabeça
 As *Eumenides* com fogo adustorio
 Querem que nunca á Dona s'obedeça:
 Sahe o Cruel Monarca revulsorio,
 Nos olhos iras vibra vai mordendo,
 Na boca spuma tráz dentes rangendo:

Chega o negro Congresso pavoroso
 De furias bravas feras monstros feios;
 Todos *Convento* cercão venturoso;
 Raivas desenfreião de seus seios;
 Infernal officina, Pluto iroso
 Que puzerão em campo seus enleios:
 Das *Sacras Claras* coro baqueava
 C'os fumos que o inferno vomitava

A pavorosa Coimbra s'estremece
 C'os stupendos bramidos do profundo;
 Todo o Báratro aqui negro apparece;
 Desengonça-se a Machina do Mundo;
 Stremecerem seus pólos bem parece:
 Da horrenda boca tal do Pluto immundo
 Sahe a voz que á Abbadeça põem embargos;
 Pois taes obrigações não tem seus cargos.

Dizia mais o Rei Monstro embargante,
 Que a Isabel cantar Missa não podião;
 Não star canonizada era constante;
 E que assim crimes grandes commettião
 Se Vesperas e Missa fossem a vante,
 Lá no seu Reino horrendo o pagarião:
 A isto os Dragões, Furias horrorosas
 Applaudirão com vistas espantosas.

Mas Guiomar Abbadeça celebrada,
 Que nos altos Ceos punha sua speranza,
 Que a Isabel Santa stá sacrificada,
 A Claustro convoca as da Governança:
 A turba das *Vestaes* vai denodada
 Todas a Isabel firmão perseverança:
 Canta-se Missa a quatro do tal Julho
 P'ra a Báratro se manda o vil barulho;

O Rei Plutão com toda a sua escolta
 De Furias, de Dragões vai abaixando
 Aos Lagos de Cocytó em varia volta;
 Com bérros todo o inferno atroando;
 Em sustos a Guiomar fica involta;
 As Virgens a Isabel ficão orando:
 Aves sonoras quaes Canções entoão
 Pois que dos Ceos as Auras bem lhe sôão.

Já cento e oitenta annos se passarão
 Praticando-se a tal solemnidade;
 Pois que sempre estas Freiras considerarão
 Estava Isabel na Santa Eternidade:
 Então ao Rei Manoel bem lhe lembrarão
 Virtudes d'Isabel de Santidade:
 Ao Santo Papa Leão Decimo pede
 Beatizar Isabel, e lho concede.

Em mil quinhentos seis contados annos,
 Attendendo o Papa ás obras virtuosas
 D'Isabel com milagres Soberanos,
 Letras concede a Coimbra venturosas,
 Em que seus beatiza Santos planos;
 Indulgencias alcançou derradeiro,
 Para Coimbra he só beatificada,
 Com tal penhor Coimbra he exaltada.

Chega o tempo do Rei João terceiro
 Onde, o Breve pois diz, Corte stivesse;
 Indulgencias concede a quem Romeiro
 N'huns taes dias visitas lhe fizesse:
 Paulo quarto por fim Papa pregoeiro
 Manda que seu dia *Festo* se houvesse;
 Suas Imagens fossem veneradas
 Como as dos Santos já canonizadas.

Dos tempos no andar Rei Sebastião;
 Que em Celestes coragens inflammado
 Forte imitou Hercules amphitreão;
 Este Portuguez, qual Anjo abrazado,
 Este de Portugal forte Gerião,
 D'alta Avó nas virtudes bem fundado
 D'Isabel zela a canonização
 Com súplicas d'interna devoção.

Mas sua triste morte prematura
 Nos campos de Mourama lhe impedio
 Lograr elle esta tão alta ventura;
 Mas Filippe terceiro a conseguiu;
 Do Papa Paulo quinto com doçura;
 Esta o Ceo ventura lhe permittio:
 O clarão d'alta Aurora a boca abrindo.
 Com sorriso brotou hum dia lindo.

Os Procéssos se formão para esta Obra;
 E os Bispos de Coimbra, e de Leiria
 Do Paço hum Pinto Vaz muito lhe sobra
 P'ra julgar d'Isabel a vida pia;
 E logo a Roma vai sua manobra
 Nos milagres, jejuns de cada dia
 Nos cilicios, trabalhos já contados
 Desde a vida té morte tolerados.

João pelas Regiões dos vagos ventos
 Os écos em Coimbra verdadeiros,
 Que o corpo d'Isabel aos Elementos
 Resistíra; e que estava inda inteiro:
 Lembrão-se dos passados já commentos
 Vindo de Estremoz com suave cheiro;
 Pois não se corrompendo em nono dia
 Muitos annos o Ceo lhe dar podia.

Animava tal voz aos tres Varões;
 Resolvem-se tal corpo examinar
 P'ra isto se vêr chamão-se Doutores,
 Sequazes d'Academia; vão mirar
 Do feliz Portugal Santos Padrões
 Para o corpo não podre averiguar:
 Foi isto em doze mais mil e seiscentos
 Morrendo ha quarenta e hum com mais trezentos.

Vão os tres á Igreja c'outros mais
 Que na Nota descrevo mencionados;
 Abrem desta Santa Arca seus Annaes,
 Achão tumulo com bustos declarados
 Mais em pedra dourada letras taes
 Na parede outros víráo bem gravados
 Que do tempo as azas lhe augmentarão,
 Com que devotas Freiras ampliárão. (19)

Vem logo hum Arquitecto com mais outros
 Do sepulcro a pedra levantárão
 O panno carmesim vê-se com estoutros;
 Couro de boi, moleta, que mirárão
 Panno, bolsa, bordão, e aqueloutros
 Trastes lá d'Estremoz: daquella éra
 Abre o Ataude hum Santo Jesuita
 Então hum suave cheiro bem se fita. (20)

Celeste suave cheiro sem aromas,
 Com que seu corpo lá s'embalsamasse;
 Donde efluvios vem de tantas sommas,
 Que tantos annos ha se conservasse?
 Que vozes senti taes do Ceo diplomas
 Como no Altar Mór a visitasse! (21)
 Onde antes da tal *invasão* Franceza
 Cadaver se adórqu com Fé acceza.

Na Igreja não ardeo cousa cheirosa
 Antes desta abertura huns quinze dias ;
 Isto prova do Ceo força pod'rosa ;
 Holocausto que a Deos faz Santo Elias
 Com agoa mostrou victima fogosa ,
 Mas o Ceo logo fogo lhe accendia :
 Das vinhas lá de *Engade* cheirão cachos
 Cheiro colhem d'alfena nos penachos.

Tirada d'Ataude sup'rior taboa ,
 Hum corpo humano s'observa envolvido
 Na colcha d'algodão : ditosa fragoa ,
 Onde s'accende a Fé , firma o ouvido ;
 De linho o pano , e corda movem magoa
 Pois tantos annos ha que foi mettido :
 A vista não lhe nota differença
 Apezar destes annos de detença.

Abaixo outra se vê colcha pequena ,
 Depois de linho mostrão-se as mortalhas ;
 Divino rosto isento de gangrena
 Do Ceo alto clarão mostra a medalha ;
 Pintão os Anjos qual viva esta Scena
 Cabello natural que bem se espalha :
 Testa , nariz , e olhos , e orelhas
 Pescoço , tudo inteiro , sobranceilhas.

Braço direito sobre o peito stava ;
 Nelle se vião nervos e mais veias ;
 No Estado natural se divisavão :
 Ah Lisia quanto o Ceo te banquetea ;
 E quanto os altos Coros festejayão !
 Porticos cherubinos te o Ceo franquêa :
 Mirra nos destillão teus dedos puros ;
 D'aromas em ti Ceo fabrica muros.

Nunc dimitis então cantão as Freiras,
 Vendo toda a função por hum espelho,
 Que nos reflexos dava bem inteiras
 Milagrosas pinturas do aparelho:
 Deste corpo que tal vista primeira
 Se funda pelos ditos do Conselho:
 Neste marmore se vê eternizada
 A que stá no Ceo Bemaventurada.

Deo-se por acabada a vestoria;
 Os Commissarios, mais o Consistorio
 Cheios da mais plausivel alegria
 O Santo corpo põem nos involtorios;
 Accrescentão-lhe só por galhardia
 Hum pano d'Hollanda por offertorio:
 Reliquias dos despojos forão dadas
 Pelo Bispo as taes Freiras inflammadas.

Parte por ellas foi bem repartida
 Da bolsa, e do bordão hum grão pedaço
 A Filippe terceiro foi rendida;
 Rei que bem trabalhou com peito d'aço
 P'ra Isabel ser por Santa esclarecida:
 Nisto Filippe quarto tem canção
 Com Pontifices tres trabalha o ponto;
 O Procéssq se vê; abisma o conto.

Mas assim mesmo o Papa Urbano Oitavo
 Se não resolve á canonização;
 Mas súpplicas do Rei que julga agravo
 D'Isabel; Retrato d'estimação
 Lhe envia, qual dos Anjos alinhavo:
 Urbano vê de noite n'hum clarão
 O Retrato; e Isabel mesmò lhe falla,
 Que Deos queria nos Santos alistalla.

N'outro dia seguinte o Papa manda
 Chamar da Regia causa o seu agente ;
 Declara-lhe o prodigio ; então desanda
 Levado em pensamento ao Ceo contente
 De doença perigosa que demanda
 Avida ; e ella o sara brevemente :
 Aureas alcatifas lhe suplantou
 Com que nos Altares a abrilhantou.

A canonização resolve o Papa
 Dos processos movido da visão ,
 Das reliquias milagre grande Mappa
 Manifesta aos Agentes permissão ;
 Ao Rei logo avisa e lho relata ;
 A Coimbra , a Aragão dá Provisão :
 Quem esta he que do mundo no Deserto
 Thymiamas accende de tão perto. ?

Neste tempo Castella governava
 Com Sceptro a Portugal escravizado ;
 Huma e outra Nação mais bem stimava
 Ver d'Isabel Altar enthronizado ;
 Lisia vio a Rainha que adorava ,
 Iberia d'huma Infanta o Santo Estado :
 Fonte que dos pomares corre franca
 Do Libano Monte por vias tantas.

Então de Coimbra o Bispo Dom Affonso ,
 Que de Castello Branco era nomeado ;
 Ramo de Cherubins Celeste tronco ,
 Nas Laudes d'Isabel Santa inflammado ,
 Deste negocio tal se faz responso
 E nos Lisios Annaes vai celebrado :
 Hum polido caixão , lavrada prata
 De special pedraria á Santa *Oblata*

Transparente crystal tem as vidraças
 Para nelle, se por então mudado
 Vivo cadaver em carnea massa;
 P'ra o Povo bem o ver amortalhado,
 E p'ra que do Bispo se vissem graças
 Hum decente vestido lhe foi dado:
 Hum cordão de crystal mui transparente
 De tela em almofada seja assente.

Do Papa elle alcançou ampla licença
 P'ra do tumulo o corpo se mudar
 A este caixão rico sem detença;
 Que se fossem as Freiras exhortar
 P'ra esta pomposa muda com reverencia;
 Para a Fé em Isabel se confortar:
 Cruzados vinte mil custa o caixão,
 Para star corpo tal sem corrupção.

E como este nem sempre star patente
 Devia; outro fez d'aurea madeira
 Forrado de setim mui refulgente,
 Bordado d'ouro, aljofres de maneira,
 Que bem se possa vêr por toda a gente;
 Pois que as vidraças dão a vista inteira:
 Hum grande cobertor d'alto brocado
 Cobrio este caixão bem ordenado.

Das Freiras bem defronte e mais do Povo
 Na parede hum grande arco fazer manda,
 Sem que a vista devota tenha estorvo
 P'ra do Coro se vêr por huma banda;
 E da outra o milagre veção novo
 Da Epistola o lado assim demanda:
 E o Bispo manda hum dia fixar
 Para se corpo Santo trasladar.

Pelo Reino a noticia faz girar
 Deste tal dia Bemaventurado;
 Mas a cortante Parca vai tirar
 Seus fios, em que a vida stá fundada;
 Huma mortal doença o fez brilhar
 Na Beata visão doce morada:
 Do Libano os frondosos cedros altos
 A Isabel venhão dar outros esmalto.

O Agente Miguel Dias Peteira
 Em Roma logo manda preparar
 P'ra a canonização obras pregoeiras;
 Então Jubileo Santo vem passar
 E o grande Concurso talvez queira
 As Festas a Isabel ir vêr cantar:
 Benini Cavalheiro s'encarrega
 Do Plano das obras, nellas s'emprega.

Hum Theatro se faz no Vaticano,
 Que desse tempo excede a sabia Arte,
 Onde o Grão Consistorio Soberano
 Estivesse qual forte baluarte;
 O primor d'obra *Jonica* era o plano
 Na nave que a Igreja bem reparte:
 Desde as pilastras té alto zimborio
 Setenta palmos contém Promontorio.

Folhagens bem diversas ha nos frisos,
 E sobre cornijas muitos balaustres,
 Pois p'ra castiçaes pôr erão precisos:
 Quatro coros se formão com seus lustres
 Para Principaes Titulos luzidos
 Embaixadores, Nobres, e Illustrès:
 Cerca-se o Pedestal com altas grades
 P'ra scudos das Cardeaes Dignidades.

No meio deste magnifico Theatro,
 Onde d'Urbano Papa o Throno stava,
 Alta cornija faz amphiteatro;
 Frontespicio redondo que brilhava
 Do Papa pinta as Armas alto Quadro;
 Tudo Sob'rana Pompa respirava:
 Statuas da Trombeteira Dama havião
 Que as Armas d'Aragão e Lisia abrião.

Entre as columnas statuas dos passados
 Quatorze grandes Reis dos Portuguezes
 E as Armas dos Reis tinhão riscados
 De perfís de fino ouro varias vezes
 Todo o corpo do Theatro tem dourados
 Que muitas bem denotão solidez
 Columnas, candieiros, bazes, frizos.
 Baluartes, pilastres, spaços lisos

O branco, e fino marmore fingido
 Toda a fabrica mais representava;
 Huns cinco quadros ha que tem sculpidos
 D'Isabel os milagres que ella dava:
 Nos arcos da capella stão luzidos
 Pendentés diademas, que brilhavão:
 Só em descrever tão sublime historia
 De fogo s'enche o peito, alma de gloria.

Rodava o carro d'ouro refulgente
 Sobre os *Gemeos* que nutre o Ceo strellado;
 Chegando-se á baliza d'*area* ardente
 C'o caranguejo arrosta avermelhado:
 Vinte e cinco de Maio florecente
 Dia que pelo Papa stava dado:
 Por bocas de carmim toldada Aurora
 Com boninas s'adorna Isabel Flora,

Então dos Cardeaes Sacro Collegio
 Com Bispos, Arcebispos bem ornados
 Vem c'ò Papa Urbano Varão Egregio,
 Na Capella cantão hýmnos propriados
 Celebrando de Lisia o privilegio
 Nos favores do Ceo tão exaltados:
 Huma Procissão grande se celebra
 Toda a Roma nos canticos requebra.

A Musica sonoros écos dava
 Pelas Praças de Roma e seus Terreiros;
 D'Orpheu, e d'Arião nada faltava
 Dos instrumentos d'ar tão pregoeiros;
 Acaba a Procissão que demandava
 N'Altar ouvir-se *Orate* derradeiro:
 Todas as Ceremonias, Orações
 Dizem Santa Isabel nos corações.

O Papa canoniza Isabel Santa
 No Santuario da Gloria a considera;
 A Coimbra se manda nova tanta
 Por Theodosio Duque que s'esméra:
 Filippe quarto com prazer s'encanta
 De Coimbra avisa a Camera que impera:
 As Freiras exultão em alegrias
 Repicão sinos, cantão melodias.

Mas *Linces* infernaes do Acheronte
 De medonhas carrancas revestidos
 C'os olhos de Vulcano e de seus Brontes
 Flamejando-lhe a vista com bramidos
 No throno de Plutão instão defronte;
 Gritão e altos fazem estampidos:
Oh tu dos Entes Magno Creador,
Não dês á Lisia este Astro brilhador.

De seus vícios a linha deixa ir
 Onde lhe de prazeres turbilhão
 Os conduza; e mais não possam surgir;
 As portas lá d'inferno pois então
 Para seu abrigo eu farei abrir:
 Cala d'Isabel canonização;
 A multidão *Jehóva* então verás
 D'almas perdidas tu que admirarás.

Mas de Lisia o Senhor compadecido
 Sustentando d'Ourique o pacto feito,
 E a Divina Mãe com seu gemido,
 Qual *Esther* d'Assuero ao lado direito,
 Arrostão com Plutão enfurecido;
 Das infernaes moradas toma o leito:
 Oh! Feliz Portugal ditoso ficas
 Tu súplicas ó Ceo livre dedicas.

Ah! feliz Coimbra *Cidade ridente*,
 Luzida Çarça, Horeb incombustivel,
 Luminarias te vestem, Monte ardente
 Que feliz dia! Que Aurora apprazivel
 Toucada viste d'ouro em teu Nascente!
 D'Isabel logra o tumulto apprazivel:
 Jerusalem do cerco livre fica
 Pois David seu sepulcro lhe dedica.

Logo que as frechas d'aura luminosa
 Dourarão seu matutino horizonte;
 Logo que o Sol vêr deixa a face airosa,
 E d'aureo rosicler tingir o Monte;
 Soa por toda a Coimbra magestosa
 Da Fama a Clarineta em leda frente;
 Nos Collegios, e Se, Universidade,
 Repiques, luminarias na Cidade.

As Festas fazer vão mais avultadas
 Bispo, Universidade, alta Coimbra;
 Filippe quarto em Madrid assignadas:
 P'ra a historia cantar mais bella e linda
 De todas darei notas brilhantadas,
 Com que bem d'Isabel celebre a vinda:
 Presta-me tu Euclides teu compasso
 Para certo riscar obras que eu traço.

De Dom João Manoel sábia cabeça
 A Mitra de Coimbra sustentava;
 E p'ra que em Lisia mais nos resplandeça,
 Arcebispo depois Vice-Rei acaba;
 Como o sangue Real o ennobreça
 A' sua custa só ás Freiras dava;
 Qual de Phrigia o *Midas* oppulento
 Tudo verte em ouro p'ra luzimento.

Lucidos Amphiteatros construo,
 P'ra o que mais de dois mezes gastou;
 Hum quadrado d'altura tal surgio,
 Que duzentos oitenta ostentou
 Palmos; e nisto o Povo s'attrahio,
 E sua devoção mais requintou:
 Isto de S. Clara no Rocio
 A par do Miradouro junto ao Rio.

De perspectiva igual tinha os palanques
 Em Arcos Magestosos ordenados,
 Pilares, pedestaes, tudo desbanques,
 Estrados e mais frisos tudo ornados
 Formados em squadria relevantes;
 Cada palanque tem andares dados
 P'ra tudo s'avistar; repartimentos,
 Balaustes, pilares erão centos.

Os frisos, balaustes, e pilares
 Desta qual foi de Memphis maravilha,
 Tantos no Egypto lá que teve altares
 Em toda a Coimbra resplandece e brilha:
 As cores huns rivaes são exemplares
 Das que ensinou d'Apelles a cartilha:
 Marmores variegados denotavão
 Com que o Amphiteatro abrilhantavão.

De soberbas pyramides corôa
 Nesta Machina punha-lhe o Prospecto;
 Huma maior que a fama lh'apregoa
 Com palmos oitenta p'ra o azul tecto;
 N'huma base de quadro a Fama vôa
 Quanto diz Senhor Mitrado Architecto:
 Da base hum pedestal Corinthio alça
 Quatro carões de prata que realça.

Huma grande sphaera lá n'alta ponta
 Da pyramide grande com bandeira
 De Isabel muito bem se lhe confronta,
 A Cruz de Christo aqui por derradeira
 De gloria c'roava o que a Fama conta
 Em Portugal, Spanha, n'Europa inteira:
 Pyramides d'Egypto em funeraes;
 Em Coimbra trophéos são d'Armas Reaes.

Das Claras Reverendas a Igreja
 Mui reverente foi bem adornada;
 Ouro e prata aqui tudo flameja
 Sol, Lua, e metaes lhe dão fachada;
 Com télas, com brocados lampadeja:
 As Freiras tudo enfeitão d'alvorada:
 Alegres stão do Pindo as Divindades
 No Convento a mirar Festividades.

Quando do Seraphim chagado canta
 A Igreja seu vô remontado,
 Foi o Bispo em Procissão vêr a Atlanta
 Virtuosa, com Cabido acompanhado;
 Vesperas cantáo só em Festa tanta;
 Depois Pontifical he celebrado:
 Nos outros dias cada Religiáo
 O mesmo praticava c'hum sêrmáo:

Os dias em Festins gastava a gente,
 Comedias, Letras novas, Entremezes
 Discretos versos, Lacio refulgente
 Repetidas em muitos dias vezes;
 N'Amphiteatro Comedia reluzente
 Pela primeira vez attrahe cortezes:
 Nas fugitivas azas d'alegria
 Voava o tempo, era pequeno o dia.

Na tarde seguinte houve outra Comedia,
 Qual de Roma luzio Amphiteatro;
 Os bravissimos touros dão tragedia
 Das pyramides grãos formáo Theatro:
 As trompas, atabales, charamelias
 Medonhos écos sóta o gráo Barátro:
 Toureiros de cavallo Cortezões
 E de pé toureaváo Cidadões.

Já soberbo cavallo arrogante,
 Pégazo do Parnazo que voava,
 Azas nos pés denota mui brilhante,
 Com seus jaêzes d'ouro s'enfeitava
 O sábio Cavalleiro dominante:
 As mãos nas cilhas dar o obrigava
 Com 'spumoso ardor, airosa frente,
 C'oas mãos fére a terra de repente.

Em giros vagueando o Grão Terreiro
 Capitel emplumado, Pompá airosa ;
 Em cortezes requebros mensageiro,
 A vista no Theatro põem gloriosa ;
 Tres vezes o cavallo bate arteiro,
 Tres vezes volta atrás ; volta briosa
 Qual undoso baixel em *vaisvens* indo,
 Que as ondas cortez vai bem dividindo.

Outros mais Cavalleiros o seguirão
 Com agudos rojões fortificados,
 Que encravados no peito touros f'rião,
 Outros da forte spada crão cortados ;
 Erão gentís desgarros que fazião
 Com mais illustre gala matizados :
 Dos cavallos luzindo as ferraduras
 D'huns espelhos fingião formosuras.

Huns vinte Cavalleiros n'outra tarde
 De capa, gorra, joias bem luzidas ;
 Em ginetes briosos dão alarde
 Caprazões, jaezes d'ouro moit'guerridos
 Pelas ruas passando onde a Festa arde
 Com pélas, atabales, e ruidos :
 Os *vivas* no Oceano lá dos ventos
 Atroavão do Globo os Elementos.

Entrarão no Rocio perfilados
 Dois a dois ; pár a pár em correrias
 Em giro bem vallando os tabolados,
 Manilhas dos anneis por galhardias
 Formavão estes Parthos afamados
 Excessivo primor das Cortezias :
 Premios, vivas, louros, galardões
 Dos *gentios* *Carvalhos* são Padrões. (22)

Na tarde quarta Festa há diferente;
 Comedia nova há; Letras diversas,
 Musica soa acorde grandemente;
 A viola d'*Arião* tem cordas tersas:
 Dourados pedestaes de Coimbram gentẽ
 Bailes, festins nas ruas e travessas:
 Recitando bem versos e Poemas
 Canções varias, altos sutis emblemas:

Chega a tarde quinta dia aprazado,
 Em que d'Almeirim touros pôr fizerão
 Azas a Cavalleiros affamados:
 Bramia o touro a quem as ervas dêrão
 Do Vecejante Abril motos sforçados;
 Dos Cavallos as pernas azas erão
 Para a morte fugir dos bravos touros,
 Sem que os Campeões matassem com desdouros.

Mas estes com valor alado e forte
 Entregues ao furor em ira ardendo
 Repetem-lhe o giro fugindo á morte;
 Encára o féro bruto olhos volvendo
 Qual raio que da nuvem traça o corte
 Os Campeões mais se vão enfurecendo;
 Vencem: e n'hum cypreste pendurados
 Deixão os seus tropheos ensanguentados.

Sexto dia terceira traz Comedia -
 Presumida por extremo em belleza;
 Pois novas galas ha novas Tragedias
 Lá d'*orphen* novas erão gentilezas;
 Bailes, galas, toadas erão medias
 Formas d'altas cantar gentis emprezas:
 As Ninfás do Mondego alto cantarão,
 As Camenas que alegres entoarão.

Vem sétimo que faz dia o Senhor,
 Que c'hum dedo orbes tantos andar faz,
 A Coimbram Fidalguia por amor
 Hum luzido Festim fazer-lhe apráz:
 Vão vinte Cavalleiros, nobre flor,
 Conduzidos por hum que era o Primáz:
 Dom Antonio chamado Mascarenhas
 Dos Condes d'Atalaia tem resenhas.

Marlótas, Capilhares, Laçarias
 Trumfas, touquilhas, volantes, prateadós,
 Os florões d'ouro, plumas, carmezas,
 Do Primáz quadrilheiros vão smaltados:
 D'outra quadrilha vai com vestiarias
 D. João d'Ataide e os sociados;
 Este teve sutil engenho e Arte
 Pois que soube juntar Minerva e Marte.

Dos Paços lá do Bispo sahe a trópa
 Diante delles hião tres trombetas;
 De seda com vaqueiros, girões nota,
 Ouro e prata luzida nas fardetas;
 As Canas douradas cá d'alta Europa
 Vão formar a batalha por gracetas:
 No Rocio *Belona* brincadeira
 C'o grande Povo stava festêjeira.

Dos grandes stavão seis muito luzidos,
 Bispo Conde D. Pedro de Menezes
 De Coimbra, de Cantanhede apellidos
 Condes; vindos de Godos Portuguezes
 D. Pedro Manoel do Bispo havido
 Por Irmão; D. Gastão que por arnezes
 De Coutinho bem fez fugir os Mouros
 E humo qual Campeão de touros;

Outro de Menezes Francisco Brito
 D'Academia Reitor mui vigilante ;
 Que p'ra seu Nome louvar foi qual Tito
 De Roma delicias, de Coimbra Atlante ;
 D'And^{ada} d'Almada outro se acha scrito (23)
 O Nome só lhê basta triunfante :
 Já tardava hum titulo nos Almadás
 Depois de Guilherme de *Longas spadas*.

Não fe^v em *Canas* d'Italia o Arraial
 Maior que esta em Coimbra por batalha ;
 Naquelle o valor do grande Hanibal
 Tudo com ferro, com sangue atrapalha ;
 Neste as *Canas* de Coimbra não dão mal,
 Nada tem ferro, nada tem metralha :
 Das trombetas o som bem se alternava
 C'os vivas mui diversos alegrava.

No Domingo de Festa oitavo dia
 Magna Procissão faz Senhor Mitrado ;
 Salmo = *Laudate Dominum de Caelis* =
 Foi a base em que funda o processado ;
 Tudo o que o Mundo traz lá de *excelsis*
 De tudo faz hum cumulo aggregado :
 Anjos, Sol, Lua, Montes e Estrellas
 Neves, ventos, raios faz descrevellas.

Das Portas da Sofia inda lá fóra
 Do Lazaro Templo sahe Procissão ;
 Atabales, clarins, pompa sonora
 Guião hum Cavalleiro Cortezão ;
 Com joias preciosas se decóra
 De seda alçado leva hum guião :
 D'Aragão Armas tem mui bem pintadas
 Nesta face, e as de Lisia respeitadas.

D'outra d'Isabel stava alto retrato;
 E a Letra a seu lado apropriada
 De Musica vão coros por Ornato;
 Carroça triunfante era puxada
 Pelo grande *Abestruz* em apparato;
 Ave que he de mór vulto adornada:
 Real Profeta no Carro vai sentado
 Em sceptro, roupa, e roa' respeitado.

Passamanes com ouro e bordaduras
 Seus vestidos Réaes acrizolavão,
 Finas perolas, joias; pedras duras
 Os raios d'alto Phebo envergonhavão:
 Huma tarja na mão leva a figura,
 Com Letras que Isabel Santa mostrava:
 Hercules vai no baixo arrogante
 Sustentando em seus hombros o Atlante.

Entoárão no Globo do Real Carro
 De Musicas dois Coros sonoros
 A' Letra respondendo em som bizarro,
 Quaes da tarja louvores amorosos:
 Anjos tres vão depois gentil desgarró
 Rafael, Gabriel, Miguel formosos;
Laudate eum Angeli cantavão
 Com que do Ceo os mais elles chamavão

Seguem-se Sol, Lua, e mais Planetas;
 Que a abóbada azul d'alto Firmamentó
 Martelando aos ouvidos quaes Trombetas
 Mostra haver d'hum só Deos conhecimento:
 Do Sol a Figura era qual Cometa,
 Radiante cauda lhe faz spavento:
 No peito tinha hum Sol de fino ouro
 De fulgidos Raios desbocadouro.

De branca tunicella veste a Lua
 Hum colete de prata e quartões;
 Na cabeça nem cresce nem mingua,
 Diamantes lhe formão seus Padrões:
 Jupiter e Marte hião com as suas
 D'Armas insignias que são rojões:
 De Primavera Venus tem vestido
 Como stella na mão vai seu Cupido.

Vai Mercurio; Saturno vai seguindo
 Ambos em alegria perfumados;
 Vasto seu *annel* vai bem dividindo
 Os tristes dos alegres celebrados:
 D'*omnes stelle* o Cântico abrindo
 D'hum *Laudate* elles vão abrilhantados:
 Segue-se das Estrellas outro Globo
 Atlante posto vai d'aureo modo.

O alto Globo vinha rutilante
 Com *Calistos*, *Pleiades*, *Cynosuras*;
Orion de *Diana* caro amante
 A quem *Scorpião* tirou suas frexuras:
 Carneiro, Tauro, Marte dominante
 A balança, a cabra, cancro em figura:
 Já outras *stellas* mais do Promontorio
 De Luzes vem, ou Sões Laboratorio.

Rodava a terra n'hum soberbo carro
 Sobre huma longa serpe sustentado;
 Qual de *Python* tripeça para o bizarro
Apollo nella stando collocado;
 Frutos, Arvores, plantas este barro
 Germina por *Jehóva* só mandado:
 Sobre hum *Throno* sentada esta figura
 D'hum Leão com pé bate a grenha dura.

Junto ao feroz Leão lançados stavão
 Sceptros, C'roas, tambores já vencidos;
 Do cruel Marte Imperios que exhalavão
 Os fulguerosos raios accendidos:
 Na cabeça huma Torre bem lh'armavão
 Firmes os Elementos estendidos;
 Na terra altas façanhas luminosas
 A tinta screve mais que as fabulosas.

Dois Filhos da tal Terra vão diante,
Giges era seu Nome e *Briareu*
 Dois tão altos famosos grãos Gigantes
Laudate Dominum de terra he seu
 O Cântico indicado tão flamante:
 Duas Filhas da Terra Irmãs d'*Anteu*
 A quem com flores Flora enfeitava,
 E com que a Procissão abrilhantava.

Dois d'aspecto terriveis huns Dragões
 Caminhavão atrás qual sentinella,
 Dos Jardins das Hesperides spiões
Laudate eum Dracones diz tabella:
 Menos erão que Hercules valentões;
 Segue-se então Neptuno e a parentella;
 N'outro triunfante carro Deos marino
 Que os cavallos do mar tem por destino.

De verde mar as cores o smaltavão;
 Huma concha de prata dava o brilho,
 A que quatro paineis representavão
 Tritões, embarcações, peixes coquilhos;
 Penhascos, e Sereas denotavão
 Caras, redes, anzões, affogadilhos:
 De Seras a Donça vem atrás
Aque super Caelos cantão em paz.

Grande outro Carro o Ar representava
 Placidamente airoso em pé se mostra
 Esta figura em Cameleão sentada
 De funtadores veste; o Sol arrosta
 Huma Ave traz na mão Sobranizada;
 Na cabeça huma Nuvem se demonstra:
 Passaros, caçadores, perdigueiros
 Erão desta Figura companheiros.

Outras virhio a pé mais figurilhas
 Fogo, neve, saraiva, caramelo:
 Pois cahião do Ceo suas quadrilhas;
 Monte *Etna* he de chammas o modélo:
 Nuvem deste volcão são suas filhas;
 Fazem-lhe d'algodão vestido bello:
 Duas figuras mais que denotavão
 Saraiva, caramelo em joias gravão.

Ignis, grando, nix, glacies, era a letra
 Com cara vermelha o fogo pintava;
 Com caras brancas d'outros por gracetas
 Eólo Rei dos ventos se assentava;
 Qual *Orpheu* lá dos matos com trombeta
 Sobre hum Monte onde os ventos convocava:
 De pennas, e d'azas figuras quatro
 Na sua base leva o bello quadro.

As Salamandras outro carro levão
 C'o flamante Vulcano levantado;
 Diante vai a forja em que s'empregão
 Os dois Brontes Ferreiros; malho alçado:
 Brazas, faiscas, fogo tudo alegrão;
 Vai Cupido menino desnudado;
 Na mão arco; vndados leva os olhos
 De setas lá n'aljava enfeixa os móihos.

Vai atrás hum Soberbo Cavalleiro
 Da concordia altamente figurando ;
 Hum branco Pendão leva c'hum letreiro
Qui faciunt verbum ejus representando :
 Em duas mãos pegadas verdadeiro
 Amor ; e huma C'roa rematando :
 Varios com elle vão Arcabuzeiros
 Brilhantes leva mais huns Cavalleiros :

Vão os Reis ; o Dom Jaime , o Dom Fernando ;
 Não sanguinosas levão suas spadas ;
 Concordia fizerão Isabel orando ,
 Porém antes as levão arrancadas :
 Segue-os ElRei Diniz no mais andando
 Dos Affonsos Irmão , Filho ás mãos dadas :
 E n'outro Carro vai mui Magestosa
 Santa Isabel Rainha gloriosa.

Reges terra ; omnes populi , se diz
 Na letra ; e as doze *Tribus* que Simeão
 Guiava com Escudo que condiz
 Na letra = *Omnes Tribus terra* = então
 Juizes d'Israel d'aureo matiz
 Nos vestidos antigos elles vão :
 Sendo o maior Profeta Samuel
 = *Omnes Judices terra* = diz papel.

N'outro Carro vai Abel innocente
 Rodeado de meninos e meninas
 Com capellas de flores vão contentes ;
 = *Juvens , et virgines* = letra ensina
 Mais outro Carro vai que grandemente
 Sciencias leva bem d'alta Doutrina ;
 Canones , Medicina , Theologia
 Governadoras Leis , Filosofia.

Huma formosa Náo a que s'avista
 Alegrementemente vai empavezada;
 Na Popa huma bandeira por conquista
 Com flamas, galhardetes adornada;
 Nella sentada vai Isabel Clarista
 Freira: qual Flora a mais rev'renciada:
 Das Rosas o milagre por festejos
 = *E Laudate Dominum in Sanctis ejus.* =

Da Náo quatro figuras occupaváo
 A frente que a Isabel mostráo virtudes;
 Humas letras a Náo condecoraváo
 = *Laudate Dominum omnes virtutes* =
 Estas virtudes quatro bem cantaváo
 Ao som de campainhas e alaudes:
 = *Laudate in Cymbalis bene sonantibus* =
 A Deos c'os sinos façamos Canticos.

Depois vai huma Náo lá n'hum andor
 Grande com quatro Santos d'alta monta;
 Luiz, Antonio, Ignacio, Bento Mor
 Dos Monges de Palermo que se conta:
 E d'Ophir todo o ouro com primor
 Das Indias pedraria bem s'aponta;
 P'ra enfeitar das virtudes os Magnátes
Canticum novum Domino cantate.

Do Serafim chagado vai a gente,
 Salmos cantando: o Palio depois vai;
 O Sacerdote leva em sua frente
 D'Isabel o bordáo que pobres attrahe:
 Da Camera o Gráo Senado mui luzente
 Com Justiças de Coimbra alegre sahe:
 Alto Sol que voava; o Sol corria
 Nas sombrias trévas acaba o dia.

A Procissão termina ; e n'outro dia
 Os torneios se fazem no tal campo ;
 Outro Tablado ha com bizartia
 De quarenta e cem palmos que dá spanto ;
 Pyramides lhe fazem galhardia :
 Os globos , as bandeiras dão encanto :
 Sacrilegos Gigantes que dão guerra
 Ao Ceo , que o Grande *Jehóva* lá encerra :

N'hum Carro triunfante vem *Sá Pereira* (24)
 Dos Marquezes d'Abrantes descendente ,
 D'artilheria as peças em frenteira
 Seu braço forte ostenta este valente ;
 As Salamandras vão na dianteira
 Puxando o Carro deste combatente ;
 Pifanos , e tambores , clarinetas
 Esta atroavão Praça nas carretas .

Apeou-se em faxas d'ouro involvido
 Hum elmo , tonelete , e guarnição
 Sanguineo desafio presumido
 Huma cruenta guerra indica a Mão ;
 O Pagem do Escudo : leva sculpido
 N'hum Nuvem Isabel lá d'Aragão ;
 C'o a *Letra* p'ra pôr n'alta Cabeça (25)
 Do Mantenedor bem que o enobreça .

Vai o Mantenedor lá ó Theatro
 C'om Acha d'armas que he muito dourada ;
 Vem Dom João d'Ataide em apparato
 De Cortezão Padrinho á escada ;
 Com Nicoláo de Sá triumphato
 Fazem as cortezas celebradas :
 Fidalgos depois vão aventureiros
 Cortejar os Juizes Cavalleiros .

Descem depois de em terra haver deixado
 Capas que naturaes fingião cousas ;
 Da montanha lá hum já sahe pasmado ,
 Outro d'huma serpe que baixo o pouasa ;
 Féras, Monstros, Castélos tudo armado
 Lá no jogo do ar flameja e stoura :
 Com strondos ensurdece o Horizonte
 Cometas vibrava Coimbra em Monte.

Já dos Aventureiros arde a guerra
 C'o as lanças, e spadas braço a braço ;
 O horrendo Marte tudo a terra
 Fidalgo em briga nunca tem canção ;
 Pois por vergonha nem grita nem bêrra ;
 Se o corpo he de ferro, a alma he d'aço :
 As penhas stremecêrão d'alto Monte
 Columns s'abalárão d'horizonte.

Com mui luzidas galas vem vestidos,
 Qual Dido por si fez lá em Carthago
 P'ra ó Eneas seu d'ouro hum tecido ;
 Vão ao Campo de Marte no aprazado
 Dia em que os torneios dão bramido
 As lanças, as espadas davão brado ;
 Quaes touros stremecer fazem a terra
 Quando o forte Campeão rojão lhe férra.

Este jogo de Marte em brincadeira,
 Que as Naves do Atlante arrombaria,
 Furiosa pintava-lhe a vizeira,
 D'huns contra outros a rija bataria,
 Alternandô d'huns e outros a carreira
 Em quanto o Lampeão do Céu faz dia :
 Da Brigada então cessa o Marcio jogo
 Sem ninguem se ferir com ferro ou fogo:

O Mantenedor Ramo dos Sás Pereiras
 Que com titulos hoje Lisia adorna ;
 No jogo premiado das carreiras
 Armigeras em maior premio s'orna
 D'Anadia a vindouros tal Palmeira ;
 Todos por huns Heroes Bellona forma :
 Então acabar vai Conde Mitrado
 A Festa , Vice Rei , Real Prelado. (26)

A Cidade então faz as suas Festas
 Sete dias que foráo continuados ;
 Torneios , luminarias , e orquestas
 Alcanzias , e touros garrochados
 Comedias , muitos bailes , e florestas
 Tragedias , manilhas , festins alados
 Tudo quanto alegre esta Cidade
 Que *Hereules* lá riscou á posteridade. (27)

Logo Universidade vai mostrar
 Seus Festivos applausos á Rainha ,
 Por se Santa Isabel canonizar :
 Minerva premiou estudante linha
 Que das Musas virtude singular
 Em versos seus a cantáo por Madrinha :
 A sala de *Academo* lhe dá começo
 Apollo nelles dá louvado apreço.

Nunca o Parnaso foi tão carregado
 De Poetas bebendo na Castalia ;
 Nem *Helicon* , *Cythero* celebrados
 Tantas graças tiveráo d'Audalia ;
 Nunca o Deos da Cithara deo mais brados ,
 Como s'encantou Coimbra com Thessalia :
 Cada estudante Apollo parecia
 Em honra desta Sábia Academia.

Do Collegio Bento o D. Abbade
 Eloquente elle orou qual boca d'ouro,
 Chrysostomo outro foi na apparidade,
 De Demosthenes copêa seu Thesouro;
 O *Prestito* vai da Universidade
 O tumulto visitar Augusto Louro:
 Cantando elles vão louvando agora
 A Isabel que de Lisia ostenta Aurora.

N'outro dia na Igreja festejarão
 A coros d'alta Musica afinados
 Com a Missa que os Anjos entoarão;
 O Bispo d'Angra orou com taes agrados,
 Quaes sempre nos Dominicos s'observarão;
 Antonio da Resurreição dá brados:
 As azas bateo Dama voadora
 A gente c'o clarim faz sabedora.

Na Corte que aurea *Venus* brilhantou
 Onde flameja o *Hespero* nocturno,
 Quando Phebo no mar se sepultou,
 Reaes Festas Madrid faz no taburno;
 Filippe quarto então bem ordenou
 Festas que lá alegrassem a Saturno:
 Festeja sua Real Progenitora
 Que de Lisia e Iberia he Protectora.

Mascaras, luminarias, bravos touros,
 Fileiras militares mui brilhantes,
 Fingidas guerras, polvora em stouros
 Deixão Praça vazia aos Militantes:
 Então sahe D. Duarte com seus louros
 D. Aitona, o Marquez ambos farfantes:
 Das canas brigas fazem Valentões
 Quarenta e oito erão taes Leões.

De Phebo o carro d'ouro alto girava
 Rodando nos Oceanos do vento;
 Que avassallados tinha, e bem levava
 D'Hespanha Grandes taes, tal elemento;
 De Ganimedes Aguia qual alçava
 A taes Heróes do Sol lá no Assento:
 Duques, erão mais Condes e Marquezes
 Conduzindo a ElRei por muitas vezes.

Durou esta Brigada toda a tarde
 Até que de Titão braza luzente
 Nos braços de Thetis com bello alarde
 Perde o brilho, vem noite descontente;
 Acaba quanto he Festa; a Fé só arde
 Nos corações do Luso reverente:
 Seus Templos deo a Fama ás Freiras Claras
 Ao Mundo seus Padrões, a Isabel Aras.

Quando dos seculos azas batedoras
 C'o streslado Mondego competirão;
 Quando deste margens recreadoras
 Suas alegres praias submergirão;
 E do tempo as voragens destruidoras
 Com bancos d'alta areia as entupirão:
 Então seu alto leito se levanta
 Pois da nevada *strella* traz a manta. (28)

Herminios montes são onde *Viriato*
 Dos Romanos á força resistio:
 Aqui nasce o rio lá d'hum regato;
 Daqui sua torrente se surgio,
 No inverno bravo vai, no verão pacato;
 No Lago de Neptuno s'infundio:
 Areias elle traz consigo tantas
 Que juntas a Coimbra dormem mansas.

Dos annos rijos dentes roedores
 C'o as forças das aguas do Mondego;
 Tantos areiaes vem entupidores
 Que á segunda Igreja dão carregos:
 Teme Coimbra aluviões destruidoras;
 N'outro Convento cuida Real emprego:
 E por que a Ponte ja embaraçava
 A areia que descia e navegáva;

Segunda Ponte o Rei Manoel brioso
 Construir bem mandou valente quando, (29)
 Os pelagos d'Aurora busca airoso
 Depois que então primeira levantando (30)
 Affonso Henriques fica glorioso,
 Para Mouros melhor ir fugentando:
 Aureo Rei Manoel mandou pedir
 A Julio Convento outro construir.

Pois que Claustros, Igrejas, Corredores;
 Portarias n'agua erão alagadas;
 As Freiras qual Jardim de frescas Flores
 Murchavão com tristeza e com cuidados:
 Era o Conventos então Ilha d'horrores
 Tudo em afflicções dava grandes brados:
 Annos então correrão mais de cento
 Em que d'outro Mosteiro faz assento.

Chega o quarto João, que o Ceo nos dá
 Em nuvens d'aurea côr resplandecentes,
 Empenha quanto ouro Sumatra lá
 Nos manda o seu Ophir tão reluzente;
 Quanto aurea Moçambique em glébas ha;
 Quanto a Brazilia manda refulgente:
 Qual pyramide Egypto grande alcança;
 Tal Mosteiro se faz no monte Sperança.

D. Antonio Luiz lá dos *Menezes*; (31)
 Cnde o esquecido *Lima* se recorda
 Ser dos Godos atraz altos freguezes,
 A sua conta toma a plataforma
 Do novo Real Mosteiro em muitos mezès;
 Riscada do Convento deixa a fórma;
 De Cantanhede Conde era elle então,
 De Marialva depois teve o braço.

Queria o quarto João com brevidade
 Que este *colosso Sperança* s'acabasse
 P'ra tudo s'aprontar em sua idade;
 Que Remora dormente o não tocasse:
 Dos Bentos hum lhe dá por Sociedade
Turriano Lente que o ajudasse:
 A primeira pedra se vai lançar
 Por Saldanha Reitor em seu lugar.

De Coimbra Areopágos se convocão
 Escolhem dia tres d'ardente Julho: (32)
 Lê-se do Rei a Carta que adoptão;
 E todos á Procissão vão com orgulho
 Lá ó Monte benzer Lugar que votão;
 Coimbra alegre vai com grão barulho:
 Escolhe-se na *Sperança* hum tal Lugar
 Nelle a primeira pedra vão lançar.

Tal anno foi Augusto celebrado
 Nos Fastos d'alta Lisia que se contão:
 Só de Christo mais são dias lembrados
 Entre tantos que os *E'vos* nos apontão:
 Camera, Academia, Sé, e honrados
 E com elles os Anjos se confrontão:
 O Lugar abençoão p'ra a Santa Arca
 D'Isabel incorrupta Matriarcha.

Festiva fazem mais a cerimonia ;
 Missa a quatro do mez foi bem cantada,
 Por tres de Musa córos lá da *Aonia*
 Fonte que na *Boécia* he celebrada ;
 Moedas d'ouro e prata em *Lingua Ausonia*
 Lanção para os vindouros historiada :
 Letreiro põem na pedra bem descrito
 P'ra segundo dos homens infinito.

Junto então das que a Clara consagradas
 Irmãs Nome lhe dá o Evo, e Freiras,
 Hum Auto bem se faz d'antepassadas
 Tenções de outro Convento pregoeiras ;
 Tudo em Coimbra exulta as Decretadas
 De João quarto fórmãs e maneiras :
 C'o Ceo strellado Coimbra competia,
 Nocturnas luminarias fazem dia.

Principia-se a obra do Edificio,
 Que do Mondego as Ninfas admirarão ;
 A Cidade se ri em frontespicio
 Ellas lá seu prospecto festejarão :
 Pouco menor a Máfia he este hospicio
 Das Vestaes de Clara que se alojárão :
 Vinte e oito annos gasta a construcção
 P'ra a Isabel se formar tal i avilhão.

Já então qual cadaver stava o velho
 Baixo Convento junto á longa Ponte ;
 Per milagre conserva já revelho
 D'Isabel o corpo em Divina fronte :
 Então Pedro Regente o Evangelho
 Desta *Nova* qual toma Phactonte :
 Cuida na mudança do corpo inteiro
 E das Freiras p'ra a casa d'alto Oiteiro.

D. José de Menezes logo manda
P'ra Reformador d'Universidade,
Bispo eleito então, que era de Miranda;
E que bem do Convento integridade
Lhe dissesse; e o que mais nelle demanda:
Do Bispo supplicar vai a bondade
D'ir vêr o Edificio do Convento
Concluido por fóra e mais por dentro.

Fr. Alvaro de S. Boaventura
De Coimbra que he Bispo e mais Ramo
Dos Marquezes de Gouvea; a Clausura
Concluido, vai vêr, este alto Fano:
Tudo elle acha em lustrosa compostura
Qual de Salomão Templo Soberano:
Nelle se pôde pôr Isabel justa
Qual foi o Vaticano em Roma Augusta.

Breve Reformador vai a Lisboa
A Sua Alteza bem representar,
Que o Mosteiro completa obra stá boa
E que antès do inverno devem star
As Freiras nelle; pois a voz pregoa
Que inundação alguma as vá afogar:
Que o tumulto d'Isabel mudar se deve
Pois que seu corpo inteiro se conscreve.

Manda o Grande *Pedro* Hercules valente; (33)
Segundo Maríz conta, mais a Fama,
Na pia devoção Rei eminente;
Manda a seu Conde Bispo, que s'inflamma
Nos louvores da Santa mui contente,
Dispôr tudo o que pompa bem s'aeclama:
P'ra se fazer Real a Procissão
Das Freiras, d'Isabel trasladação.

Que todo o Clero fosse, e Religiões;
 Muitos Titulos mais e Conselheiros,
 Para as varas do palio e mais pendões;
 Que as Claras coro d'Anjos festejeiros
 Submissas vão orando nas Canções
 Junto do tal Sepulcro dianteiras;
 Que d'Isabel lhe levem seu caixão
 Os Bispos na maior veneração.

Que de Coimbra o Mitrado Conde atrás
 Do pallio vá de Papa bem vestido;
 Depois vá de Minerva o seu Primaz
 C'os Filhos a que Apollo dá apellido;
 Depois Real Senado que bem faz
 Do Grão Pedro o Painei esclarecido:
 N'outro dia demanda celebrar
 Bem de Pontifical Missa no Altar.

E que o do Porto então fosse prégar
 O Bispo, que Linguas d'ouro imitava;
 Que hum Real Secretario vá mandar
 Isto tudo; e o mais que precisava
 Para que em pompa Augusta vá mostrar
 Obra que lhe alto Céu representava:
 Manda a Roque Monteiro mais Paim
 Que a Fama lhe apregoa em seu clarim.

Este, a que cingem louros e mais heras,
 Rival d'Alcides vai com Regio Mando;
 Mas d'Astrea balança d'alta Sphera
 Os Titulares junta em Coimbra quando
 Phebo lá na Zona o Scorpião impera;
 E os Bispos de Christo venerando (34)
 P'ra em seus hombros levarem a Santa Arca
 Que o corpo d'Isabel conscriva em Marca,

Por mil bocas a Dama palradora
 Tanto de noite e dia caminhando;
 De *novas* ambiciosa Prégadora
 Por altas Serras vai communicando
 D' Isabel a mudança sup'riora:
 Os Povos lá de longe vem andando
 A vêr este Celeste Real Traslado,
 Que aureas zonas tem mui matizado,

Mandá-se logo á custa do Regente
 As rendas do Thesouro empregar;
 Arma-se Igreja tal luzidamente
 Com télas d'ouro vai-se abrilhantar:
 As Naves della stão ornadamente
 Fino respirando ouro a flamejar:
 Ricos brocados técto enfeitárão
 Com formosos paineis que o esmaltárão.

Como stava de *prata hum caixão* (35)
 Que de Coimbra o Affonso bom Mitrado
 Com de crystal; e na canonisação
 A Santa Isabel já lhe tinha dado;
 Por Ordem Regia ha averiguação,
 Se este em outro poderia ser mudado;
 Que nos hombros dos Bispos fósse andando;
 Pois velhos cahirião caminhando.

Os Bispos, Provincial, e Guardião
 Pela Regente Dextra Commissarios;
 Ao Convento das Claras todos vão
 Para vêr do caixão o formulario:
 Ao Coro sóbem onde stava então
 E julgou-se que o tumulo Santuario
 Abrir-se precisava p'ra se vêr
 Como stava o Ataude, e assim fazer.

Para esta alta grande obra era preciso
 A decencia, ornato, e pompa Augusta;
 Do Ceo isto se mostra ser Aviso
 P'ra Isabel s'acclamar de vida justa;
 E p'ra mais outra vez s'haver juizo
 Que de seu corpo inteiro á Fé s'ajusta:
 Titulos, Prelados, e Dignidades
 Vão c'o Chefe d'alta Universidade.

D'Outubro a vinte e tres fez-se a abertura
 Deste d'honra Celeste Santuario;
 Hum Notario vai mais p'ra Fé segura
 P'ra os vindouros Ejeis Credenciario
 E os mais convencer da Fé impura;
Arronches, e *Cerveira* cooperarios
 Do tal rico boidado o pano tirão,
 E por esta ventura ao Ceo subirão.

Porém do Mausoleo a pedra grossa,
 Que estava com betume endurecida
 Que mui bem n'huma só pedra s'engrossa
 Muito tempo custou ser desunida
 Lavancas, rodilhões, quanto Arte possa
 S'empregão; e assim bem revolvida:
 Abre-se já o Ceo: *visão beata!*
 Os Anjos lhe entoão huma *Cantata*.

O Conde Bispo stava primordial
 E por sua ordem mais os Bispos outros;
 Os Titulos, Paim, Provincial,
 Guardiães, Confessores, e estoutros
 Que Minerva laureou em Doutoral,
 Da Sé Membros erão com aqueloutros:
 Com tochas quaes estrellas lumeando
 Para o ligneo caixão yêr venerando.

O pano de veludo carmezim
 Que tinha por *sessenta e cinco* annos (36)
 Quando *canonizada* tem Festim
 Bem inteiro se vê pelos Decanos ;
 A vista pelo vulto mostra sim
 Estar inteira Isabel sem nenhuns damnos :
 O Ceo se ria ; os Anjos entoárão ,
 Ursulas do Mosteiro hymnos cantárão.

O Senhor Conde , que he hum dos Mitrados
 Tira o pano ; e o vulto elles olhavão
 E muito bem entrão ficão pasmados ;
 Perolas de crystal que faces lavão
 Lagrimas de ternura os põem moldados ,
 Que a seu Santo prazer os esmaltavão ;
 Risonhas nuvens lá nos horizontes
 Festejão penhas mais e altos Montes.

Dentro do tumulo s'achão duas flores ,
 Que seu Nome hoje tem flores *Mosquetas*
 Frescas que bem milagre são d'amores
 Que ás Rosas de Coimbra dão gracetas ;
 Maravilha perpetua dos candores
 Com que Celeste cheiro s'intrometta :
 Qual por Christo a Sposa dos Cantares
 As flores lá spalhava pelos ares.

O tumulo elles tornão a cerrar ;
 Deixando nelle o corpo em seu caixão ;
 Os Architectos dizem trasladar
 Que não se póde nelle o corpo ; então
 Outro elles requerem para mudar
 Este Santo cadaver d'antemão :
 O *Paim* outro manda que se faça
 D'outra téla rubra d'ouro em massa.

Feito com passamanes d'ouro fino
 Por todos admirado na riqueza
 N'huma *Tarima* o põem em lugar dino
 A par do tumulo com igual alteza;
 Deffronte hum bem se faz Altar Divino
 Onde steja o caixão com bem belleza:
 Mudando-se para elle o Santo corpo
 Tendo alma no Ceo na terra morto.

Vinte forão d'Outubro quando Aurora
 Seu leito d'açafrão vinha mostrando;
 Delle as cortinas abre sem demora
 Seus dourados cabellos desgrenhando;
 Alvorçado Povo s'afervóra
 Feliz tal dia pois stavão sperando:
 Qual enxame d'abelhas no seu favo
 De gente enxames vão ao Ceo oitavo.

Torna-se mais a abrir da pedra a *urna*
 Presentes Bispos são e Titulares;
 E quantos allumea a luz diurna,
 A quantos bem levanta a Fama Altares;
 Das Letras Corifeo com sua turma
 Lentes, Inquisidores, Exemplares;
 Das virtudes na Sé Santos Varões
 Que na *Barca* levantão Pavilhões.

Acha-se o Atrude despregado,
 Suas taboas porém stavão unidas;
 Os prégos todos quasi acabados,
 Da ferrugem nas taboas não comidas:
 Oh! quantos annos são os já passados
 Sem que as taboas se mostrem carcomidas!
 Quaes da Santa Arca Taboas no Deserto
 D'incorrupto pão fez Moysés aberto.

Bispos tirão-lhe tampa sup'ior
 E a *Paim* Secretario a entregárão
 A vós, ditosos Bispos, no arredor
 Deste *Sinai* faiscas vos brilhárão:
 A Moysés Taboas derão resplendor;
 Mas a vós Taboas taes illuminárão
 Ireis da Terra á Sala diamantina
 A Deos ireis cantar Canção Divina.

A celebrada colcha então tirárão,
 Que honra d'Estremoz lá os Anjos mostrão,
 De côr branca que nunca annos traçárão
 Os olhos logo ao vulto claro prostrão;
 E bem seu corpo inteiro denotárão
 Estar Isabel incorrupta mostrão:
 Templos dando-lhe a Fama, o Evo Altares
 O Mundo seus Padrões, Stampas os Mares.

Todas inteiras stavão as mortalhas
 Como no tempo que em *Stremoz* morreo; (37)
 Quando por justa foi canonizada;
 Quando por Santa a Igreja a recebeu:
 O Povo então; Fidalgos a mãos dadas
 Tudo na Santa Fé se accendeo:
 Tocão-se nella fitas, e rosarios
 A Fé s'exalta nestes Santuarios.

Qual lá em Babilonia admiração,
 Que os tres Meninos dão pela fornalha,
 Nos Magistrados, nesta houve função
 Incombustiveis são n'ignea batalha:
 Em Coimbra d'Isabel vestidos são,
 Quaes do tempo tropheo suas mortalhas:
 Desmaios tinha lo Sol, a Luz capuzes
 Estas vestes mais brilhão que estas luzes.

P'ra maior neste Povo haver clareza,
 Os Bispos, Lentes, Medicos palpárão
 De Cirurgia os doutos na inteireza,
 Que o corpo humano tem bem averiguárão
 Que inteiro stava o corpo com firmeza
 Em vozes elles altas entoárão:
 Então os Bispos longas toalhas mettem
 Por baixo do corpo que vêr promettem.

O *Targa*, e *Viseu* elles entrárão
 Descalços no sepulcro e sem Mantelete;
 De carmezim toalhas supplantárão
 P'ra o corpo tirar com galhardete;
 Com toda a decencia o sopezárão:
 Os Anjos vem então qual Ramalhete
 C'o alguns Nobres devotos Fidalgados,
 Que d'alta Lisia são Padrões honrados.

Marmore tão ditoso Isabel deixa,
 Que seculos tres e meio foi morada;
 Qual Pomba que na pedra emmadeixa,
 Feliz pedra de Lisia admirada;
 Na tarima se põem gentil madeixa,
 E com tantos cristaes tão bem ornada:
 Qual de Roma alto Novo *Pantheão*
 Que de Santa Maria tem brazão.

As taboas s'entregão do Atãude
 Parte da colcha em reliquias vai tudo;
 O devoto fervor para a virtude
 Sublima-se em fervor no Povo miudo;
 E todos a Isabel pedem saude;
 Os mesmos rogos faz Povo graúdo:
 Ah! de Lisia o Luzeiro amortalhado
 Em urna de cristal vai trasladado!

De vozes se levanta hum turbilhão ;
 Toda a gente quer vêr o corpo inteiro ;
 A colcha retalhar por sua mão ;
 Das mortalhas pedaços verdadeiros :
 Tanto a Fé em Isabel fez impressão ,
 Que disto furtos fazem pregoeiros ;
 Sem que á decencia, e ornato se faltasse
 Os Anjos pois então cobriem-lhe a face.

Outra vez clama o Povo que quer vêr
 Exposto o Santo corpo no Altar ;
 Tenta o *Viseu* então colcha mover ;
 Inteiros involtorios vai mostrar ,
 Que de Estremoz vierão concorrer ;
 P'ra tanto feliz Lisia s'exaltar :
 Luminosos bastantes são seus raios
 Pois sua alta visão não tem desmaios.

Livre só foi por causa do decóro
 Vêr-se a direita mão e meio braço ;
 Quando o *Viseu* mexeo no involtorio :
 Dos pobres mão smoler sem embaraço
 Ao Smoler *Viseu* dá exhortatorio :
 Clama o Povo com vozes peito d'aço
 Que sua Real Mão elle quer beijar ;
 Pois a Santa Isabel quer festejar.

Bispos , e Conselheiros , Titulos juntos
 Tudo o mais que lá stava na Igreja
 Sacra Mão beijão , qual tem os defuntos
 Corpos ; onde já a vida não ardeja :
 Mão , braço , veias , nervos , e adjuntos ,
 Côr natural , milagre bem voceja :
 Eterna vezes mil será memoria
 D'Isabel que ganhou alta victoria.

Dos cabellos alguns forão tirados
 A Arte em fios d'ouro os enlaçou;
 De Terceira o cordão fios tirados
 A força não pôde que se empregou:
 Tanto quer do Chagado os sinaes dados
 Quanto Deos no Alverne os matizou:
 Mas com ferro os cortarão os devotos
 Alvorçados quaes em festos motos.

As Ursulas (ou Claras) inflammadas
 De sua Companheira beijar mão
 Ellas pedem em lagrimas banhadas;
 Concede-se-lhes a graça: o Ceo então
 C'os véos lhe cobre faces esmaltadas:
 E com tôchas os Bispos elles vão,
 Provincial, Guardião como Ministros,
 Que lá de suas Leis tem os resistos.

As Claras se recolhem ao Mosteiro
 Os Bispos então fazem Consistorio:
 Que o Santo, dizem huns, corpo inteiro
 Ao público mostrar no involtorio
 Se devia; para Fé do pregoeiro
 Clarim; com que da Fama o seu Emporio
 N'Europa se formasse hum alto brado,
 Que fosse em Portugal eternizado.

Expõem-se então o corpo amortalhado
 N'altar d'hum p'ra outro alegre dia;
 O Povo mais concorre alvorçado
 Dos Longes em festiva Romaria:
 De noite luminarias tem pintado
 Em Coimbra as Estrellas que dão guia:
 Tochas eternas mais que os Ceos fulgurão
 Que na serena noite se pendurão.

No seguinte outro dia o Bispo Conde
 De Pontifical Missa vai dizer;
 Então o Sacramento leva aonde
 Lá no hoyo Convento se ha de ter:
 De tarde a Procissão que corresponde
 A esta muda tal se vai fazer;
 P'ra Santa Isabel se trasladar
 Qual d'*Obdedon* a Arca em seu lugar.

Já de mil seis centos setenta e sete (38)
 Corria em E'ra o Astro luminar,
 Quando vinte nove Outubro então mette
 De Phebo sua Aurora tutelar:
 Hum alto Paraninfo s'intromette
 Que do Ceo Procissão lhe vem guiar:
 Anjos por Companheiros elle traz
 E as *Claras* então seguir apraz.

Quaes d'Ursula ellas são dez mil Estrellas,
 Que em Isabel na *Sperança* vão viver;
 Pois por pouco o Ceo custa recebellas
 Dos valles á montanha vão morrer;
 Mas p'ra o Ceo rindo dava prazer vellas
 N'outro igual *Tabor* vão resplandecer:
 Honrosos cultos dava-lhe alta Fama
 Nos pregões do *Clarim* que a tuba chama.

Então a Procissão sahe do Convento
 Por todas Religiões condecorada,
 Que tem Coimbra qual he d'*Astrea* assento,
 Com dezesete vai acompanhada;
 Em varias alas fixas d'ornamento
 Por ser pouca a distancia da jornada:
 Às nove da manhã c'o alto pendão
 Hum Paraninfo guia a Procissão.

Arronches o leva onde vai luzida
 Da Santa a Imagem d'ouro e brocados;
 De splendidas joias mui guarnecida
 Que os raios do Sol deixão desmaiados:
 Da *Ponte* Pai e Filho divididas
 As pontas levão predicamentados:
 Estes d'Hanibal tres imitadores
 Sempre nos lembrarão por vencedores.

Musica d'Atabales, charamelas
 Aqui marcha lhe faz harmoniosa
 Da Santa a *Confraria* d'opas bellas,
 Vestida sua Imagem leva airosa
 D. Fradique de Menezes parentella
 Alta, que lá do *Lima* lhe he honrosa:
 Da *Irmãdade* a vara leva atrás
 Como Juiz Fidalgo brilho faz.

Da Cidade a bandeira tremolante
 Com Musica sonora alcatifada;
 Cabido c'os seus sceptros vai brilhante
 Setenta e quatro mais de Clara amada
 Filhas por mãos dos Anjos relevantes
 Caminhão qual da *via lactea* a straja:
 Alto *Parainfo* d'humana fórma
 A' *Procissão* nós ares vai dar norma.

Guarnecido seu elmo d'alvas plumas
 Desatando ao Sol seus fios d'ouro;
 Ao vento seu Manto em ondas summas;
 Lindo menino tal do Ceo vindouro
Jehova o mandou com argenteas spumas,
 Pra Isabel se mudar de seu Thesouro:
 Bate as azas, ar corta alto guião,
 Outro Sol allumêa a *Procissão*.

Vestidas ellas vão com pardos mantos,
 Na cabeça os véos pretos faces scondem;
 Cegava-as o recato; e Anjos Santos
 Passos lhe ensinavão; e lhe respondem
 Onde devem levar caminhos Santos
 Para o Monte Celeste aqui transpõem:
 Então pelos dois Ceos das faces bellas
 Alegria mostrava qualquer dellas.

Na direita o Provincial hia andando,
 E na squerda a Abbadeça caminhava,
 Chantre, Conegos vão Pallio alçando
 Os oito Titulares Forte Aljava
 Do Regente Grão Pedro por seu Mando
 D'Israel Pavilhão representava!
 Com harpas d'ouro os Anjos entoavão
 D'Isabel os louvores que alegravão.

Debaixo bem do Pallio os Bispos vão
 C'hum andor, em que vai morta Isabel
 Dentro do tal argenteo caixão;
 Com forquilhas imitão d'Israel
 Sacros Levitas nesta occasião:
 De Coimbra ao Maná cobre o docel:
 Vivo se tira lá do Alabastro,
 Pois lá do Ceo a vida toma este Astro.

Sacerdotes com tochas a seus lados,
 De Pontifical vai o Bispo Conde,
 Doutores em Minerva capellados,
 Em duas alas coro vai aonde
 Por cabeça o Rector dá seus Mandados:
 Vereadores no lado lhe respondem:
 O Paraninfo então que marchem manda;
 Regia tal Procissão c'os Anjos anda.

Bem puderas tu, Sol, lá nessa altura
 Teus passos dormentar n'alta carreira:
 Bem puderas tu, Terra, atorneatura
 De teu eixo nos Pólos perguiceira
 Neste dia tazer de maior dura:
 Bem puderas tu, Lua dormideira,
 Nos valles d'*Aiallon* te demorar,
 Para tal Procissão ir de vagar.

Para vermos por mais tempo hum Thesouro
 Que o Ceo tem cá na Terra sepultado;
 Da as Leis da Natureza seu dêsdouro
 Da chimica os Mestres tem admirado;
 Tal Sciencia não abre tal Pelouro;
 As *Mumias* (39) o não tem inda igualado
 Nos tempos que seus Balsamos conservão
 Sem podridão lhes vir; e se preservão.

Alto Paraninfo á Montanha sóbe
 Entre tochas guiada a Procissão;
 No Atrio do Convento mal se move
 Da gente que acompanha a multidão:
 Das Claras alto coro sperar pôde
 Junto ao Altar cadaver no caixão:
 Os Bisp's no Altar o bem repousão
 O *Te Deum* cantar gostosos ousão.

N'outro dia seguinte o Sacramento
 N'outro Altar se põem ao Povo exposto;
 Missa cantar se vai por ornamento
 Do Porto o Bispo vai prégar com gosto;
 Da *Rede e Margaritas* toma o tento
 Dos Lacerdas de Reino este Proposto:
 N'outro caixão os Bispos o mettêrão
 E com tres chaves bem o escondêrão.

Dellas huma foi pois logo mandada ,
 A Pedro que governa a Lusa gente ;
 Outra ao Bispo Conde he entregada ;
 E á Abba deça vai outra reverente :
 Quaes de Pedro as chaves d'alta entrada
 O Ceo na terra fechão refulgente :
 Então da *Esperança* a hermidã pouca era
 Mas n'hum grande Templo hoje se venera.

A *Paim* hum milagre fez então ,
 Com que bem coroou os seus trabalhos :
 Cahe lá d'hum alto andaime de malhão
 Nas pedras da Igreja ; em retalhos
 Fazer-se podia com a contusão ;
 Mas livre se levanta d'enxovalhos :
 Grato elle a Isabel dá rendimentos
 Reconhece o milagre e mais portentos.

De pedra o Mausoleo , que em vida fez
 P'ra se nelle seu corpo sepultar ,
 Mudado foi depois por outra vez ;
 Hoje no coro baixo venerar
 Tanto assim Nobre vai , ou Camponez ;
 Pois da Igreja se deixa bem mirar :
 Da Fama Templo , Anal da Eternidade
 De Coimbra Alabastro na beldade.

Já cinco quasi séculos decorrêrão
 Desde então que alto Sol fabrica os dias ;
 Inda os gazes subtís não corrompêrão
 Este que altas guardão Jerarchias ,
 Estar inteiro assim mo convencêrão
 Razões que tenho eu por Authorias :
 Pois nas oitavas mais tu bem verás ,
 Leitor Amigo ; e lá admirarás.

O turbulento Monstro lá do inferno
 Convoca os moradores do Profundo;
 O Negro Plutão Rei lá do Averno
 Sóbe á Europa; e assombra todo o Mundo:
 Da França o throno goza hum Rei moderno
 Em tempo a nós; astuto, e iracundo:
Engana a Portugal; mette-lhe dentro (40)
 Jacobinos soldados por seu centro.

Napoleão tal ingrato *Briareu*
 Religiões, Templos deixa profanados;
 Cruéis vem Generaes por mando seu:
 Throno, e Altar manchão seus soldados;
 Frades e Freiras fogem deste *Anteu*;
 Tudo chora, e purga seus peccados:
 Por tanto em Coimbra as Claras todas fogem
 O Mosteiro he Deserto, Anjos lhe acodem.

Mas sconder d'Isabel o corpo Santo
 Maior empenho foi e seu cuidado,
 Para que o feróz Gallo entre tanto
 Cadaver não deixasse enxovalhado;
 Não quereria o corpo, nem seu manto
 Mas de prata o caixão levar roubado:
 Os Anjos dizem então para a Abbadeça
 Que s'entaipe o caixão, e desconheça.

Então os mesmos Anjos lhe mandarão
 Que o corpo d'Isabel fossem mirar
 Com decente segredo: assim obrarão
 Tal urna logo vão bem desfechar
 Com chaves que os Anjos lhe entregarão;
 Corpo inteiro bem virão de vagar:
 Segredo todas ellas bem calarão;
 Mas alto *Jehova* o fez bem revelar.

Assim se fez, e assim bem succedeo
 As pedras occultarão tal thesouro;
 Do Ceo este favor se recebeo,
 Paredes tão ditosas, pedras d'ou o;
 Com que o Ceo Isabel Santa escondeo
 Para bem se livrar do Francez Mouro:
 Do *Cedar* as barracas Isabel cobrem
 Onde stá Jacobinos não descobrem.

Quasi hum anno passou, (41) voltão as Freiras
 Na era d'onze com mil e oito centos;
 Vai mudar-se o caixão por festejeiras
 Amas, criadas, mirando tal portento
 P'ra Altar Mór, do Ceo alta cadeira;
 Qual Arca do Deserto ao Regio Assento:
 Se tu com teu Bastão moves os Astros,
 Deos do Ceo, também moves alabastros.

Vinde vós delirantes Jacobinos,
 Que do brutal systema tomais mão,
 Que negais alma ao homem, Libertinos,
 Materialistas sendo em Religião
 Lá do Mestre *Weynaut* olhando indinos
 Russó, Volter, Dideró como Alcorão:
 Oh Monstros que negais alma spiritual
 E que Eterno não ha para o mortal!

Vinde vêr incorrupto hum corpo inteiro
 Ha quinientos quasi annos que morreo;
 De Christo a Religião por verdadeiro
 Rumo de sua vida empredeo:
 D'Egypto as Mumias he hum passageiro
 Phenomeno, que a Chimica escreveo:
 O Mortal, morre, acaba, e apodrece
 Não podre; sô por Deos he que acontece.

As Mumias, os corpos embalsamados;
 Os cadaveres lá na Africa ardente
 Nos areaes s'achão ressecados
 Sem podridão por tempos grandemente;
 Outros no frio Pólo enterçados
 Sem que podre os gangrenê he certamente:
 Mas a quinhentos annos nenhum passa
 Balsamos d'Isabel não tocou Massa.

Caliope Divina do Parnaso
 Da Palmeira, do Loureiro adoptada;
 Musa a quem alto Apollo deu seu prazo,
 A minha heroica Lyra stá cançada
 Tudo te tenho posto em campo raso
 Da historia de Lacerda trasladada:
 Tu me deixa alta Musa descansar;
 Pois meu Estro cançado vai finir.

O que a mim só pertence vou cantar-te
 E quantos d'Isabel favores tenho;
 Quantos annos já são que por minha Arte
 No pão de cada dia me eu empenho:
 No ultimo Sacramento tomei parte;
Muitos Filhos foi meu alto desenho, (42)
 Com que Deos me abençoou; qual Oliveira;
 Que suas pôlas brota criadeira.

Já lá nos meus tempos d'Estudante
 Em Coimbra Isabel eu visitava;
 Sua vida lhe li com fé constante;
 Na Oração lhe pedi que desejava
 Seu amparo na vida caminhante:
 Filhos lhe dediquei quantos sperava;
 E que os protegesse eu terno pedi;
 Isto mesmo sempre eu té agora vi,

Dos sete hum em Apollo s'arraiou;
 D'Esculapia gente toma o manto,
 Na Transtagana terra s'alojou,
 Na *Cuba* lá de Béja o honra o Canto:
 Mas outro inda mais alto sublimou,
 D'Astréa alta balança péza quanto
 Senhor Principe traz-lhe encarregado
 No Moçambique, no Cuiabá dado.

Outro do Evangelista a Aguia o defende,
 C'o as azas que *Pathmos* ministrára;
 Eloy o ajuntou onde s'estende
 Este sabio Congresso que adoptára;
 Outro a Marte fui eu bem de repente
 Offerecer para a guerra Lusa amara:
 Tenente hoje de Marte (43) anda a cavallo:
 No Bussaco arrostou-se contra o Gallo.

O mais moço de Coimbra toma a vereda;
 Supplica ao Grande Apollo reverente
 Que de Medico o *Dom* bem lhe conceda
 P'ra poder bem curar a Lusa gente;
 He justo pois a mim nisto succeda;
 Vio-o Isabel na Baptismal Torrente:
 No coro das Vestaes matriculadas
 Estão mais duas Filhas bem guardadas.

Musa te eu conto mais milagres dois
 Que me fez Isabel (segundo penso)
 Em dois com oito centos d'éra pois
 De Setembro a dois no canal denso
 De Moçambique, ou Mojuncal depois;
 Onde o Filho Ministro soffre intenso:
 Grande Não *Marialva* s'esbandalha
 Todos quasi elles morrem na batalha.

Alta noite era, os mares empolados
 Os pelagos do vento o balançavão;
 A Lancha navegar p'ra quaesquer lados
 Mal podia; então mais ao Ceo bradavão;
 Na confusão os remos perde alados;
 Só lhe hum resta, que em Mastro elles alçavão;
 De seus fatos em véla o compuzerão
 Com que ás Furias do mar as costas derão.

Doze legoas distava Moçambique
 Que na noite seguinte elles entrárão
 Sfomeados taes nautas, que em repique
 De sinos calcão terra; então matárão
 A fome; e para que em historia fique
 A vinte e quatro homens que contarão
 Vestio, e sustentou quem governa lá
 Izidoro d'Almeida Sousa e Sá. (44)

C'os olhos lá na morte as mãos p'ra o Ceo
 O meu Filho então já desanimado,
 Descalço, meio nú, e sem chapeo
 Entra; sempre em Isabel esperançado:
 Ah! Nesse dia tres qual *sobre Ceo*
 Em *Queluz* pedi ao Principe amado
 Huma smola p'ra a Imagem e Capella
 Da Santa em *Condeixa* (45) na Igreja bella.

Oito moedas a Alteza manda dar: (46)
 Faz-se a Imagem; orna-se com flores
 Lampadas, castiçaes, placas no Altar
 Fica em Sernache; pois contendedores
 Se m'oppuzerão; e fiz eu *demandar*
 P'ra a mudar a *Condeixa* com louvores:
 Hoje *esta Igreja* as ballas a arruinarão, (47)
 Que os diabos da França cá mandárão.

Segundo outro milagre eu considero:
 D's minhas casas he o livramento
 Em Condeixa: escapáráo pois ao féro
 Francez; que tudo queima terrorento,
 Por ordem de Massena outro Nero:
 Achão-se n'huma sala em corpulento
 Montão bancas, cadeiras, achas azadas
 Com bem bastante palha misturadas.

Seis mezes de Condeixa são Senhores (48)
 Todos quasi meus moveis m'arruináráo
 Jacobinos Francezes destruidores
 E do Senhor dos Passos arrastáráo
 A Imagem pelo Pateo taes traidores:
 De minha casa pois a desalojaráo
 C'os meus livros a pizaráo seus cavallos
 Furlas estas d'inferno, indignos Gallos.

Porém hum grão painel que a Santa pinta (49)
 Viuva Isabel, que lhe he fronteira
 A' chaminé da sala; e lhe requinta
 C'hum Menino Jesus a flor roseira;
 Hum vidro para luz, fita por cinta:
 Tudo isto elles deixáo de maneira
 Que d'antes o que stava não desminta:
 Quanto o Ceo pois me tem favorecido
 A Deos por Isabel tenho attribuido.

Em fim, Musa, recolhe-te a teu Monte
 Remonta-te bem lá ao teu Parnaso
Caliope Dea os que em leda fronte
 Do sabio Apollo tomas o teu prazo
 Tu nos versos; mas eu na outra fonte
 Que a Medicina dá por alto vaso:
 Ha só hum Deos maior que aos Ceos creou
 E que Medico lá me destinou.

E vós Grande Isabel Rainha Santa ,
 Que a Portugal bem dais maior luzeiro ,
 Os passos illustrai a quem vos canta
 Vossos Annaes; e que he delles pregoeiro:
 Illustrai Casa Real nossa Atlanta
 Firme na Fé de Christo verdadeiro:
 A vossos Reaes Netos que hoje reinão
 Dai-lhe a mão , pois na Fé em vós bem teimão.

Pia recebei meus taes holocaustos ,
 Que do centro cá d'alma vos exponho ;
 Minhas vozes ouvi , meus Cantos faustos
 C'o plectro humilde as claves que componho ;
 Se o vosso Nome invocão os meus Autos ,
 Só por vos eu chamar em vós Fé ponho:
 Recebei p'ra ficar n'alta Memoria
 Meu Canto por clarim de vossa historia.

Cantava em Grandola a 15 de Março de 1815.

Protesto que as licenciosas ficções , de que uso
 neste Poema , são para sómente enfeitar sua bel-
 leza : Tudo o mais sujeito ás infalliveis decisões
 da Igreja de Jesus Christo Nosso Senhor e Salva-
 dor , parecendo-me que não offendo aos bons cos-
 tumes.

José Manoel Chaves.

SONETO

AO PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.

Feito em 1808 pelo Author , conjecturando que não ficaria expulso do seu Reino por se retirar para o Brazil ; fundado na Fé que tem com a Rainha Santa Isabel ; e publicado em Grandola nesse tempo.

„ **P**Rincipe ! Augusto Ramo de Bragança ;
 Vós Sois d' *Isabel Santa* hum alto Néto ;
 Do Grão *Johóva* cumpristeis o Decreto ,
 Que vossa Avó vos lêo com esperança.

„ Penso que Lisia não terá mudança
 Nem se passará d'hum p'ra outro Scéptro ;
 Nem perdereis de Rei o Epitétó ,
 Por mais que a fatal róda álce a Balança.

„ Em socego repousa ; mas á Avó óra ,
 Que lá d'alta Coimbra te procure
 Segurança do Throno que s'explóra.

„ E p'ra que este meu verso mais s'apure :
 Em Profetico vôo digo agora
 = O Provença virá que to segure. =

NOTAS.

(1) Bragança.

(2) Quando veio em 1808 o Exercito enviado por Napoleão por traição.

(3) Era o de S. Francisco junto á Ponte debaixo então do presente.

(4) Diz a historia na pag. 152, que o Rei vio as moedas convertidas em flores.

(5) A historia diz que passando huma mulher com rosas a Santa lhas pedio, e deo por paga aos Pedreiros; estas se formááo em dinheiro, pag. 188.

(6) Ha indicios ser a Imagem de Ourique.

(7) Cedat et auriferi ripa beata Tagi. *Ovid. L. 1.*

(8) Casta e Julia, Tias paternas, Remigio, monge no Mosteiro de *Celis*.

(9) Em tempo dos Godos, em que as Religiosas não professavão clausura; e menos as *Recolhidas* como Iria.

(10) Consta que as ondas do Têjo se abríáo para passar a Rainha Santa a vêr o sepulcro debaixo d'agoa, onde hoje se vê a columna.

(11) Hei Tagus Irenæ sacro tegit ossa sepulcro;
Quæ ut virgo Martyr fulget in Arce Poli.

(12) Está hoje no coro baixo da Igreja de S. Clara; e no Altar Mór está o Santo corpo inteiro em caixão de prata, onde se visita.

(13) Consta que por meio do bordão fez subir o Mausoléo ao coro, que inda hoje se vê no Convento velho.

(14) Assim o diz a 5.^a e 6.^a Lição do Breviario Romano, onde se vêem canonizados varios milagres, o que podem vêr os Leitores.

(15) Morreo em 4 de Julho de 1336.

(16) As palavras = Maria Mater gratiæ etc.

(17) No dia 12 de Julho 9 dias depois da morte, e incorrupta ainda.

(18) Nutrices = Ainda hoje se conserva esta devoção em Coimbra: fazem *oblatus* de galinhas brancas á Santa Rainha as mulheres de leite para lhes não faltar.

(19) *Elisabella jacet sacro hoc Regina sepulcro;*

Quæ meritis nitidi fulget in Arce Poli.

Nempe ita dum vixit, cæco se gessit in Orbe;

Virtute ut morum vixert omne genus

Quo fit, ut a Summo Diva hæc selecta Tonante

Regnet; et Angelico nos juvet usque choro.

Outro com letras d'ouro, e antigos caracteres á parte da cabeceira do sepulcro

Era 1336 die quarta mensis Julii in Castro de *Estremoz* obiit inclita Domina Elisabetha Regina Portugalix; et fuit sepulta duodecima die dicti mensis in hoc Monasterio Sanctæ Claræ, quod ipsamet fieri jussit, et dotavit; et fuit uxor Domini Dionisii Illustrissimi Regis Portugalix; et Filia Regis Domini Petri de *Aragonia*, et Reginx Domnæ Constançæ, atque Mater Domini Alphonsi Regis Portugalix, et Domnæ Constançæ Reginx Castellæ; fuitque Avia Regis Domini Alphonsi de *Castella*, et Reginx Domnæ Mariæ uxoris suæ; hos honoravit, eis benedixit, cujus anima requiescat in pace.

(20) Das Pessoas que viráo inteiro o Santo corpo, e depois destes o Povo.

Os tres Commissarios = o Padre Mestre Francisco Soares, Jesuita, Lente de Prima em Theologia = o Padre Fr. Egidio da Apresentação, dos Eremitas de S. Agostinho, Lente Jubilado na Ca-

deira de Vespera = o Doutor João de Carvalho, Lente de Leis no Digesto velho, Procuradores Deputados por ElRei para aquella causa = o Doutor Balthazar d'Azevedo, Fysico Mór, Lente de Prima em Medicina = o Doutor Antonio Sebastião, Medico, e Gonçalo Dias, Cirurgião, chamados para pelo testemunho dos peritos se fazer a prova da incorrupção = o Reitor da Universidade João Coutinho, que depois foi Bispo do Algarve, de Lamego, e Arcêbispo de Evora = o Inquisidor Gaspar Borges d'Azevedo = o Doutor Francisco Pereira, Deão da Sé = o Padre Antonio Monteiro, Prior de S. João = o Padre Guardião do Convento de S. Francisco da Ponte = o Padre Manoel de Leiria, Reitor da Companhia de Jesus = os Padres João Delgado, e Manoel Palmeiro, da mesma.

(21) Em 1808, em que foi a velhaça invasão de Bonaparte em Portugal.

(22) As coroas cívicas erão de carvalho entre os Gentios; mais preciosas que as d'ouro.

(23) Os Almadas de Portugal descendem d'Inglaterra; vierão livrar Lisboa dos Mouros com o Guilherme de longa espada: hoje tem titulo de Condes.

(24) Deste ramo de *Sás Pereiras* de Condeixa, sahirão os Titulos d'hoje Barão e Visconde d'Alverca, e Visconde e Conde d'Anadia, ultimo João Rodrigues de Sá Pereira Menezes Souto Maior, fallecido no Rio de Janeiro em 1812.

(25) A Letra = Quem defende esta coroa
Mui certa tem a victoria
Pois defende minha gloria.

(26) Os Aventureiros são = João da Silva de Castro = Estacio de Sá de Miranda = Rodrigo de

Albuquerque = João Aranha Chaves = Bartholomeu de Sá = Francisco Amado Varella = Christovão de Sá Pereira = Heitor de Sá Pereira = Sebastião de Sá de Miranda = Bento da Cunha Pestrello = Marçal de Macedo = Ayres Gil de Miranda = Francisco Vaz Pestrello = Antonio de Sá.

(27) A torre das 5 quinas em Coimbra a vi demolir em 1774 para se fazer em seu lugar junto ao Arco de S. Jeronymo o Observatorio Mathematico (hoje no pateo da Universidade): contou me que no alicerce fora achada huma pedra com este letreiro = *Herculei manu fundata quinaria turris* = o certo he que só á força de agudos instrumentos se destez: a Arte do argamasso dos Gentios perdeu-se: o mesmo em Condeixa a velha; seria azeite?

(28) Trasladação em 1677.

(29) 1513.

(30) 1132.

(31) Fidalgos Godos são o Oriente dos Menezes de Portugal.

(32) 1649.

(33) Consta que o Senhor Rei D. Pedro foi homem d'excessivas forças.

(34) Os Bispos = de Coimbra = Lamego = Viseu = Porto = Targa = Pernambuco = Miranda = os Titulares = Cerveira = Miranda = Prado = Figueiró = Orióla = Ponte = Soure = Aveiras = Feira.

(35) Custou então vinte mil cruzados.

(36) Em 1612.

(37) Havia então 341 annos que era morta.

(38) Dia de sua Trasladação do Convento velho para o novo em Coimbra.

(39) Com certeza nenhuma excedeo a 100 annos, e S. Isabel não foi embalsamada.

(40) Em 1808.

(41) Lisongeio-me de dizer que na volta se recolhêrão as Freiras Religiosas nas minhas casas de Condeixa.

(42) Vivem 7, e 10 estão no Ceo: pois morrerão antes do seu 5.º anno.

(43) No Brazil em Cuiabá.

(44) Era a Náo da India, em que morrerão mais de cem pessoas, e as que escapárão forão estas vinte e quatro da Officialidade, e o Ouvidor José Felix Potier Lamas; as outras mais s'escapárão na jangada, furtando os dinheiros do cofre, e a brando á Costa ahi forão tomados pelos Negros, e remettidos prezos para Moçambique; o Ouvidor morreu dahi a hum anno; então tomou posse da Ouvidoria o meu Filho, juntamente com o despacho de Secretario do Governo, e Auditor Geral das Tropas, que já levava para aquella Colonia: donde sahio para o Lugar de Juiz de Fóra de Cuiabá, onde hoje existe como Ouvidor, em 1819.

(45) Onde fui Medico; a Igreja estava feita no tempo do Senhor Rei D. Manoel; e tinha humma Capella de S. Sebastião indecente; e por isso prohibida para nella se dizer Missa; nesta quiz eu collocar a Imagem da Rainha Santa, reformando-a; e principiei com alguma despeza; mas certas contendas me obrigárão a deixalla na Igreja de Sernache, onde está, não se sentenciando na Camera Ecclesiastica o ponto contra o Prior Francisco Xavier de Moraes, que a não quiz largar.

(46) Em 1812 se collocou na Igreja Matriz de Grandola outra Imagem de S. Isabel vestida de Rainha no Altar de S. Antonio á custa de algumas esmolos que o Author devoto pediu á No-

breza daquella Villa, que empregou em adreços, habito grande de Christo, Mnto Real, etc., e hoje 11 de Abril de 1819 vestio outro novo manto de seda que deo o Reverendo Prior José Correa Baptista Cordeiro.

(47) Foi demolida a Igreja de Condêixa á força de grossa artilheria pelos Francezes em 1811, na retirada de *Massena* General, deixando as *Linhas* de campanha junto a Lisboa, que não pôde penetrar; esta Igreja estava grandemente renovada de *estruques*, e gradarias pelo (defunto) Batão d'Alverca João Antonio de Sá Pereira, e juntamente lhe incendiárão seu grande Palacio ahí contiguo.

(48) Nos mezes que estiverão nas Linhas, e vagavão livres até S. Clara de Coimbra; he de admirar que nunca entrassem nesta Cidade. Esta Imagem era do primeiro Passo na parede das minhas casas; e se guardava nellas; a minha restante Familia fugio repentinamente.

(49) Foi huma cousa que me elevou a consideração: este grande painel assim ornado, e que me havia dado D Antonia, viuva, havia annos, ficou como d'antes estava sem lhe faltar ornato algum; quando moveis de maior vulto forão despedaçados; disto fiz lançar noticia na Gazeta de Maio ou Junho de 1811 em anonymo: este painel se tem em veneração; e talvez venha tempo que sirva de pedestal a outro projecto; pois se conserva, e conservará.

INDICE.

N ascimento da Rainha Santa Isabel em 1271 - - - - - pag.	7
O Senhor Rei D. Diniz de Portugal a pedio em casamento - - - - -	9
Por tres Embaixadores a seu Pai D. Pedro Rei d'Aragão - - - - -	10
Despedio-se de seus Pais; chega a Bragança	12
Chega a Coimbra, havendo-se casado em Trancoso - - - - -	14
Vida penitente, e mortificada - - - - -	15
Falso testemunho do Pagem do Rei; e sua morte no fogo do forno da cal - - - - -	19
Luta o Rei com hum urso em os Montes de Béja - - - - -	22
Desordens entre o Senhor Rei Diniz, e Reis d'Hespanha - - - - -	23
Ermitão mysterioso em Pontevel - - - - -	ib.
Fundação do primeiro Convento de S. Clara de Coimbra junto á Ponte, de que hoje não ha vestigios - - - - -	25
Milagre das rosas convertidas em moedas em Coimbra - - - - -	27
Guerras do Filho o Senhor D. Affonso com seu Pai o Senhor D. Diniz - - - - -	ib.
Festa d'Imperador instituida pela Pascoa do Espirito Santo, quando foi degradada para Alenquer - - - - -	29
Milagre segundo das rosas convertidas em moedas ahi - - - - -	ib.
Guerras mais entre o Filho, e o Pai - - - - -	30
. Em Coimbra, Lumiar, Alvalade, Santarem - - - - -	ib.

Testamento do Senhor Rei D. Diniz - - -	34
Visita a S. Iria, em Santarem, junto ao Têjo	35
Historia de S. Iria, e o milagre Santo - -	36
Vestaes d'antiga Roma em Chellas de Lisboa	41
Morto o Senhor Rei D. Diniz recolhe-se a Rainha Santa ao Convento de S. Clara, que havia fundado - - - - -	ib.
Vai a S. Thiago de Galliza - - - - -	42
Vida austera no Convento - - - - -	45
Manda fazer de pedra seu grande Mausoleo	ib.
Por virtude do seu bordão ella só levanta o Mausoleo ao coro da Igreja - - - - -	47
Doações ao Convento - - - - -	48
Segunda Romaria a S. Thiago, pedindo esmolas - - - - -	50
Morte da Rainha Santa em 1336 - - - - -	ib.
Sahe seu corpo d'Estremoz para Coimbra acompanhado por seu Filho - - - - -	54
Não s'embalçamou nem lhe tirarão as entranhas - - - - -	55
Milagres nesta jornada, e chegada a Coimbra - - - - -	59
Nove dias se mostra incorrupta antes de sepultar-se no seu tumulo - - - - -	58
Arma-se o inferno contra a Abbadeça - -	66
Beatificação pedida pelo Senhor Rei D. Manoel - - - - -	68
O Senhor Rei D. Sebastião principia a pedir a canonisação - - - - -	69
O Senhor Rei Felippe Terceiro a conseguiu	ib.
Inscripções antigas junto ao Mausoleo - -	70
Pessoas que pela canonisação virão o Santo corpo - - - - -	124
Virão-se inteiras as mortalhas que trouxe de Estremoz - - - - -	70

Caixão de prata feito pelo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, em que se dispendêrão vinte mil cruzados - - - -	73
Canonisação em Roma com pomposo appara- to do vaticano, e Festas nas Praças - -	75
Levanta-se o inferno contra o Papa - - -	77
Festas nunca taes vistas em Coimbra - - -	78
. As do Excellentissimo Bispo - -	79
. As da Cidade - - - - -	94
. As da Real Universidade - - -	95
. As de Felippe quarto em Madrid	ib.
Trasladação do inteiro corpo da Rainha Santa Acha-se inteiro com as mesmas mortalhas em 1677, assim como na canonisação se achou em 1612 - - - - -	96 106
Vem hum Secretario d'Estado, 7 Bispos, 9 Titulos - - - - -	101
Reliquias de seus involtorios que se reparti- rão - - - - -	107
Povo que a vio inteira, Bispos, Titulos, e Freiras - - - - -	108
Procissão na Trasladação do Santo corpo do Convento velho para o d'hoje no Monte da Esperança, defronte de Coimbra - -	110
Hum Paraninfo governa a Procissão; os An- jos acompanhão - - - - -	113
O Senhor Rei D. Pedro Segundo (então Re- gente deste Reino) conclue a obra da Tras- ladação - - - - -	114
Milagre ao Secretario d'Estado Roque Mon- teiro Paim - - - - -	ib.
Argumento invencivel contra a obstinação dos Judeos, e Jacobinos - - - - -	116
Favores da Rainha Santa ao devoto Author deste Poema - - - - -	117

Está inda hoje inteiro o Santo corpo - - -	115
Painel da Rainha Santa com seus adornos isen- to dos enxovalhos dos Jacobinos nas casas do Author em Condeixa - - - - -	120
Protesto do Author - - - - -	121
Soneto ao Principe Regente Nosso Senhor feito em 1808 pelò Author - - - - -	122

E R R A T A S.

Erros

Emendas

pag.	vers.		
3	4	<i>Sal</i> mihi	Sat mihi
4	22	Inda verás Isabel	Isabel ter
		<i>Ler</i>	
22	1	Mas Diniz	Mas Deos quer a Di- niz
23	13	<i>Iberica</i>	Ibera
25	2	Polo seu	Pelo seu
30	10	fora	foráo
35	25	. . . doura meu	meus
37	20	Das <i>humenides</i>	Eumenides
38	26	De sepulcro	Deste
49	20	<i>Seia</i> destruidora	Séca
35	30	sido: tem o mos- trárão	tem que o mostrarão
69	25	João	Sóão
70	3	Doutores	Doutorães
94	28	Audalia	Acidalia
97	21	Conventos	Convento
98	19	Adoptão	Adoptárão
102	19	Com de cristal	Com seus cristais
103	24	Entoio	Entoáo
112	3	Anjos Santos	Anjos tantos
116	21	Weynaut	Weypsaut
120	27	Deo os que	Dea que





